



**LSPA**  
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO  
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

NOS BASTIDORES DA PERVERSÃO: *UMA*  
*IDENTIDADE PARA DOIS?*  
ANÁLISE DE NARRATIVA EM ASSOCIAÇÃO LIVRE E  
RORSCHACH CONJUNTO

MARIA ELISABETE GOMES RODRIGUES DUARTE ANTUNES

Orientador de Dissertação:

Professora DOUTORA MARIA EMÍLIA MARQUES

Coordenador de Seminário de Dissertação:

Professora DOUTORA MARIA EMÍLIA MARQUES

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2014

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação da Professora Doutora Maria Emília da Silva Marques, apresentada no Instituto Superior de Psicologia Aplicada para a obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

## AGRADECIMENTOS

À Professora Doutora Maria Emília Marques, minha orientadora, por toda a sua atenção e disponibilidade; pelo seu apoio, rigor e críticas necessárias para um bom desempenho; por passar o seu conhecimento e maestria, e pela sua paciência que qualquer ser humano vai “perdendo” aquando pressionado. Também pelas “mensagens” a mim direcionadas, como críticas construtivas para um modo de trabalhar que necessita de estar em constante melhoria. Um muito obrigado!

Aos participantes no estudo, pois sem estes nada poderia ser desenvolvido, pela confiança e a oportunidade que me concederam de evoluir neste campo.

Aos meus pais, que com a sua maneira de ambicionar sempre mais e melhor, tiveram a capacidade de me apoiar, até nas circunstâncias mais desesperantes, em que pensamos que o limite está próximo, adotando sempre uma posição realista quanto ao meu trabalho, mantendo-me confiante das minhas capacidades, motivando-me para alcançar e dar o meu melhor.

À minha avó, que sempre demonstrou o maior interesse pelo trabalho desenvolvido, até quando a sua compreensão não alcançava grande parte das minhas palavras e explicações. Um grande obrigado pelo esforço que fez para me acompanhar e dar tão grande apoio, por se importar não só pela presente dissertação, mas sim comigo e com o meu bem-estar, físico e psicológico.

Aos meus colegas e amigos que me acompanharam não só no desenvolvimento deste trabalho, mas também nos últimos anos da minha vida, que me conferiram motivação e encorajamento, sempre presentes com companheirismo e bom humor, partilhando comigo conhecimentos e/ou sabias palavras.

Ao Bernardo Afonso, que tanto me impulsionou quando mais precisei, onde as circunstâncias se complicam e a palavra “desistir” surge entre tantas outras de desabafo e até mesmo de desespero, por nunca deixar que passasse a ato em si, transmitindo-me toda a calma, motivação e coragem, para seguir o meu caminho e concluí-lo de melhor modo. Todo o carinho e apoio nunca será esquecido.

Aos que permaneceram e também aos que se ausentaram, um bem-haja.

Muito obrigado!

*“Everybody's looking for something...  
Some of them want to use you, some of them want to get used by you.  
Some of them want to abuse you, some of them want to be abused.”*

Sweet Dreams - Eurythmics

## RESUMO

O presente estudo foi constituído com base na temática da Perversão, mais precisamente na dinâmica relacional de um casal considerado perverso, com o intuito de compreender de que modo a relação é estabelecida e que problemáticas podem surgir patentes a estas práticas.

Para tal, sendo que de um casal, onde existe uma intersubjetividade *à priori* presente, se trata, optou-se por seguir um método de estudo que facilita a emergência de temáticas patentes significativas, possibilitando um conhecimento mais flexível e criativo.

Para tal recorreu-se a instrumentos de investigação qualitativa que aparentam ser os adequados, utilizando a Entrevista Narrativa em Associação Livre e a Narrativa Rorschach, ambas aplicadas conjuntamente, num único momento. Todo o material recolhido foi, *à posteriori* analisado em grupo, salientando-se os principais temas, que necessitam de ser expostos e tidos em conta na análise do casal e tema em questão.

Evidencia-se maioritariamente a ausência de uma diferenciação entre os elementos do casal, conferindo-lhes uma confusão na representação de *si* e do *Outro*, remetendo para uma amálgama identitária. Os movimentos elaborados pelos sujeitos remetem para uma constante procura do seu “lugar”, da sua identidade, que aparenta só existir em relação e união com o *Outro*.

O recurso à perversão por parte do casal é realizado com o intuito de camuflar angústias, frustrações e problemáticas inerentes, podendo ser considerado uma teatralidade com o objetivo de “sustentar” a união, e por conseguinte, a identidade, mesmo que deficitária, dos sujeitos,

Palavras-Chave: Perversão; Casal; Identidade; Rorschach; Associação Livre

## **ABSTRACT**

This study was made based on the theme of perversion, specifically the relational dynamics of a couple considered perverse in order to understand how the relationship is established and that patent problems can arise with these practices.

To this, being a couple where there is a priori intersubjectivity, we chose to follow a study method that facilitates the emergence of thematic significant patents, enabling a more flexible and creative knowledge.

To do so resorted to qualitative research tools that appear to be appropriate, using the narrative interview in Free Association and the narrative Rorschach, both applied together in a single moment. All the material collected was analyzed in the subsequent group, highlighting the main issues that need to be exposed and taken into account in the analysis of the couple and theme.

It shows mainly the lack of differentiation between the couple elements, giving them a confusion in the representation of self and the Other, referring to an identity amalgam. The movements produced by the subjects refer to a constant search of their "place" of their identity, that appears to only exist relationship and unity between each other.

The use of perversion by the couple is carried out in order to camouflage anxieties, frustrations and problems inherent and can be considered a theatricality in order to "support" the union, and therefore the identity, even if deficient, the subjects.

Keywords: Perversion; couple; identity; Rorschach; Free Association

## ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	1
<b>1. REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	4
1.1.A Perversão .....	4
<b>2. OBJECTIVO DE ESTUDO</b> .....	13
<b>3. MÉTODO</b> .....	16
3.1.Participantes .....	16
3.2.Tipo de Estudo.....	16
3.3.Instrumentos .....	17
3.3.1. Entrevista Narrativa em Associação Livre .....	17
3.3.2. Narrativa Rorschach em Aplicação Conjunta .....	20
<b>4. ANÁLISE DE DADOS</b> .....	22
4.1.Análise da Entrevista Narrativa em Associação Livre .....	22
4.2.Análise da Narrativa Rorschach .....	39
<b>5. DISCUSSÃO</b> .....	49
<b>6. CONCLUSÃO</b> .....	57
<b>7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS</b> .....	59

<b>ANEXOS</b> .....	61
ANEXO A - Entrevista Narrativa em Livre Associação, Rui e Ana, 40 anos .....	62
ANEXO B - Protocolo Rorschach Conjunto, Rui e Ana, 40 anos .....	85
ANEXO C - Psicograma Rorschach Conjunto Rui e Ana, 40 anos .....	95
ANEXO D - Psicograma Rorschach Rui, 40 anos .....	96
ANEXO E - Psicograma Rorschach Ana, 40 anos.....	97
ANEXO F - Valores normativos na prova Rorschach .....	98

## 1. INTRODUÇÃO

O conceito de Perversão foi alvo de diversas definições, no âmbito da Psicanálise, estando presente uma procura exaustiva por uma explicação plausível, completa e satisfatória para um conceito que abarca uma longa lista de práticas que vão do voyerismo ao fétichismo, entre outros comportamentos considerados sexualmente desviantes.

São diversas as teorias que se baseiam nas conclusões originais, e uma das formulações teóricas psicanalíticas, sobre este conceito, ditadas por Freud que define perversão como um desvio permanente e obrigatório da normalidade do objetivo e/ou objeto sexual, indispensável para obter o orgasmo. Este conceito centra-se principalmente na existência de uma ansiedade de castração e num Complexo de Édipo não-resolvido, considerando a perversão uma defesa. Alguns autores não negam as afirmações de Freud, porém, Kernberg (1995) afirma que este conceito tradicional pode ainda encontrar-se válido, no entanto não pode ser generalizado para todo o tipo de organizações psíquicas.

Muitos autores, pertencentes a diferentes correntes psicanalíticas, abordaram a presente temática, sendo que uma das formulações teóricas sobre o conceito de Perversão é delineado por teóricos britânicos, como Fairbairn (1954), Klein (1954) e Winnicott (1953) (cit in. Kernberg, 1995) que se focam principalmente na dinâmica das relações objetais e que enfatizam contribuições pré-edípicas, a psicopatologia na relação mãe-bebé e o papel central da agressão pré-edípica.

Numa terceira abordagem quanto à psicodinâmica das perversões surgem ainda formulações teóricas da Escola Psicanalítica Francesa. Estas teorias, apesar de se encontrarem parcialmente em consonância com algumas conclusões de Freud, apresentam algumas perspectivas que se podem diferenciar das teorias originais. Entre os autores que seguem esta abordagem, é possível destacar-se alguns conceitos da autora Chasseguet-Smirgel (1985b, 1986), que considera a perversão uma regressão, ou fixação, num componente pulsional parcial, pregenital, substituindo a sexualidade genital que considera bloqueada pela Ansiedade de Castração.

Também a autora Joyce McDougall (1989), que foca o seu trabalho na procura de uma resposta satisfatória para a definição de perversão, para conseguir compreender melhor a existência deste suposto desvio da sexualidade humana, parte do conhecimento inconsciente da cena primitiva, presente em todas as crianças, do qual estas criam um mito pessoal baseada na representação das relações sexuais dos pais. Segundo McDougall (1989) tal como as fantasias

sexuais, os desvios sexuais têm um significado arcaico que combinam muitos temas psicológicos e com um todo altamente condensado.

Antes de explorar a estrutura e economia psíquica das perversões é necessário identificar os objetos da pesquisa. Supostamente um perverso é visto como alguém que não faz sexo como os outros, no entanto a parte complexa da questão é de como é que toda a gente faz sexo (McDougall, 1989). A palavra “perverso” carrega claramente um significado pejorativo, o que normalmente pode dizer-nos mais sobre a pessoa que fala do que das pessoas que praticam atos considerados perversos. O facto de o chamado sujeito com uma sexualidade desviante faça uso sexual de objetos (espelhos, chicotes, analidade ou parceiros do mesmo sexo) parecer inapropriado para o não perverso, não é o suficiente para rotular de desviante sexual alguém que de acordo com as suas práticas sexuais mesmo que esses atos sejam classificados como sintomáticos (McDougall, 1989).

Quanto à questão que se impõe do que é realmente uma perversão, McDougall (1989) opta por utilizar o termo Neossexualidade, que consiste na criação de novas versões da sexualidade humana com o intuito de preencher/cumprir as suas funções, devendo apenas lidar com as bem conhecidas ansiedades neuróticas, tentando manter longe temores e fantasias que poderiam ser vistas como psicóticas.

Apesar da existente literatura no âmbito da perversão, onde é maioritariamente focada a origem desta praticas, recorrendo a explicações provenientes de conflitos edipianos, existindo diversas teorias e perspetivas sobre como surgem estas preferências sexuais ou sobre de que modo um sujeito se tornar perverso, é escassa a informação sobre coo se desenvolve a relação entre um casal que baseia a sua vida sexual em praticas desviantes, e que consequências, boas ou más, advêm destas praticas para o relacionamento conjugal e, por fim, como se pode caracterizar a dinâmica entre os membros do casal.

Para isso, no seguimento do acima enunciado, foi selecionado um casal com comportamentos sexuais considerados desviantes, mais precisamente, integrados em práticas sadomasoquistas, com o objetivo de entender a dinâmica entre um casal com comportamentos considerados perversos, mais especificamente comportamentos sadomasoquistas, onde a dor e o prazer, a humilhação e a excitação, se encontram fortemente conectados. O panorama atual do estudo destas práticas encontra-se desprovido de uma compreensão do universo objetual e fantasmático subjacentes entre sujeitos que se encontram numa relação conjugal onde as práticas sadomasoquistas são uma constante.

Para averiguar como se caracteriza então a dinâmica entre os sujeitos, foi realizada uma Entrevista de Narrativa Livre e uma aplicação conjunta de um Teste Rorschach, com o intuito

analisar as questões que foram surgindo através da exploração pela literatura e autores abordados, procurando uma compreensão não encerrada na lógica da psicopatologia, mas que nos permitisse conhecer, sempre em aproximação, o sujeito psicológico, sob perspectivas alargadas de entendimento.

O objetivo de estudo fora criado como se de um *Grounded Hypothesis* se tratasse: ao invés de dar início ao estudo possuindo *à priori* uma hipótese de investigação, procurou-se, em primeira instância, recolher dados através de instrumentos privilegiados na investigação psicanalítica; de seguida, foi feita uma análise dos dados obtidos, procurando encontrar a dinâmica entre o casal. Após este levantamento, e com base numa revisão de literatura referente à Perversão, levantou-se o presente.

Em primeira instância aborda-se a revisão da literatura sobre o conceito de Perversão, considerado patológico, procurando uma definição satisfatória tendo como base teorias psicodinâmicas.

Seguidamente, com recurso a provas projetivas como a Entrevista Narrativa em Associação Livre e o Teste de Rorschach, foram recolhidos dados significativos para o entendimento da dinâmica do casal, sendo necessária uma análise cuidada de todo o material, seguido de uma reflexão e discussão destes pontos em conjunto com uma apreciação dos referenciais teóricos que podem ser inseridos no que fora recolhido.

Por último, serão retiradas conclusões do presente trabalho, e também uma constatação sobre a sua contribuição para a Psicologia Clínica e para um aprofundamento da área referente aos comportamentos sexuais desviantes, assim como para as provas projetivas e para a emergente área de aplicação das Entrevistas Narrativas em Livre Associação.

## 2. REVISÃO DE LITERATURA

O tema da Perversão não é simples, sendo que se encontram inerentes a este, problemáticas ainda desconhecidas, devido à complexidade e variedade de situações possíveis de identificar, interligadas a esta temática. Diversos foram até então os estudos realizados neste âmbito, com objetivos de compreender melhor o que se encontra “por de trás” desta trama. Para tal, sendo que não se pode considerar algo linear, sem qualquer transformação, é necessário, antes de mais, uma abordagem do que foi concebido, até então, sobre o que pode ser considerado o tema base deste estudo, deixando sempre a abertura para a apreensão de informações que possam surgir, devido a um tipo de estudo que o possibilita.

Deste modo, seria inconcebível abordar o tema da Perversão não referindo conclusões que podem ser consideradas como base para diversas teorias psicodinâmicas sobre este conceito, as conclusões originais de Freud, presentes na sua obra “Três Ensaio sobre a Sexualidade”. Na referida obra, a temática da Perversão é-nos apresentada como um conjunto de praticas sexuais “*que se estendem, num sentido anatómico, além das regiões do corpo que se destinam à união sexual*” ou “*demoram-se nas relações imediatas com o objeto sexual, que devem normalmente ser atravessadas rapidamente no caminho em direção ao objetivo sexual final*” (Freud, 1914).

Freud aborda esta temática demonstrando que no seu entendimento a perversão está presente na população “normal”, “*pelo menos quando se trata dos casos menos graves*”, sendo que estes atos raramente estão ausentes na vida sexual dos indivíduos normais, sendo então encaradas como “*particularidades da sua vida íntima*” (Freud, 1914).

Segundo Kernberg (1995), é possível distinguir três formulações teóricas psicanalíticas da perversão, sendo que uma destas, a primeira a surgir neste âmbito, e referida anteriormente, corresponde às conclusões originais de Freud que define perversão como um desvio permanente e obrigatório da normalidade do objetivo e/ou objeto sexual, indispensável para obter o orgasmo. Este conceito centra-se principalmente na existência de uma ansiedade de castração e um Complexo de Édipo não resolvido, considerando a perversão uma defesa. Freud nos seus estudos enfatizou bastante a função de ligação entre o sujeito e o objeto. Com os posteriores contributos de autores como Winnicott, Bion, entre outros, foi possível compreender, então, a importância da relação do sujeito com a própria função de ligação, em que a teoria das relações de objeto assume uma enorme importância (Oliveira, 2008).

Posto isto, outra formulação teórica sobre o conceito de Perversão é delineado por teóricos britânicos, como Fairbairn (1954), Klein (1954) e Winnicott (1953) que se focam

principalmente na dinâmica das relações objetais e que enfatizam contribuições pré-edípicas, a psicopatologia na relação mãe-bebê e o papel central da agressão pré-edípica. Segundo a presente teoria, o sujeito utiliza mecanismos como a clivagem e a negação, a fim de poder desenvolver áreas separadas na sua mente, que racionalmente podem ser conscientes entre si, mas onde não há qualquer elo emocional. Seriam então duas faces da mesma moeda, sabe-se da existência da outra face, no entanto, não há a possibilidade a conhecer (Freud, 1914).

Numa terceira abordagem quanto à psicodinâmica das perversões surgem formulações teóricas da Escola Psicanalítica Francesa. Estas teorias, apesar de se encontrarem parcialmente em consonância com algumas conclusões de Freud, apresentam algumas perspectivas que se podem diferenciar das teorias originais.

Entre os autores que seguem esta abordagem, é possível destacar-se alguns conceitos da autora Chasseguet-Smirgel (1985b, 1986), que considera a perversão uma regressão, ou fixação, num componente pulsional parcial, pré-genital, substituindo a sexualidade genital que considera bloqueada pela Ansiedade de Castração. Esta autora evidencia uma potencial regressão à fase sádico oral e que o universo anal pode ser um esboço do universo genital, existindo uma transformação da relação simbólica com o falo genital numa relação com o falo fecal pseudo genital. Esta transformação facilita a negação entre os sexos, utilizando a analidade para igualar, e abolição de limites geracionais. Segundo a autora, existe ainda uma defesa secundária contra a regressão anal, mascarando-a, dando-se uma idealização à analidade através da acentuação simbólica dos aspetos estéticos e formas de arte, natureza, objetos físicos e realidade interpessoal. Não obstante, devido à negação das diferenças entre sexos e gerações e a idealização do componente pulsional pré-genital perverso são acompanhadas de cisão que permite ao perverso um reconhecimento da realidade. Num nível consciente, o perverso ainda reconhece a realidade e demonstra uma necessidade de integrar suas lutas perversas com o seu comportamento sexual atual em algum padrão não-psicótico.

Posto isto, segundo esta teoria, as perversões caracterizam-se por uma análise regressiva, negação das diferenças de sexos e gerações, e cisão (de negação e reconhecimento de diferenças sexuais) sobrepostos à repressão. A autora, apesar de ter por base as teorias originais de Freud, considera a relação com a mãe de fundamental importância etiológica quanto às perversões, no entanto, ao contrário da escola britânica, considera que a agressão contra a mãe reflete aspetos arcaicos da situação edípica derivada não de cisão das relações objetais parciais cindidas com o seio, mas de distorções fantásticas do interior imaginado do corpo da mãe.

Para Chasseguet-Smirgel, a perversão consiste na necessidade de negar a realidade da mãe e o “continente negro” do interior de seu ventre e da agressão inconsciente contra ela, expressada pela fantasia arcaica de destruir o conteúdo do corpo da mãe, incluindo neste o pênis, outros bebês e qualquer obstáculo presente. A agressão contra a mãe projetada sobre ela própria como uma figura genital primitiva engolfadora, a necessidade de negar a percepção da vagina e a agressão contra o conteúdo dos genitais da mãe, deixa subjacente e reforça a ansiedade de castração do estágio edípico ulterior, em ambos os sexos.

Não obstante, é necessário dar a devida importância ao trabalho de Freud, em que este se centra no complexo edípico e na ansiedade de castração quando é determinada a regressão defensiva numa componente de pulsão sexual. Pode ser considerada uma versão modificada da posição dos britânicos, com especial ênfase na negação defensiva das diferenças entre sexos e gerações e na idealização da analidade. No entanto, na prática clínica, não encontramos as mesmas dinâmicas subjacentes para todos os casos de perversão. As fantasias perversas polimorfos, atividades e capacidades constituem parte essencial da sexualidade humana em todos os níveis de patologia e da normalidade.

Segundo esta abordagem, a consolidação de uma perversão específica como pré-condição obrigatória de gratificação sexual, em detrimento da liberdade comum da flexibilidade de gratificação sexual numa relação estável com um objeto amoroso heterossexual, pode indicar um grave ou moderado, de acordo com o nível predominante de organização de ego e relações de objetos. Outra dimensão crucial que co-determina a estrutura e o prognóstico da perversão é o nível de desenvolvimento e integração de funções do superego.

A autora Joyce McDougall (1989), que foca o seu trabalho na procura de uma resposta satisfatória para a definição de perversão, para conseguir compreender melhor a existência deste suposto desvio da sexualidade humana, parte do conhecimento inconsciente da cena primitiva, presente em todas as crianças, do qual estas criam um mito pessoal baseada na representação das relações sexuais dos pais. Segundo McDougall (1989) tal como as fantasias sexuais, os desvios sexuais têm um significado arcaico que combina muitos temas psicológicos e com um todo altamente condensado.

Antes de explorar a estrutura e economia psíquica das perversões é necessário identificar os objetos da pesquisa. Supostamente um perverso é visto como alguém que não faz sexo como os outros, no entanto a parte complexa da questão é de como é que toda a gente faz sexo (McDougall, 1989). A palavra “perverso” carrega claramente um significado pejorativo, o que normalmente pode dizer-nos mais sobre a pessoa que fala do que das pessoas que praticam atos considerados perversos. O facto de o chamado sujeito com uma sexualidade desviante faça uso

sexual de objetos (espelhos, chicotes, analidade ou parceiros do mesmo sexo) parecer inapropriado para o não perverso, não é o suficiente para rotular de desviante sexual alguém que de acordo com as suas práticas sexuais mesmo que esses atos sejam sintomáticos (McDougall, 1989).

Portanto, o termo pervertido apenas nos dá informação, e enviesada, sobre o sujeito, pois só se foca numa parte deste. Etimologicamente *per-vertere* significa um movimento de retorno ou regressão. Qualquer dicionário ira informar-nos que esse movimento é invariavelmente em direção ao diabo. Como tentativa de escapar desse juízo de valor implícito, pode ser verificado o uso corrente do termo “Deviation”. No entanto, este termo por sua vez, apresenta um inconveniente pois “Deviation” (outro caminho) sugere que a sexualidade perversa não é nada mais que uma escolha de um caminho diferente para o mesmo fim de prazer, comparado ao “sexo normal”. Sendo que o suposto objetivo de uma relação heterossexual é o orgasmo, então esse outro caminho deveria significar que a perversão sexual que nos leva ao orgasmo não se difere de qualquer outra forma de relação sexual, a única diferença é de que segue um caminho mais complicado. Nesse caso, nada iria distinguir perversões sexuais de preliminares eróticos (McDougall, 1989). Mesmo que jogos de amor partilhem certas características com algumas das perversões sexuais levar-nos-ia a ficar com um conceito bastante simplificado do significado destas invenções que são consideradas neossexualidades. De facto, perversão sexual, não e nada mais que uma manifestação de um estado psíquico complexo, onde ansiedade, depressão, inibições e perturbações narcísicas têm um papel. Não é nenhum caminho alternativo simples na estrada para o prazer sexual, mas sim uma organização intrigante que deve preencher múltiplas necessidades, dando às neossexualidades a dimensão de compulsividade (McDougall, 1989).

Esta autora afirma que parte dos aspetos genitais da cena primitiva e dos conflitos fálicos edipianos que provoca, esta cena pode igualmente ser imaginada em termos pré-genitais sobre a forma de fantasmas de devoração, de trocas eróticas anais, e sádico anais, de confusão bissexual, fantasmas arcaicos de vampirismo, de medo da perda do senso de identidade/representação dos seus limites corporais. Quando os tais fantasmas têm um papel predominante na realidade física do sujeito, as relações sexuais e amorosas têm um risco de se tornarem uma ameaça de castração de aniquilação e até de morte. Na tentativa de aprofundar o significado inconsciente dos fantasmas ligados à cena primitiva ou original, podem observar-se as suas influências dentro dos pais com um funcionamento borderline, e mais particularmente nos que somatizam de forma severa (McDougall, 1989).

Segundo McDougall (1989), a partir da escuta de “comunicações” psicossomáticas pode verificar-se um terror da dissolução, de perder os seus limites corporais, ou o senso da sua identidade, de destruir *O Outro*, ou ser invadido e destruído por ele, ansiedades frequentes que por consequência revelam ligações secretas a fantasmas amorosos e sexuais da sua infância. Por de trás desse medo infantil guardado dentro da memória do corpo e sem acesso as representações linguísticas escondem se associações que remontam ao tempo das primeiras transações entre a mãe e o seu bebé. Dentro do mundo psíquico infantil, onde co-existe o ódio e o amor dentro de uma corrente de investimento libidinal incessante sobre os objetos parentais, estas trocas fantasmáticas contribuem para a edificação de uma imagem sedutora, por vezes angustiante, da cena primitiva.

Quanto à questão que se impõe do que é realmente uma perversão, McDougall (1989) opta por utilizar o termo Neossexualidade, que consiste na criação de novas versões da sexualidade humana com o intuito de preencher/cumprir as suas funções, devendo apenas lidar com as bem conhecidas ansiedades neuróticas, tentando manter longe temores e fantasias que poderiam ser vistas como psicóticas

A referida autora fala de soluções neossexuais em vez de perversão pois a palavra *perversão* encontra-se frequentemente acompanhada por uma conotação pejorativa, no qual se evoca a perversidade como uma tendência para o mal. Para além desta conotação moral, não é considerado relevante designar uma pessoa (na sua própria singularidade) como “neurótico”, “psicótico”, “psicossomático” ou “perverso”, porque cada uma dessas categorias clínicas remete para um infinito número de variantes. Estes rótulos, problemas de classificações psiquiátricas e psicanalíticas, deviam ser aplicadas nos sintomas em vez de nas pessoas. McDougall (1989) avançou a ideia de que qualquer sintoma psicológico corresponde a uma tentativa de auto cura, com o intuito de escapar à dor psíquica; isto aplica se também à sexualidade sintomática – se nos é possível defini-la. Continuando com esta perspetiva mais construtiva do significado dos objetivos dos sintomas e as razões pelas quais foram construídas iremos descobrir sempre que estas constituem soluções infantis aos conflitos, às confusões e à dor/sofrimento mental (McDougall, 1989). Face à dificuldade de ser um ser humano, e face igualmente aos conflitos inconscientes dos nossos pais, somos todos obrigados a construir maneira de sobreviver. No que concerne a McDougall (1989), a autora tenta encontrar uma definição satisfatória de um ponto de vista psicanalítico, do que poderia, dentro das atividades ou escolhas sexuais dos adultos, constituir um sintoma.

Oliveira (2004), no seu trabalho sobre o funcionamento perverso da mente confronta-nos com a ideia de, neste caso assume-se um objeto alucinante (e não um objeto transitivo

descrito por Winnicot (1971; cit in Oliveira, 2004) como sendo um objeto concreto, sem forma definida pois é necessário que seja moldável e não é substituível por outro. este objeto tem o valor simbólico e representar a relação da criança com a mãe.). O mesmo autor explica este processo de forma muito simples:

*“Se pensarmos no leito de um rio qualquer, podemos perceber que o seu objetivo final é desaguar no mar; mas que pode tomar diferentes direções, consoante as particularidades dos terrenos (...) e pode mesmo ser desviado. No perverso, o que encontramos é que ele perde o fim e fica somente pelo gozo do caminho; corre excitadamente por novos e diferentes caminhos, mas já não sabe qual o seu fim.”* (Oliveira, 2008).

Assim sendo, cabe-nos então perguntar o porquê disto acontecer. O autor supracitado sugere que será por dois motivos: por um lado, o sujeito tem uma visão parcial de si próprio e do objeto/outro; por outro, pela denegação da realidade e as ansiedades daí despertadas, onde a angústia da castração ganha um papel fundamental.

*“Assim, cada desvio da vida sexual nos aparecia, desde o momento que se fixou, como resultado de uma inibição de desenvolvimento, com uma marca de infantilismo. (...) Por outro lado, admitindo-se que a disposição original tem um caracter de complexidade, o impulso sexual em si mesmo aparece-nos como um conjunto que, no caso das perversões, se dissocia.”* (Freud, 1914)

A angústia, na perversão sexual, aparece como resultante de um conflito entre o Id e o SuperEgo, no qual o Id excita o Ego através de uma fantasia estranha e/ou bizarra. Assim, o Id pressiona o Ego para que este se comprometa de forma total ou parcial pelas necessidades do Id. Sendo o Ego suportando pelo SuperEgo, cria-se então uma luta a fim de evitar o *acting out* desta fantasia, que por em risco a noção de *integridade*. A angústia vai aumentando e desencadeia a necessidade urgente de realizar uma Ação. Por fim, perante esta pressão insuportável para o Ego, este acaba por ceder ao *acting out*. Esta Ação está temporariamente em sintonia com o Ego, de modo a produzir a perversão sexual e a atingir o objetivo procurado, que é a libertação da angústia sexual hostil. Esta hostilidade está associada a um trauma precoce, resultante de uma humilhação ao género e/ou com um medo incomportável de não conseguir manter o controlo perante a perda imaginária do objeto primário ou da pessoa mais importante para o sujeito perverso. Posto isto, a sensação de bem-estar que o individuo obteve é efêmero. Após o *acting out*, esta sensação agradável é substituída pelo sentimento de culpa, pela insatisfação contra o próprio sujeito, pela depressão e pela vergonha. Assim, o *acting out*, que anteriormente foi considerado como uma salvação para o Ego, é agora considerado distónico com o Ego, reiniciando o ciclo de novo (Weldon, 1988).

Há outros objetivos associados aos atos perversos nomeadamente a regulação da autoestima e o assumir riscos nos quais tanto podem existir o êxito e o fracasso. O êxito surge pela resposta assustada da vítima ao realizar a Ação do sujeito perverso. O fracasso surge pela repetição da humilhação precoce (Welldon, 2008).

Stoller (1984) diz-nos que “o ato perverso é uma cura momentânea” para a angústia da castração, e o ato em si tem como função afastar o perigo do encontro com o outro, com o que é diferente. A fim de evitar um cenário em que o sujeito possa ser confrontado com tudo o que é diferente de si, que o mesmo sente como uma situação limite devido a remeter à castração, foi criado então este “faz de conta” perverso. Há a assimilar também o facto da organização perversa, assim como qualquer organização psíquica, tem como função essencial manter o sentimento de integridade (Ceccarelli, 2005).

A perversão, assim e segundo Welldon (2008) seria uma condição em que a pessoa não se sente capaz de obter gratificação sexual genital mediante o contacto íntimo com outra pessoa. Sentindo-se dominado por uma atividade compulsiva que é vivenciada subjetivamente como sendo inexplicável, e algo “estranha”, mas que, no entanto, permite libertar uma angústia sexual que cresceu até se tornar insuportável. Esta atividade por um lado compulsiva, por outro libertadora, envolve muitas vezes – ainda que nem sempre de forma consciente – o desejo de provocar algum tipo de mal no outro ou no próprio.

Poder-se-á dizer então que o traço fundamental da perversão é, mesmo que de modo simbólico, uma luta na qual o sujeito perverso, através da sua Ação, tenta não perder a mãe. Esta mulher perversa, em criança, nunca chegou a sentir a mãe como o seu “porto-seguro”, antes pelo contrário – Sentia a mãe como ameaçadora, perigosa, deixando na criança um sentimento de grande vulnerabilidade. Daí se entender que a motivação subjacente à perversão ser hostil e sádica. Estamos presentes um mecanismo inconsciente, a pessoa perversa não tem consciência do se passa no seu mundo interno (Welldon, 1988).

Conceptualiza-se assim a perversão como uma defesa contra a relação que aparenta ter intimidade (Khan, 1969). O perverso precisa de controlar a relação, tornando impossível a reciprocidade. Considerando-se a perversão como uma patologia da relação a mesma só poderá então ser verdadeiramente compreendida na relação com *O Outro* (Oliveira, 2008).

A propósito dos processos identificatórios nas perversões, as identificações nunca são totais, são parciais, servindo múltiplos e variados propósitos. Procuram a resolução de conflitos intrapsíquicos e refletem a formação do compromisso constituído pelo ego. Este desafio ao qual o sujeito se propõe, de destruir barreiras diferenciadoras, limitadoras da e na própria realidade, parece constituir-se igualmente como um elemento central, no gozo de transgredir uma eventual

lei. Alimentando-se assim uma fantasia anal, capaz de mascarar objetos diferenciadores, impossibilitando a distinção de diferenças (Oliveira, 2008).

No presente estudo, não se pretende apenas compreender a perversão por si só, mas sim de que estas práticas perversas são vividas num espaço conjugal, ou seja, de que modo se dá a dinâmica e relação conjugal entre um casal com estas práticas, com base em teorias psicodinâmicas.

Tendo em conta a análise de alguns comportamentos perversos encontrados na área clínica, constata-se que estas constituem defesas contra a angústia, a depressão, o sentimento de vazio, ameaça e de aniquilamento. O diagnóstico da perversão, numa perspectiva psicanalítica, só pode ser realizado a partir da transferência que se caracteriza principalmente pelos apelos de cumplicidade e/ou desafio, o sujeito perverso, segundo algumas situações clínicas descritas, ataca as reservas narcísicas e pulsionais do analista, afetando a sua escuta. Para lá disto, constata-se que estes sujeitos repetem exaustivamente a sua pesquisa sexual infantil como defesa contra a castração e como experiente para manter afastado o perigo do encontro com o outro, com o diferente.

Para Joyce McDougall (1997) *“o único especto de uma fantasia que poderia legitimamente ser descrito como perverso é a tentativa de impor a imaginação erótica ao outro que não consente isso ou que não é responsável”*.

De um modo bastante diferente do neurótico, que protege o seu objeto da força das suas pulsões sexuais e agressivas, o perverso perceciona o outro como um meio de satisfação transitório e descartável (Reis Filho et al, 2004).

Mais direcionado ao estudo que daqui se trata, só alguns laços conjugais podem ser catalogados perversos, pois este rótulo aplica-se então a trocas sexuais nas quais o indivíduo perverso é totalmente indiferente às necessidades e desejos do outro, sendo que a questão não é de desejo mas sim de necessidade, utilizando a sexualidade como fuga a estados psíquicos ou para preencher lacunas no sentimento de identidade para realização de desejos libidinais.

Aulagnier (2003) identifica mecanismos como a recusa e as posições de desafio e cumplicidade como identificatorias da estrutura perversa, sendo que o que o perverso recusa a diferença de sexos e por conseguinte que essa diferença seja a causa do desejo da mãe pelo pai, e que o sujeito seja fruto dessa diferença.

Com intuito de compreender os fenómenos perversos no âmbito dos laços conjugais, é possível recorrer-se a Calligaris (1986), que admite a existência de uma estrutura perversa mas que esta é rara. Sendo que o mais fácil de se encontrar são “montagens perversas”, onde não interessa tanto a estrutura perversa mas a facilidade com que o neurótico se prende nestas

montagens. Segundo o autor, todo o neurótico sonha em ser perverso, pois a posição neurótica remete sempre para a castração. Já o perverso encontra uma maneira de reunir, no fantasma, a posição fálica de sujeito e a posição objetal, fazendo do objeto um falo imaginário, sentindo necessidade de usurpar o lugar do pai, ou seja, apropriar-se do saber do pai. Calligaris (1986) levanta a questão sobre como dois sujeitos neuróticos, um casal, se encontram no mesmo fantasma, isto é, na montagem perversa. O autor indica que estes sujeitos vão partilhar esses lugares, um vai desempenhar o lugar de instrumento e o outro o do saber, sendo que não é necessário que haja um perverso de estrutura para que dois neuróticos façam um casal perverso.

### 3. OBJECTIVO DE ESTUDO

A perversão tem constituído, desde teorias de Freud, uma temática deveras abordada por diversos autores pertencentes a uma corrente psicanalítica, com o intuito de encontrar uma definição e entendimento satisfatório do tema. No entanto, muitos desses autores, prendem-se a questões mais iniciais desta temática, ao modo como se origina, o funcionamento da mente perversa, e por vezes, às próprias práticas.

O presente estudo tenciona, à luz da temática da perversão, analisar e compreender a dinâmica de um casal com praticas sexuais desviantes procurando identificar as problemáticas patentes não só aos sujeitos que se relacionam, mas também ao casal.

O objetivo de estudo fora criado como se de um *Grounded Hypothesis* se tratasse: ao invés de se dar inicio ao estudo com uma hipótese de investigação, procurou-se, em primeira instância, recolher dados através de instrumentos privilegiados na investigação psicanalítica; de seguida, foi feita uma análise dos dados obtidos, procurando encontrar a dinâmica entre o casal e os movimentos que ai se realizam. Após este levantamento, e com base numa revisão de literatura referente à Perversão, levantou-se o presente objetivo do estudo – compreender a dinâmica entre os sujeitos pertencentes ao presente casal, mais especificamente com práticas designadas de desviantes.

Em primeira instância aborda-se a revisão da literatura sobre o conceito de Perversão, considerado patológico, procurando uma definição satisfatória tendo como base teorias psicodinâmicas.

Seguidamente, com recurso a prova projetiva Entrevista Narrativa em Associação Livre, no qual os sujeitos, em conjunto, abordam abertamente a sua relação, sendo possível perceber não só a historia, em que estes se inserem, mas também como ambos lidam com as diferentes experiencias e de que modo o casal interage, permitindo também identificar não só o funcionamento do casal, mas também dos sujeitos de modo mais individual. Recorre-se também à aplicação de prova projetiva Narrativa Rorschach em Conjunto, com o intuito de observar se acompanham de algum modo os dados recolhidos até então, de modo a perceber se é possível identificar igualmente o funcionamento entre o casal e os movimentos elaborados por este.

Após a recolha dos dados significativos para o entendimento da dinâmica do casal, sendo necessária uma análise cuidada de todo o material, recorrendo-se ao método de interpretação/análise em grupo (Hollway, 2010) que se baseia nas diferentes perspetivas de membros de um grupo criado devidamente criado para a situação, permitindo uma análise em triangulação num processo dinâmico e criativo. Durante a análise, os membros do grupo vão

dando a conhecer a sua reação imediata ao que é escutado, tendo em conta vários aspetos do discurso dos sujeitos, como o vocabulário, excitação, repetição, evitamentos, posição do self em relação ao Outro, passado e futuro. Finalmente, tudo é anotado e tido em conta para posterior análise, constituindo com diversos conceitos e perspectivas diferentes (Hollway, 2010).

O método de associação livre aparenta ser adequado para compreender algumas problemáticas subjacentes ao comportamento social, dado que envolve uma compreensão da intersubjetividade dos indivíduos, tendo em conta o contexto dos eventos que estes deslocam à mente, no contexto intersubjetivo da entrevista, utilizando as suas próprias expressões. O uso e integração da linguagem nas ciências sociais permitiu recorrer-se a pesquisa através de métodos qualitativos, o que enfatiza a importância do contexto. O Método da Narrativa em Livre Associação, defende o indivíduo, sendo que assume não ser necessário que os sujeitos sejam capazes de “dizer como é”, porque as suas próprias ações podem não transparecer para estes a quantidade de defesas contra a ansiedade, sendo que uma abordagem diferente é importante. Para esta abordagem, é necessário integrar o princípio psicanalítico de livre associação que assume a presença de conexões inconscientes, que serão reveladas através das ligações que os indivíduos efetuam quando se encontram livres de estruturar a sua própria narrativa, o que vem acrescentar uma nova dimensão ao princípio de preservação da totalidade, invés de “dividir” em partes, tanto o discurso como o sujeito, por assim dizer.

Por outro lado, a Narrativa Rorschach, como a literatura demonstra, sustentado pelo referencial psicanalítico, permite aceder à realidade psíquica dos sujeitos através do processo-resposta, dando conta destes movimentos e interações entre o interno e o externo, sujeito e objeto, à natureza do objeto interno e às transformações com o objeto externo, bem como à forma como a intersubjetividade propicia ou não, seguindo os conceitos de Bion, a capacidade de simbolização (Marques, 1999).

Neste sentido, pretende-se, através da análise das narrativas Rorschach construídas num encontro intersubjetivo numa aplicação conjunta, perceber como se interligam estes processos de subjetivação e dispersão/ integração das subjetividades. A análise dos dados recolhidos através deste método, foi realizada tendo em conta não só a análise quantitativa dos dados, sendo realizados psicogramas, em conjunto e individuais, mas também com uma atenção aos movimentos realizados pelos sujeitos, na procura da resposta Rorschach mais adequada, sendo possível não só perceber o funcionamento psíquico dos sujeitos mas também a qualidade da sua interação, percebendo também as fundações da relação criada por ambos.

Apesar de o presente estudo estar inserido na temática da Perversão, o facto de ter por base um estudo de caso e seguir um método *Grounded Hypothesis*, possibilita uma abertura a

identificar características subjacentes ao casal, onde é possível dar-se conta de problemáticas patentes à identidade dos elementos do casal, tendo em conta o modo como estes se identificam individualmente, a diferenciação que fazem de si e do Outro, podendo surgir informações relevantes para o estudo, que serão identificadas e ditas em conta, recorrendo a teorias existentes que possam sustentar o que possa ser recolhido.

## 4. MÉTODO

### 4.1. Participantes

Os participantes deste estudo pertencem a uma população não-clínica, tendo sido selecionadas convenientemente a partir de critérios comportamentais a nível sexual (i.e. comportamentos sadomasoquistas).

Os dois participantes – Rui e Ana (nomes fictícios) – têm ambos 40 anos, casados há 24 anos e com um filho de 17 anos, residem no distrito de Lisboa.

Ambos os participantes, após terem sido informadas sobre a temática do estudo, a importância da sua colaboração, assim como a finalidade académica do uso dos dados obtidos, estando salvaguardada a sua confidencialidade, aceitaram livremente participar na presente investigação.

### 4.2. Tipo de Estudo

O presente estudo enquadra-se numa abordagem metodológica qualitativa psicanalítica, com recurso à Narrativa em Livre Associação e à Narrativa Rorschach em aplicação Conjunta, tendo por base um único estudo de caso.

Para aceder ao que se pretende examinar, neste caso a relação entre o casal, é necessária uma atitude que tenha em conta a *“aproximação à individualidade, à singularidade e à complexidade do sujeito e deve fazer intervir uma atitude que obriga e impões o conferir sentido, o dar sentido, o ir além do que se revela e expressa, para o que se impõe um processo determinado intersubjetivamente”* (Marques, 1999, p. 33)

Posto isto, os métodos qualitativos utilizados irão possibilitar encontrar a produção de conhecimento, a conceção de uma teoria sobre a realidade da subjetividade humana (Gonzalez-Rey, 2002). A investigação do tipo qualitativa constitui-se como um processo desigual e diferenciado, ramificando-se à medida que o objeto de estudo se revela e expressa em toda a sua riqueza e complexidade, por meio de uma lógica indutiva de atribuição de sentidos através de análise e interpretação.

A presente metodologia orienta-se através de três princípios essenciais: o conhecimento é o resultado de um processo de construção interpretativa com o objetivo de atribuir sentido à expressão do objeto de estudo, através do qual o investigador reconstrói, incorpora e expõe os diversos indicadores alcançados no decorrer da investigação; o processo de construção provem da relação que se estabelece entre o investigador e o indivíduo; a significação da singularidade

é essencial para a produção do conhecimento, existindo uma busca do individual, da significação do subjetivo (Gonzalez-Rey, 2002).

A metodologia psicanalítica oferece um modelo que valoriza aspetos biográficos e a interpretação de conflitos existentes nas experiências vividas, isto é, as experiências, as relações, ações e as identidades que constituem a subjetividade, adquirem um significado à forma como o passado está incluído nos processos mentais conscientes e inconscientes (Hollway & Jefferson, 2000).

Para o presente estudo, foi assumido o método de estudo de caso que consiste numa metodologia de investigação que permite alcançar a complexidade do sujeito, com o intuito de entender o seu funcionamento em determinados contextos (Stake, 1995, cit. In Tight, 2010) e que tem em conta os princípios da singularidade e totalidade do indivíduo, para um processo de conhecimento (Pedinielli & Fernandez, 2008), demonstrando-se adequado para alcançar o objetivo proposto, de aceder à dinâmica da relação dos sujeitos e à forma como estes criam essa dinâmica.

#### 4.3. Instrumentos

Os instrumentos selecionados são utilizados como métodos conceptuais de resposta livre, que procuram compreender o modo de funcionamento psíquico do sujeito traduzido através das operações mentais mobilizadas no decurso das provas, inscritas numa natureza relacional entre o sujeito e o psicólogo na elaboração de um espaço intermediário intersubjetivo (Marques, 2001).

Apesar das abordagens apresentarem aspetos distintos às representações de si e de objeto, elas mostram-se como complementares aquando articuladas em conjunto – enquanto o Rorschach permite uma apreciação dos aspetos e processos representacionais do *eu/outro*, a Entrevista Narrativa em Associação Livre elícita uma exposição do *eu* no mundo representacional mediada de forma livre e verbal.

A aplicação da prova acontecerá num momento único e conjuntamente. A modalidade de aplicação conjunta foi desenvolvida por Willi (1978), com o intuito de aceder a diagnósticos, inseridos em contextos de interação grupal.

##### 4.3.1. Entrevista Narrativa em Associação Livre

Este método qualitativo, que se rege pelo princípio psicanalítico da associação livre destinando-se a recolher narrativas dos sujeitos, utiliza perguntas abertas com o intuito de estimular os entrevistados a falar livremente de eventos que se encontram repletos de

significados emocionais (Hollway & Jefferson, 2000). Este método é contrário ao das respostas generalizadas e das narrativas intencionais que apenas revelam o que os entrevistados conscientemente desejam dar a conhecer ou revelar sobre si mesmos, de modo cronológico ou seguindo uma sequência lógica (Hollway, 2004; Hollway & Jefferson, 2000; 2001; Kris, 1996).

Esta suposição baseia-se na teoria desconsiderada da transparência e importância da linguagem (Hollway & Jefferson, 2008) sendo que as teorias da linguagem e da comunicação atuais enfatizam que, independentemente do tipo relato, este poderá apenas ser uma mediação da realidade, pois quando se procura dar sentido a um relato de entrevista, não se encontra garantido que pessoas distintas possam partilhar as mesmas significações (Hollway & Jefferson, 2000). Com o uso de métodos de investigação de cariz qualitativo, parte-se da suposição de que está presente uma partilha de significações entre o entrevistador e o entrevistado no qual não só se assume uma transparência para o *Outro*, mas também uma autotransparência (Hollway & Jefferson, 2008).

Segundo Freud (1916, cit. in Hollway & Jefferson, 2000) a livre associação trata-se da regra técnica essencial da análise no qual se estimula o paciente a dizer o que lhe surgir na mente, de modo a que esta narrativa forneça evidências para interpretar as motivações inconscientes e os seus mecanismos, permitindo uma compreensão adequada da relação entre o paciente e os eventos expressos por este na narrativa.

Ademais, o princípio da livre associação, com base em uma ontologia psicanalítica, enfatizando o conflito inconsciente e a sua gestão como a base da vida psíquica e autoapresentação, encontra-se na procura do significado emocional, muitas vezes inconsciente, contido nas ligações entre uma ideia e outra, e na forma como elas são produzidas numa relação específica com o ouvinte (Hollway, 2003). Deste modo, o método de Livre Associação estimula os sujeitos a relatar os seus pensamentos sem restrições, no pressuposto de que os pensamentos não-censurados possam levar ao conteúdo realmente significativo.

O uso deste procedimento pode desenvolver a produção e análise de dados de entrevistas, elaborando aspetos da vida social humana nos quais os métodos que dependem do sujeito de investigação “auto-ciente” e transparente permanecem inconscientes, isto é os desejos e as ansiedades que afetam o sujeito nas diversas situações da sua vida (Hollway, 2003).

Com a ausência da intervenção do entrevistador, as narrativas produzidas pelos sujeitos revelam preocupações, significados, conflitos e defesas que o sujeito entrevistado provavelmente não se encontrava a par (Hollway & Jefferson, 2001). Assim, o método encontra-se particularmente adequado para a exploração de questões emocionalmente

carregadas e assentes na identidade, em oposição aos tópicos em que, unicamente, a opinião, as crenças e/ou os fatos são procurados (Hollway & Jefferson, 2000).

Adjunto ao uso da Livre Associação, é essencial ter em conta os processos que daí advêm, sendo que transferência refere-se ao deslocamento de desejos inconscientes outrora investidos numa figura anterior para o analista, em que estes desejos são experienciados com o imediatismo de sentimentos para o entrevistador (Hollway, 2003). Posto isto, os investigadores sensíveis à sua própria transferência e contratransferência, assim como à dos seus participantes, poderão recorrer a estes como dados de investigação, permitindo um aperfeiçoamento à crítica da objetividade e complementar a apreensão de reflexividade do investigador (Hollway, 2003).

Também é necessário ter em conta a ansiedade que surge associada à urgência do conflito inconsciente, sendo que, de acordo com Kris (1996), a ansiedade apresenta-se de forma mais ou menos proeminente em relações de investigação dependendo do assunto da entrevista, do setting e da capacidade do entrevistador conter essa ansiedade. No entanto, as defesas inconscientes utilizadas contra essa ansiedade irão afetar a capacidade dos entrevistados narrarem eventos e a sua participação nestes. Não obstante, o método da entrevista narrativa em Livre Associação prevê que os participantes estejam inconscientemente defensivos em relação à situação de entrevista (Hollway & Jefferson, 2000).

Esta consideração pela subjetividade compreende os desejos e as defesas inconscientes contra a ansiedade como produto das estruturas psicológicas, biologicamente únicas, dos entrevistados dinamicamente cingidos com as suas experiências sociais (Hollway & Jefferson, 2000).

Sendo que a existência de questões que sugerem relatos específicos previnem generalizações emocionalmente carregadas e racionalizações defensivas (Kris, 1996), a utilização de questões abertas são ecoadas, ordenadas e fraseadas conforme a preferência do entrevistado sendo que deste modo é quem domina na investigação e não o entrevistador (Hollway & Jefferson, 2000).

Com base no princípio holístico da “gestalt”, a análise a ser realizada da narrativa compreende um distinto conjunto de dados para cada indivíduo aquando a interpretação das suas partes, especialmente com as associações que levaram a tal. Porém, em vez de esperar uma relação coerente entre as partes da narrativa, o investigador terá em consideração as inconsistências, contradições e os conflitos elaborados, assim como quaisquer mudanças no tom emocional e evitamentos (Hollway, 2004; Hollway & Jefferson, 2000; 2001; Kris, 1996).

Tendo em conta a epistemologia psicanalítica, ao utilizar a subjetividade do participante como instrumento para o conhecimento, investigadores compreendem o uso das suas respostas emocionais numa entrevista e posterior análise de dados (Kris, 1996).

#### 4.3.2. Narrativa Rorschach em Aplicação Conjunta

A Narrativa Rorschach é considerada uma ferramenta clínica de avaliação psicológica, do tipo projetivo, desenvolvido pelo psiquiatra e psicanalista Hermann Rorschach entre 1911 e 1921 (Rorschach, 1951, cit. in Marques, 2001). Enquanto metodologia de uma psicanálise aplicada, trata-se de um instrumento privilegiado, tanto no auxílio no acesso ao conhecimento do ser psicológico, como na avaliação psicológica, devido à sua possibilidade de demonstrar e aceder ao funcionamento psíquico do sujeito e de estabelecer o diagnóstico diferencial (Marques, 2001).

A situação Rorschach, no seu confronto com o material, transporta o sujeito para uma interação entre o que é novo, externo, real e disruptivo, entrando numa situação de caos psíquico, correlacionada com a noção de situação catastrófica de Bion, possibilitando o contacto com os processos de transformação-criação do qual advêm as respostas Rorschach, permitindo aceder às formas como o sujeito utilizou o pensamento (Marques, 2001).

O Rorschach, enquanto veículo para a apreensão de informação do processo de pensar, devido ao processo de projeção-imaginação e projeção-realidade, permitindo elaborar o processo entre a apresentação do estímulo projetivo e a produção da resposta do sujeito (Chabert, 2003). Deste modo, podemos evidenciar o modo como a situação projectiva, sendo um *“encontro entre duas subjetividades, que irão construir uma intersubjetividade numa interação singular e singularizante que interfere e cria a tarefa de (...) interpretar as manchas Rorschach”* (Marques, 2001), ajusta e determina a incidência de fenómenos implexos das respostas marcadas pela *“relação, ligação e transformação entre o interno e o externo”* (Marques, 2001), sendo essencial reconhecer que estas respostas espontâneas ocorrem num determinado contexto dado que foram construídas na interação intersubjetiva.

Neste sentido, o processo-resposta Rorschach ocorre num espaço ativo e continente, onde é provável criar, renovar e dar sentido aos objetos, estabelecer novos conteúdos, através do pensar e simbolizar, que se encontram sustentados na identificação projetiva e na relação dinâmica e oscilação entre a dispersão e a integração.

A aplicação da prova acontecerá num único momento e conjuntamente. A modalidade de aplicação conjunta foi desenvolvida por Willi (1978), com o intuito de aceder a diagnósticos, inseridos em contextos de interação grupal. O autor criou, para esta nova forma de aplicação,

metodologias específicas, defendendo que, através desta, seria possível aceder a estilos de comunicação e às suas transformações, decorrentes das alterações emocionais dentro dos grupos, casais e família, importantes para o plano terapêutico.

No presente estudo, apesar de aplicado conjuntamente, foram fornecidas as instruções habituais, onde é pedido aos sujeitos que indiquem o que percebem nos dez cartões apresentados sequencialmente, sendo todas as respostas, e interações entre os sujeitos, anotados, com o intuito de compreender a esfera da expressão emocional e afetiva.

## 5. ANÁLISE DE DADOS

### 5.1. Análise da Entrevista Narrativa em Livre Associação

Após o contacto com o casal que será a base deste estudo, estes foram colocados a par do procedimento e de todas as informações fulcrais para o desenvolvimento do processo em questão, Rui e Ana concordaram em partilharem informações sobre a sua vida em casal, descrevendo experiências e vivências, de modo a entender como se desenvolve a dinâmica que se estabelece entre ambos. Posto isto, deu-se seguimento a uma situação de entrevista narrativa em associação livre, de modo a que os sujeitos se encontrem livres de abordar os assuntos e situações inerentes à sua vida, criando por si uma linha de raciocínio, evitando dirigi-los ou enviesá-los nas suas descrições.

Posteriormente ao primeiro contacto, onde é pedido ao casal para que fale abertamente sobre a sua relação e o que lhe está inerente, Rui toma a palavra, sendo ao longo de toda a narrativa mais entusiasta, começando por descrever o início da relação *“Desde os 13 anos que estamos juntos, alias, nós já namoriscamos desde que tínhamos 4 anos. Fomos inteirinhos um para o outro”*. O modo como Rui aborda o começo da relação, transmite a ideia de que existia uma espécie de predisposição, incluindo que *“É que ai ainda é pior, é diferente. Repare, é uma mulher que nunca foi tocada, nem teve namorado, fui sempre eu, e vice-versa”* que pode remeter para a ideia de uma exclusividade do corpo de Ana, algo que lhe pertence, acrescentando que *“Isso é bonito, mas nós estragamos isso. Repara, há muitos parênteses na sexualidade mas a verdade é uma, nós estragamos isso. Era sagrado, ela era virgem, eu era virgem... não é o normal porque isso já não existe. Ela foi ao ginecologista, a primeira vez, fomos os dois, sempre os dois, tudo os dois. Compreende-se que de repente eu vejo outra, outra, outro ser humano, uma mulher, ou um homem, ou um casal a tocar nela, não é fácil.”* que enfatiza a pertença de Ana, colocando explicitamente a ideia de algo puro, o corpo que não fora anteriormente tocado, que acaba por ser “estragado” por Rui, que apenas ele tem direito de estragar, dando a ideia da existência de uma relação simbiótica entre ambos, que vai de encontro à ideia de serem *“inteirinho um para o outro”*, dando conta de um sentimento, por parte de Rui, de domínio sobre aquela mulher, sobre o corpo, o seu dono, não tendo em conta a relação, mas apenas o corpo de Ana.

Rui introduz em seguida algo que pode levar a identificar dois planos no seu dialogo, a relação entre os dois e o desígnio parental, recorrendo a algo que os pais de ambos utilizaram para os incitar em juntarem-se, como Rui necessitasse para legitimar a relação do casal, um factor externo. A introdução do desejo dos pais, como procura de uma justificação externa, a

introdução do parental é rapidamente cortado com a volta ao corpo, por parte de Rui “*O meu pai dizia ‘está aqui a tua namorada, vai casar com ela’ e eu dizia ‘Ai não. É feia, sai daqui’.*” o que dá conta de um duplo movimento, procura de justificação e posterior negação de uma obrigação ou ideia imposta por terceiros.

Rui introduz de seguida as experiências sexuais do casal de um modo superficial, onde o Outro não se encontra na sua totalidade, apenas uma superfície corporal para ser mal tratada “*(...) já tínhamos algumas praticas, mas por essa altura começamos a subir o nosso jogo, a experimentar coisas mais pesadas, mais hardcore, correntes, humilhação, o dominar e ser dominado sem haver sexo, o por o outro louco, mas não lhe tocar, uso de cordas, de cera, objetos em brasa (...)*”. O facto de não explicitar qual dos dois sofre ou faz sofrer, falando de ambos com os mesmos desejos, deixa a ideia de uma indiferenciação, onde os sujeitos demonstram o mesmo desejo. No entanto, seguidamente, quebra essa indiferenciação numa tentativa de assegurar/enunciar o seu lugar de dominador “*Exato, é assim, a Ana adora ser dominada!*” deixando claro para o Outro que tem o lugar de macho, dominada e tem a capacidade de ler a parceira, interpreta quando ela quer, enquanto este disponibiliza, afirmando “*E eu sei disso, e sei quando ela o quer! Acho que é normal, devido à cumplicidade que temos...*”, mostrando que tem o poder de saber o que todos querem e entra ao serviço do Outro, indo de encontro ao que lhe era transmitido pelo seu pai quanto a ficar com Ana.

Ana, encontrando-se a par de alguns relacionamentos extraconjugais que Rui teve durante o casamento, apela, ao fim de 20 anos de casados, à entrada de outra pessoa, sabendo que Rui quer, chamando-o de volta à relação com as condições deste. Esta situação não se encontra clara, dado que é Ana quem apresenta o desejo de ter relações com outra mulher, o que deixa Rui desconfortável, no entanto, é perceptível deste um movimento de querer apropriar-se, sugar, a vontade de Ana, sendo que a união do casal apenas se dá quando Rui toma posse do que é do Outro, corpo, ideia, passando a ser dele, funcionando por incorporação. Rui afirma “*Eu fui contemplado*” numa tentativa de explicar que “recebeu” a Ana, que esta lhe pertence, assim como todas as suas vontades, desejos e ideias, que remete para uma ausência de limites entre os sujeitos.

No momento em que se dá a entrada de um terceiro elemento na relação, uma mulher, Rui tenta procurar saber qual o seu lugar, o que provoca em si um efeito demolidor, pois se este se apropria sempre do que é do outro, naquela situação isso já não funciona, tornando-se um lugar confuso, distorcido e impotente, sendo que para justificar tal sentimento de impotência recorre à racionalidade, admitindo que o corpo do homem não finge ao contrario do feminino, numa tentativa de reduzir a sua incapacidade.

Ana, ao realizar o comentário “*É bom ouvir, né?*” após Rui confidenciar a sua incapacidade e desconforto com a introdução de um terceiro elemento na sua relação, dá conta de uma satisfação que aparenta não estar ligada aos elogios que Rui lhe faz, mas sim ao seu desconforto, a sua satisfação ao sentir que Rui não domina e não é forte como noutras situações indica ser. Os comentários de Rui também transparecem a sua ansia de dominar o outro, dando conta de uma confusão entre o ter e o ser. A união que Rui postula ao longo da sua narrativa dá conta da existência de uma unidade, de que são um só, o que lhe confere, num plano de fantasia, uma justificação para alguns dos seus comportamentos sem prejudicar a união imensa entre o casal, sendo que o sujeito volta sempre à base, à unidade eterna, apesar de se poder dispersar. Não obstante, Ana refere não uma unidade, mas uma igualdade, numa tentativa de introduzir um patamar em que ambos têm as suas vidas comuns por se encontrarem ao mesmo nível. Os seus comentários dão conta de uma tentativa de desfazer a oralidade exagerada de Rui, a proposta deste ao mesmo tempo que Rui volta a introduzir a ideia de que a única pessoa que pode tocar, “estragar” o corpo de Ana é ele “*Quem lhe tocou, foi o parteiro, ponto. A ginecologista é mulher, ponto. Não vestes minissaia, ponto. É que era assim...*” sendo a razão do seu desconforto e impotência no momento em que se dá a introdução de outra mulher, sendo este movimento o que configura o casal, a exposição de um desejo de Ana, um estado de ansiedade e confusão por parte de Rui, e a tentativa de realizar as vontades da parceira.

No modo como Rui se refere ao corpo de Ana “*Eu dizia-lhe “tu es virgem? Vê lá se és, olha se não deitar sangue eu não fico contigo” Era isto assim. De repente, ao fim de 20 e tal anos pediu a moça, nos fomos, eu pus na cabeça “isto é um filme que tem de dar” e deu! Aquilo para mim foi zero, muito sinceramente. Também farto de ter gajas já estava eu.*” dá-se conta de uma minimização de Ana, ela ser apenas um corpo que ele manuseia. “*E francamente até à data de hoje, nunca houve uma mulher, não é por a Ana estar aqui, que tivesse ao nível dela, nenhuma! Ela é uma mulher que tem muitos orgasmos, ela é sexual, epá nunca vi, a gente toca e está feito. E depois claro que qualquer pessoa gosta de estar com ela!*” o facto do sujeito, logo após expor uma relação fragilizada, recorre numa procura de algo que conhece, recuperando um lugar quando se encontra aflito busca-o para se organizar.

Durante a sua descrição de uma relação sexual em que fora incluída uma mulher, que Rui descreve como igual a Ana, com a mesma sensibilidade corporal, algo que admira na sua parceira, refere a limpeza que ambos efetuam juntos após “sujarem” o que é sagrado entre ambos, o corpo, inferindo “*Mas eu não me considero velho, eu não tenho um calo, eu meto verniz nas unhas, não tenho um pelo, ela é igual, nos tomamos banho juntos, isto é todos os dias com betadine vermelho, aquele das cirurgias, tudo limpinho, e tomo 3 vezes por dia banho.*”

*Não tenho um cheiro! O que não há, pelo que vemos.*” Introduz novamente a união do casal onde há essa limpeza como se se tratasse de um renascimento, uma espécie de limpeza e um apelo a uma unidade, a uma mesmecidade, sendo que os dois se têm de purificar para “eliminar” os vestígios de outro alguém, que na percepção de Rui “estragou” o que só ele deveria “estragar”.

O presente casal aparenta mover-se em linhas paralelas, Ana demonstra e deixa claros os seus desejos enquanto Rui se desdobra numa tentativa de colagem “para cima” de Ana, onde esta pede algo, introduz na relação e Rui suga a ideia de Ana tomando-a como sua.

Ao ser referido por Rui *“Alias, o gajo com quem a Ana mais gosta de fazer sexo e de o trazer para a nossas praticas, até é gordo, o que lhe dá mais pica, e é gordo, porque há química”*, onde dá a entender que Ana se sente interessada por homens que não entram num padrão de aparência semelhante à de Rui, é possível observar-se que Ana acaba por incluir na relação uma mulher “igual”/semelhante a ela, Rui introduz um homem diferente dele, onde este tolera a presença do outro porque não é ele.

Numa descrição elaborada por Rui sobre um casal com o qual mantinham uma relação bastante íntima, sugerindo um relacionamento vivido a quatro, com o qual acabam por se envolver sexualmente, o sujeito confia que ao entender que o sujeito do outro casal se encontra impotente, numa posição intimidante, obriga-o a tomar comprimidos, sente necessidade de potenciar o outro, como se este se tratasse de uma continuação sua, viriliza-se pois vê refletida a sua impotência anteriormente sentida no sujeito.

O presente casal procura uma zona de encaixe, em que se dá quando Ana expõe o seu desejo, a sua vontade, explícita ou implicitamente, e Rui atua conforme os seus requisitos, afirmando que tem a capacidade de saber o que a parceira necessita e procura. Numa procura de outro parceiro para Ana, a pedido desta, Rui introduz, desta vez, um homem a si semelhante, deixando clara a ideia da existência de uma bissexualidade, o que indica que não se está a lidar apenas com lógicas sadomasoquistas, mas sim com algo que está por detrás, uma trama bissexual, quando Rui infere *“É ele que queres comer? É ele que vais comer. Só se ele for ‘paneleiro’ e aí como-o eu’.*” Dando conta de uma amalgama identitária, onde Rui se desdobra em vários, em múltiplos de si, com o intuito de satisfazer ao máximo, por outrora se sentir impotente, procura um indivíduo semelhante a si, como se fosse um prolongamento de si próprio. Quando Ana expressa um desejo, ele atua e expressa também o seu desejo de se desdobrar, realizando-se através destes movimentos, de procura para satisfazer.

Os movimentos de colagem, por parte de Rui, aos desejos e vontades de Ana, dão conta de uma posição identitária frágil, em que o sujeito procura um instrumento psíquico para legitimar o seu modo de agir. A sua identidade deficitária torna-se clara quando Rui, usando

como pretexto o desejo de Ana de estar com outro homem, acaba por, ao sentir-se novamente desamparado e sem lugar durante o ato sexual, ter relações homossexuais, justificando que Ana obtém prazer quando tal acontece, mais uma vez de modo a legitimar os seus atos, onde encontra o pleno do seu relacionamento: a inclusão de outro homem. O facto de justificar os seus comportamentos com os desejos de Ana, suscita a ideia de que Rui não reconhece devidamente o que lhe pertence, as suas vontades, as de Ana, confundindo-se com a sua parceira, utilizando-a como base para as suas vivências e experiências.

De modo a justificar o seu desconforto e impotência aquando incluídas mulheres nas suas práticas, e portanto preferência pela inclusão de elementos de sexo masculino, Rui explica *“para a cabeça é melhor, mas não tenho uma verdadeira necessidade de estar com o homem. Se estiver, estou. Mas imagine, eu e ele estamos só para ela, ela domina completamente, sendo eu também submisso ou apenas a observar até a uma certa altura, depende. Mas nós procuramos que as pessoas sejam bissexuais também, para estarmos todos com todos, comemos tudo do mesmo”*, recorrendo à racionalização, como se esta legitimasse as suas preferências e práticas homossexuais, mas dando conta também de uma amálgama identitária.

O casal procede a uma espécie de análise de outros casais com práticas semelhantes, mas que do ponto de vista destes, utilizam estas atividades para assegurar o relacionamento, complementando as suas opiniões, sendo que Rui afirma *“agora, há casais que chega à sexta-feira, sábado e domingo, siga para o bacanal, 2 casais, 3 casais, é casas de BDSM com 3 e 4 submissas, ou serem dominados por alguém que não conhecem, e elas querem 5 gajos, isso acaba mal (...). Mas, numa casa destas, aquilo é tudo tão ao molho, que não se consegue estar a par da tua mulher, não consegues e acho que isso acaba numa badalhoquice, já diferente, é um mundo hardcore que a meu ver... não há amor. Na minha opinião, numa situação dessas, não há. Há o viver juntos. Porque não pode haver amor... o BDSM e/ou no Swing puro e duro, o casal as vezes nem se toca, nem se vê, não estão a fazer aquilo juntos.”* E Ana concorda com o parceiro, demonstrando também a sua desaprovação deste modo de encarar o swing e o BDSM *“sim, há aqueles que chegam lá, a mulher vai para um lado e ele vai para o outro.”*. Rui insiste que *“há muitos casais, chegam ali, pronto, é como se tivessem ido sozinhos para aquilo. O tocarem-se é só em casa, mal e porcamente. Perdem a conexão... porque a vida não são só rosas, há maus momentos, depois vêm as memórias.”*. A observação, e também crítica realizada, sobre estes casais em que a relação depende deste tipo de práticas, a abordagem desta situação, dá conta de uma crítica ao próprio casal, a necessidade desses casais é semelhante à do presente casal, que apesar da sua incessante negação, não aparenta encontrar-se satisfeito, procurando algo que sustente a sua ligação, seja o sadomasoquismo ou a inclusão de outros

elementos nos seus atos sexuais, é perceptível que os sujeitos têm noção que na sua relação também existe um desconforto e uma insatisfação, que os faz continuarem à procura de algo que preencha as lacunas na relação. Esta crítica, vem também evidenciar que a união que tem sido exaustivamente enunciada não é verdadeira, estando presente algum mal-estar, não há tanta conexão como os sujeitos tentam demonstrar.

Rui, ao abordar este assunto, indo de encontro ao ponto fraco, ao desconforto sentido, do facto de a sua relação existir sustentada por estas práticas, mostra um movimento, que pode anunciar um certo sobressalto, voltando rapidamente à sua parceira *“Mas continuo a dizer, eu nunca vi uma mulher como a Ana, e se eu já estive com mulheres... tenho sorte, e ela também tem sorte de ser assim, ela é muito sensível, muito sexual... eles assustam-se”*. Este comentário de Rui dá conta do facto de ele próprio se assustar com Ana, tais como os outros homens, sendo que ele necessita de lhe satisfazer de qualquer modo os seus desejos e vontades. Ao voltar à sua parceira, prontifica-se a fazer-lhe elogios e à sua sexualidade, idealizando-a. Rui volta mais uma vez ao seu ponto fixo e seguro, a Ana, como se para se redimir de falar do que realmente se passa na relação, voltando o seu discurso para ela após ter introduzido aspetos que podem indicar uma diferenciação, uma falsa união, sendo Ana o seu ponto identitário, que o ampara. Rui ao afirmar *“Agora, é normal que a mulher, por norma, goste de ser submissa, dominada... porque gosta da força, do poder que um homem põe sobre ela. Quanto mais dominador um homem, se calhar, mais malucas ficam, mais entusiasmadas. Mas a Ana não serve de exemplo, porque a Ana é mesmo, mesmo diferente de tudo o que vi até hoje”* confere à mulher uma posição geralmente de submissa, que gosta de ser dominada, no entanto, logo em seguir diz que Ana é diferente, não possuindo características de submissa como outras mulheres, passando-lhe a ideia de uma masculinidade que a ela está ligada. Posto isto, surge a posição mais narcísica de Ana, onde esta dá conta que tudo vem até ela, não necessita de fazer nada, nem de procurar *“porque é tudo muito santo, mas toda a gente anda atrás”* e *“opá a serio! (ri-se). Eu não sou um bicho... mas vou-lhe dizer, há muitas mulheres, a maior parte, gostam muito de andar a mandar bitaites, e a dar show mas na hora H, ardeu a tenda! Agora é assim, eu não sou de andar a fazer show off, nem a atirar-me a ninguém, mas quando é para ser, soltas a chiba e acabou! É ponto final!”*. Passando de uma atitude mais discreta para uma afirmação do seu poder, das suas capacidades. No entanto, é de salientar que enquanto Ana faz observações da falsa sensualidade de outras mulheres, elogiando a sua, Rui comenta *“são umas frustradas”* o que pode deixar confusão a quem realmente este se refere, se a essas mulheres, se não acha que realmente a sua parceira seja tão mais sensual que essas outras mulheres de que fala. No entanto, há uma tentativa de complementarem se através do discurso.

Rui neste momento afirma *“Porque, veja, estamos com outras pessoas, temos de usar preservativo, já não é igual, não se sente. Agora, eu faço análises de 3 em 3 meses, chego lá e digo, acabei de fazer, estão aqui. E é logo diferente, sentes a pessoa, já tivemos essa experiência, é diferente, há ali sentimento também”* o que pode remeter não para o medo de ser infetado com alguma doença sexualmente transmissível, mas sim afirmar que não se encontra contaminado com as práticas que têm, com as consequências psicológicas de introduzir outro elemento na vida sexual do casal.

Com a inclusão desta situação, Rui entra em dispersão, nesta procura de uma posição na relação, onde dá a um movimento de volta ao ponto fixo, a Ana, onde Rui se fixa quando se dispersa, um ponto que conhece, não se permitindo a sair de uma zona de segurança, reconhecida por ele. No entanto, quando é Ana que o “busca” e o coloca num determinado “lugar” na relação, o sujeito recusa, com uma tentativa de fuga pelo que lhe é imposto. Quando ele procura, consegue encontrar o seu lugar, justificando-o à sua maneira, quando é ele que o impõe, Rui foge.

Com o intuito de legitimar as suas práticas, Rui recorre a uma racionalização *“Imagine, é a mesma coisa que haver um teatro, agora do La Féria, e nós vamos usufruir daquele teatro. E é a mesma coisa quando estamos com outra pessoa, vamos usufruir mas com respeito, apesar das práticas que utilizamos, com o fim de os três ou quatro, consigamos usufruir e ter prazer daquilo. Apesar de usarmos, usufruirmos de outra pessoa, que pode adotar a posição de submissa, essa pessoa está lá porque quer, porque retira prazer, porque quer.”* Compara as experiências do casal a uma cena, um teatro, como se toda a relação não passasse exatamente disso, de um teatro, com papéis e posições alternadas.

De seguida, Rui, ao afirmar *“Agora, é normal que a mulher, por norma, goste de ser submissa, dominada... porque gosta da força, do poder que um homem põe sobre ela. Quanto mais dominador um homem, se calhar, mais malucas ficam, mais entusiasmadas.”* Não só indica um encontro com a sua posição homossexual, mas também lhe confere o poder de saber do que se trata, de se colocar no lugar dessas mulheres, pois também ele passa por essa situação na relação. Indica ainda que *“a Ana não serve de exemplo, porque a Ana é mesmo, mesmo diferente de tudo o que vi até hoje”* sendo que Ana, ao ser-lhe passada pelo seu parceiro uma posição que não é feminina, pois a mulher gosta de ser dominada e ela é que domina, acaba por se identificar com uma personagem não-feminina com poderes sobrenaturais *“É. Sou tipo Obelix, cai num caldeirão de viagra quando nasci. Pronto!”* apoderando-se não só da parte masculina mas também de poderes, sendo que o próprio Rui acede ao que a parceira diz e assegura *“Ela domina!”*. Apesar do sujeito aceder, permanece em constante procura de uma

diferenciação, uma tentativa de se encontrar, a si e ao seu lugar na relação, sendo que Ana precisa dele pois é Rui que a protege, necessita dos seus cuidados e serviços, sendo o ponto em que se encontram e se unem.

Durante o discurso do casal, são algumas as vezes em que é perceptível que o sujeitos falam em paralelo, não se encontrando a falar exatamente do mesmo, mas complementando-se por vezes. Enquanto Rui fala de aspetos sexuais *“Tanto quanto a jogos, é muito boa a impor poder, muito rígida... e até quando é para ‘comer’. E ela ‘come’”* enquanto Ana introduz *“mas tem de haver cumplicidade, tem de haver conexão, respeito... tem de haver amor, tudo”* sendo rapidamente “seguida” pelo seu parceiro *“nunca nos podemos é magoar, porque nada é indiferente”* que acede ao “pedido” de Ana, entendendo do que esta fala.

Os sujeitos seguem caminhos distintos, no entanto, caminham em paralelo, por caminhos que se cruzam, onde Ana precisa de Rui, e este precisa da parceira, sendo que nesse ponto de união entre ambos, o que domina e o que se submete vai alternando, não sendo possível que ambos ocupem a mesma posição. É portanto através da prestação de serviços e realizar de desejos de Ana que Rui se inclui na relação, e se une à parceira, pois o atuar confere-lhe importância, um poder, dando a ideia de domínio, pois sem ele, Ana não conseguiria sozinha.

Apesar de anunciar exaustivamente o amor, a confiança e união entre o casal, Rui explica *“Porque a Ana não é aquela menina que estava numa redoma de vidro fechada, já não é, o sentimento não digo que seja menos, mas já não é igual, muda... é diferente. Se calhar há coisas mais complicadas de se ultrapassar como casal, discussões, porque determinadas coisas aconteceram, porque ela já não é aquela menina que era. Mas há respeito, portanto vamos usufruindo. Mas as pessoas que fazem desta vida regra, isso não há amor, porque é algo pesado, não é fácil quando amamos desta maneira, ultrapassar que a pessoa já não é a mesma com quem iniciamos uma relação tão íntima quanto a nossa”* dando conta que realmente existem consequências das praticas que o casal tem, não sendo inteiramente confortável e visto como algo natural, sendo que Rui consegue aceder a esse desconforto, a essa problemática, entendendo que Ana já não é a mesma, que o sentimento se alterou com as experiencias que viveram, realizando mais uma vez o comentário *“Há pessoas que têm aquilo para não se separarem...”* que remete para a possibilidade de o presente casal passar pelo que descrevem, sustentando a sua relação nas suas praticas, como pode se manterem uma falsa união, que gira em volta da sexualidade e corporalidade.

Rui ainda acrescenta *“Muita coisa mudou. Nessa idade era impensável eu tocar noutra homem, pior ainda, alguém tocar nela! Alguém tocar nela! Dizer que é indiferente, não... e há a maturidade. Porque desde sempre, desde o dia em que casamos, diz a moça assim “ela é um*

*pouco mais velha, mas ele está preparado e ela não. Ela é miúda e ele é um homem.” E sempre assim foi!”* o que demonstra que o sujeito tem a capacidade de aceder a um mal estar que lhe foi trazido pela falta de entendimento entre o casal em alguns aspectos, sendo necessário apoiarem a relação em determinadas praticas, como tentativa de criar uma união. Rui realiza varias clivagens de Ana, passando da mulher idealizada e perfeita para uma aparente menina com falta de maturidade e senso, neste caso *“E a Ana é uma joia de mulher, é um bom ser humano, é uma boa mulher, tem defeitos e virtudes como qualquer ser humano, mas tem bom intimo. Mas eu vejo que aquele confiar cegamente, isso acabou. Ela podia dizer “isto é amarelo” e eu nem olhava para ver se era amarelo claro ou escuro. E ela agora pode dizer assim “é amarelo.” Apesar de eu nunca a ter apanhado a mentir, porque foi sempre honesta comigo, correcta... mas eu “está bem, deixa ver...”*. E a Ana quanto a maturidade, não a tem totalmente. *Porque, imagine que estamos ali com outro homem ou mulher, e está com ela, e ela cega, deixa-se ir, claro que eu ao ver aquilo, preciso de um pouco de apoio, nem que seja ela a chamar-me, lembrar-se que estou ali também, mas ela não deu esse apoio, não foi capaz, não soube dar.”* Ao descrever a presente situação, Rui consegue compreender esse mal-estar, e demonstra um fingimento, encena um desejo, numa tentativa de minimizar as consequências para a relação *“E na primeira vez ela olhou para mim com aquele ar “pronto, agora já não volto contigo” mas eu engoli em seco, engoli o meu orgulho e disse-lhe “anda cá, vamos para casa, que eu amo-te” e ela chorou ali, e eu disse-lhe “se acertamos, acertamos, se erramos, erramos os dois...” e ela entrou em pânico “já viste o quê que fiz, sou uma puta” e eu para apaziguar as coisas comecei “epá deixa-te disso, foi muita bom, devias ter tido esta ideia há mais tempo, que isto de levar no cu é muito bom, e gostei de estar ali a chupar o gajo, aquilo é muito bom, devias ter me dado isto há mais tempo” mas ao mesmo tempo a morrer por dentro. Foi muito complicado, e é, e ela ainda hoje ainda não se apercebeu. Não por maldade, mas pela maturidade que a Ana não tem, porque a Ana nunca trabalhou a serio, ela tem empregada todos os dias, tem uma vida facilitada, e não tem perspicácia para ver que aquela ou aquela é maldoso, já vai tendo um pouco mais”*. De modo a legitimar a sua incapacidade de perceber alguma malicia, uma imaturidade, Ana indica *“Porque não me diz mulher sozinha”* numa tentativa não só de se justificar passando também parte da culpa para o parceiro, mas também de passar a Rui o sentimento de proteção, de que ela necessita dele para se orientar, que ele tem poder sobre ela *“Teve-me sempre a mim que lhe fiz tudo, protegi de tudo e escondi de tudo o que o mundo tinha de mal. E a Ana não se consegue desenrascar nem apanhar certas coisas.”*. Após descrever alguns defeitos de Ana, onde ela já não é idealizada, já não é a mulher perfeita, e indicar como interage com outras mulheres para as atrair *“Abordam-nos se calhar porque eu*

*sou muito comunicativo, não sou melhor que ninguém, não sou nada, mas as mulheres deliram quando as ouvem. Elas com a minha maneira maluca e quente de as chamar para ao pé de mim, meter conversa, fazer elogios, ficam malucas... pedem-me logo o número!” e tendo em conta o comentário “É...” de Ana que pode indicar algum desagrado pelo que está a ouvir, Rui, mais uma vez, volta rapidamente à parceira, após se dispersar, volta a uni-los de um modo exagerado “Onde um vai o outro também. Somos os mais malucos do mundo, mas sempre juntos! O bitoque é para os dois. Nos vamos à ‘festa’ só um é que vê o palhaço, não... e comemos e usufruímos os dois, de igual modo”.*

Rui explica, justificando, as suas práticas homossexuais “*por isso é que prefiro estar com um homem também, porque quando chega a hora H, eu também tenho prazer, porque ser penetrado por um homem, é uma coisa brutal. Então estar a fazer sexo com a minha mulher, e ser penetrado ao mesmo tempo, é um colosso! Lubrificas e escorre como água.*” onde se dá conta de uma real satisfação, dispersa-se mais uma vez, e novamente procura a sua parceira, efetuando elogios sobre esta “*A Ana quando me penetra a mim, com os nossos objetos, as nossas brincadeiras, é muito melhor, é um espetáculo*” dando novamente à sua parceira um poder que pode ser considerado masculino, o de penetrar, que é muito melhor que um homem, o que pode causar a Ana uma certa confusão de papéis, se é mulher ou homem, tem o poder dos dois, é onnipotente.

Também é possível perceber que Rui funciona em duplo registo, onde é submisso aos poderes de Ana, mas quem tem o poder é ele porque Ana precisa dele, para que ele atue. Rui diz ter a capacidade de ver e saber isso, enquanto ela não, ele percebe e acha pelos dois. Quanto à sua relação com outros homens, quando Rui se encontra na posição de submisso a um homem ele revigora-se, dá-lhe força e poder, dá-se uma condensação do poder de dois num só, dando origem a uma posição onnipotente, todos os poderes do mundo caem sobre si, utilizando a sua bissexualidade, a sua confusão identitária ao seu serviço para chegar a uma posição de poder, ao retirar o poder de outro homem aquando do acto sexual. A posição homossexual masculina pode ter em vista o reforçar da parte masculina, ser possuído para conseguir chegar a uma posição de masculinidade que outrora não foi alcançada, portanto apodera-se dessa masculinidade sugando-a enquanto possuído.

O presente casal precisa da entrada de outros elementos para confirmar e segurar a sua ténue e frágil união pois sem tal a relação torna-se aniquilante e esvaziante, não ser o suficiente para o outro, a entrada de outros elementos são como uma confirmação deste estado, vindo a reforçar, trazer “sangue novo” quase que como numa situação de vampirismo, em que sugam o outro elemento para dar força ao casal.

Ana fala dos homens *“mas digo-lhe já uma coisa que eu nunca pensei, eu tinha uma ideia muito errada, antes disto tudo, eu pensava que os homens eram tido uns bichos, porque eles falam que aquilo era uma coisa, que chegavam ali e arrebatavam tudo. Quais quê? São, são mixurucas mesmo, mixurucas. Falam, falam, uma pessoa faz tipo BUUH! E eles assustam-se logo. Eles falam, falam, falam, mas não fazem nada. Pronto, basicamente é isto!”* tirando-lhes todo o poder e importância, diminui e rebaixa a existência masculina, falando não só de homens em geral, mas aparentemente, de Rui, retira-lhe o poder que ele tanto quer. Posto isto, ambos os elementos do casal acabam por sair reforçados através da bissexualidade, ela é poderosa porque tem a seus pés todos os homens que supostamente são poderosos, mas que na opinião dela são uns fracos, porque ela é muito mais poderosa.

O casal recorre à intelectualização como modo de retirar de si a culpa e desconforto pelas suas práticas, justificando-as *“Agora, eu sou homem. Os melhores guerreiros, que conquistaram a europa toda, que eu até já soube o nome daquela tribo, no tempo dos romanos! Eles eram incentivados a terem relações sexuais entre eles. O quê que acontece, ganha-se um elo, ganham carinho, ganham afeto, tu és meigo, dás-me amor, dás-me carinho, dás-me sexo e amor! O calor, o quente, é uma vez, é duas, é três “eu vou-te proteger na batalha”. Foram os melhores guerreiros, sabia?”* dando a entender que o sexual entre eles visa fortificar o elo, a união, sem isso a rutura seria profunda, é necessário recorrer ao corpo e à sexualidade de modo a colmatar as lacunas e falhas existentes na relação, matem o casal, adia um fim através da satisfação sexual.

Durante todo o discurso, encontram-se presentes clivagens maciças, não só realizadas por Rui quanto a Ana mas também de si próprio, sendo que após inúmeros elogios à parceira, Rui afirma *“Mas o nosso sentimento é forte, tenho uma mulher espetacular, é verdade que o sentimento tem-se alterado, ela para mim foi sempre o “ai jesus”. Meu e de toda a gente! Imagine, agora já não é, já não está naquele pedestal em que a coloquei. Por muito que me custe, já não é. Eu carregava-lhe a mala do ginásio, agora digo-lhe “carrega-a tu!”. Coisas aparentemente insignificantes... porque ela nunca carregou a mala do ginásio, começou a carregar! Foi inconsciente, porque nem me dei conta. Do tipo, és mulher para umas coisas, és mulher para muitas mais! Mas eu sou uma pessoa que fala logo, não guarda, resolvo logo o assunto... às vezes digo-lhe “estás me a faltar com afeto, com amor” e ela diz “mas eu amo-te”. E eu sei, mas eu preciso de sentir, porque a cabeça não para e tem de se falar. Porque imagine o quão complicado é, ver a minha mulher, que eu amo, ali a ‘mamar’ na boca de outro gajo cheia de vontade, e eles não estão a ‘pinar’, ela está mesmo apaixonada. Isto mexe com um gajo!”*. Rui tem Ana ora como idealizada, a mulher perfeita, que lhe pertencia, como alguém

que já não é de confiança, que não presta, que está “contaminada”. Rui tem noção de que Ana não está ali apenas para ele, que procura a satisfação que não tem, fora da relação, sente que esta sente por outros o que deveria sentir apenas por ele, sendo que para não o atingir, a sua identidade, a sua posição na relação, ocupa-se de vários papéis na relação, daquele que prescinde dela porque já não presta, porque vibra mais com o outro, mas por outro lado, ele próprio também vibra, entra em sintonia com os desejos e vontades dela, desdobra-se para atingir a satisfação plena *“Nos os três temos essa química, e ele é um ganda maluco, alinha nas nossas coisas mais estranhas, mais hardcore, adora! Fica louco! Mas é nesta dinâmica, os três. No meio disto tudo, o que eu acho que é mau são os sentimentos. Mas quando respeitamos isso, tudo corre bem.”*

Aparentemente, num discurso repleto de sexualidade, de anúncios de união e amor, é possível que seja exatamente isso que falta, sendo necessária a inclusão de outros que vêm complementar e colmatar as lacunas. É perceptível um repetitivo movimento circular, ao logo de toda a narrativa, proveniente de ambos os elementos do casal, em que vivem numa exaustiva fuga, procura de algo fora da relação, dando conta de uma dispersão e confusão, e uma volta ao parceiro, devido a uma desorganização fora da relação, pois apercebem-se que só conseguem ter poder através da relação com o outro sendo que tanto Rui como Ana fazem realizam este movimento, de fuga e volta ao ponto, ao parceiro, apesar de Ana aparentar ser mais discreta é possível perceber através da sua procura por Rui e pela postura que adota, que a sua identidade não se encontra estruturada. Está-se na presença de um casal que funciona numa linha circular, algo muito característico da perversão, com funcionamento muito fronteiro, podendo ser considerado de borderline, onde se encontram presentes vários movimentos de forclusão e exclusão, o que se fugir ao controlo, pode facilmente levar a parciais e portanto a estados psicóticos. Este funcionamento trabalha numa linha estrutural muito própria, onde os sujeitos se encontram numa posição propensa à passagem a estados mais arcaicos ligados a estados de confusão e perda de identidade.

### 5.1.1. Análise dos grandes temas

1) Identidade (representação eu/outro; diferenciação/indiferenciação); 2) Movimento/Funcionamento circular (dispersão/união); 3) Masculino e Feminino.

#### 1) Identidade

Ao longo da narrativa do casal, é notória a existência de uma identidade alterada de ambos os sujeitos, sendo que vão procurando definir-se, em busca de um lugar/posição ao qual pertencem, realizando diversos movimentos que se destacam.

Após questionados sobre a sua relação, dando oportunidade aos indivíduos para, usando as suas próprias expressões, pronunciarem-se acerca das suas experiências e vivências, Rui anuncia “*Fomos inteirinhos um para o outro*”. Este comentário dá conta de um pensamento de união extrema, como se não existisse um modo de evitar o facto de se encontrarem destinados/predispostos um ao outro, remetendo para uma ideia de precisarem deste relacionamento para se tornarem inteiros, não são “inteiros” sozinhos, apenas juntos.

Deste modo, entende-se que o casal divide um espaço, uma posição, encontrando-se ligados por esta predisposição pensada pelos próprios. É importante procurar compreender se este pensamento de Rui realmente se manifesta, ou seja, quão verdadeira será esta união, afirmada exaustivamente? O facto de o sujeito comentar que foram “feitos inteirinhos um para o outro”, remete também para um sentimento de posse do Outro, no entanto, o *ter* e o *ser* encontram-se difundidos, não existindo uma clara noção de onde termina e se inicia o outro. A exagerada afirmação de uma união extrema, pode demonstrar-se exatamente o contrario, podendo ser uma ilusão criada pelo casal. No entanto, os movimentos elaborados pelos sujeitos, de modo a ambicionarem que essa união, falsa ou real, se mantenha, podem remeter para uma identidade mal estruturada/constituída, uma confusão identitária de ambos.

Rui demonstra a existência dessa confusão aquando afirma possuir o dom de saber o que a parceira deseja, justificando-se com a presença de uma enorme cumplicidade, sendo que ao longo da narrativa postula a existência de uma unidade, a ideia de que os sujeitos são apenas um, anulando desejos e vontades individuais, tornando-os do casal e não de um membro em particular. Esta falta de individuação revela uma procura de união do casal, não de uma igualdade, mas sim de uma mesmecidade, uma unidade, indagada constantemente. Tal remete para uma ausência de limites, estes são negados pois constituem um “perigo” para a dita união, visto que aquando Rui evidencia algumas situações que remetem para uma diferenciação entre os sujeitos, “repara” o que expõe e volta rapidamente ao anuncio da união extrema, como não sendo tolerada a singularidade.

Durante a narrativa, é possível notar que os indivíduos realizam todo o tipo de manobras com o intuito de evitar/negar a desunião e indiferenciação, sendo a inclusão de outros nas suas relações sexuais, apenas um modo de protelar e continuar uma relação que tem por base uma hipersexualidade, não por desejo, mas sim por necessidade. Posto que a entrada de outros indivíduos é uma realidade, necessitam de recorrer a uma limpeza do corpo, segundo Rui *“nós tomamos banho juntos, isto é todos os dias com betadine vermelho, aquele das cirurgias, tudo limpinho, e tomo 3 vezes por dia banho”*. Esta limpeza obsessiva remete não só para algumas ideias obsessivas de Rui, mas também para um renascimento, uma limpeza profunda que se dá no corpo, com o intuito de os limpar e voltar a tornar puros, apagando qualquer indicio de que tenham sido tocados por outros, voltando a restabelecer a unidade.

Esta unidade não funciona apenas como uma simples união entre marido e mulher, mas sim uma amálgama identitária, dado que é evidente a indiferenciação entre Rui e Ana, dado que aparentam não ter capacidades para “sobreviverem” com identidades individuais, como dois em relação. Rui aparenta efetuar uma contante colagem à sua parceira, tomando os seus desejos como seus também, de modo a não por em perigo a união, e por assim dizer, a identidade que conhecem e partilham, negando constantemente a individuação, elaborando assim uma condensação de ambos.

Posto isto, a representação de si e do outro aparenta encontrar-se danificada, confusa, os limites são negados e impõe-se frequentemente uma indiferenciação, necessária para a “sobrevivência” psíquica do casal. No entanto, durante os vários anos de relação, foram colocados por ambos alguns obstáculos para a imposição da união desejada, tendo em conta as relações extra conjugais de Rui e o desejo de Ana de incluir outras pessoas nas práticas sexuais de ambos, o que pode abalar o “edifício” do casal. Posto isto, cada um dos sujeitos teve de elaborar um modo de evitar o término da união. Tal como Ana, ao entender que o seu parceiro procura algo na relação sexual com outras mulheres, cria uma espécie de hipersexualidade, na tentativa de corresponder em tudo ao que este necessita. Por outro lado, expõe o desejo de também ela ter “direito” a retirar prazer de outros indivíduos, sendo que Rui sente necessário tornar esta vontade não de Ana, mas sim de ambos, criando cenários sexuais arrojados, retirando-lhes o que têm de significativo, e que poderia ser um “ataque” não só à sua virilidade, mas também à sua frágil identidade, que tem por base a relação. Posto isto, elabora um desdobramento de eventuais parceiros/as, como se estes se tratassem de um prolongamento seu, de modo a evitar a diferenciação que esta situação causa. É neste ponto que Rui acaba por deixar emergir uma bissexualidade, que remete, mais uma vez, para uma amálgama identitária, através de uma posição homossexual *“É ele que queres comer? É ele que vais comer. Só se ele for*

*'paneleiro' e ai como-o eu'.*” Rui acaba por usar o outro como seu prolongamento, sugando a masculinidade deste, algo que não alcançou. Esta confusão de identidade sexual surge com a procura incessante de conseguir o seu lugar/posição na relação, confunde-se com a sua parceira, com as suas vontades e desejos, ambos precisam de um instrumento psíquico para se sustentarem, utilizando a sexualidade como meio para uma mesmecidade.

Durante a narrativa, Ana ocupa uma posição mais “recatada”, não dando tanto a conhecer, quanto Rui, a sua perspetiva, apenas surge em contacto com o parceiro. No entanto, é possível perceber, nas interações com Rui, que Ana necessita igualmente de uma espécie de partilha identitária, desta confusão/amalgama. Através de alguns comentários, é conhecida a sua confusão de identidade de género, *“Agora, é normal que a mulher, por norma, goste de ser submissa, dominada... porque gosta da força, do poder que um homem põe sobre ela. Quanto mais dominador um homem, se calhar, mais malucas ficam, mais entusiasmadas. Mas a Ana não serve de exemplo, porque a Ana é mesmo, mesmo diferente de tudo o que vi até hoje”* sendo que lhe são conferidos aspetos femininos e masculinos, de idealizada e de “desmantelada”, o que causa uma instabilidade identitária. Ana aparenta necessitar do seu parceiro para que este lhe dê “forma”, a dirija, não a deixando “desfazer-se”. É notório, uma incapacidade, de ambos, de se retirarem da relação e da união que supostamente os sustenta, como indivíduos.

Tendo em conta o referido, é de se salientar portanto uma presente identidade deficitária de cada um dos indivíduos, sendo que a questão que se coloca é: o casal partilha na realidade uma identidade? É essa identidade que os sustenta, (que) lhes possibilita “sobreviverem” psiquicamente? Até que ponto os sujeitos poderiam passar por uma “fragmentação” aquando perdida a “união”? Aparentemente, ambos se sustentam um ao outro, dado que o percecionado até então, dá conta que os indivíduos não se encontram devidamente estruturados identitariamente, necessitando do outro, em determinados aspetos.

## **2) Movimento/Funcionamento Circular**

É de salientar os diversos movimentos efetuados pelos indivíduos, durante a Narrativa, no qual deixa claro que a relação não é algo estável, encontrando-se constantemente numa procura, do outro e da sua posição na relação (domínio).

Estes movimentos dão conta de um funcionamento psíquico igualmente circular, dado que os sujeitos se retiram de um ponto, com o intuito de encontrar algo fora desse local, e no momento que se evidenciam incapacidades de o fazer, retornam ao seu ponto/lugar de origem.

É notório que os sujeitos se encontram em constante procura do outro, como se a sua “vivência” se apoia-se inteiramente no seu parceiro, sendo varias as circunstancias em que se observa um movimento de dispersão e conseguinte união dos sujeitos. Rui, numa tentativa de encontrar o seu lugar de poder, de superioridade, apresenta fortes criticas à sua parceira, indagando a sua falta de maturidade, capacidade de “sobreviver” sem ele, os seus desejos são inúmeros, e o sujeito identifica-os, tal como procura por vezes uma posição que só lhe pertence a ele, não dividida com Ana. Há uma tentativa de diferenciação, de escapar à relação, onde Rui introduz algumas situações que evidenciam o quê contempla de mais negativo na Ana, dispersa-se, o que mete em causa a união diversas vezes referida pelo próprio. No entanto, Rui contrapõe a diminuição realizada por ele sobre Ana, proferindo inúmeros elogios, salientando o que é de positivo na sua parceira, de um modo exaustivo e exagerado. Posto isto, é possível identificar uma posição de idealização de Ana, contrastada com uma “diminuição” e até “desmantelamento” da mesma, dando a entender que Rui consegue aceder ao negativo da sua parceira, no entanto, não lida bem com essas suas “partes”, sendo que rapidamente abandona essas ideias, focando-se numa idealização.

Estes movimentos em particular, de dispersão e união, o bom e o mau, o idealizado e o que não presta, dão conta de uma inconstância por parte de Rui, *E a Ana é uma joia de mulher, é um bom ser humano, é uma boa mulher, tem defeitos e virtudes como qualquer ser humano, mas tem bom intimo. Mas eu vejo que aquele confiar cegamente, isso acabou. Ela podia dizer “isto é amarelo” e eu nem olhava para ver se era amarelo claro ou escuro. E ela agora pode dizer assim “é amarelo.” Apesar de eu nunca a ter apanhado a mentir, porque foi sempre honesta comigo, correta... mas eu “está bem, deixa ver...”*. E a Ana quanto a maturidade, não a tem totalmente. *Porque, imagine que estamos ali com outro homem ou mulher, e está com ela, e ela cega, deixa-se ir, claro que eu ao ver aquilo, preciso de um pouco de apoio, nem que seja ela a chamar-me, lembrar-se que estou ali também, mas ela não deu esse apoio, não foi capaz, não soube dar*”. O objeto que é tem partes boas também tem partes más, o que ele ama também odeia, suscitando uma revolta e desconforto em relação, sendo igualmente constantes os movimentos de saída e retorno a Ana, de dispersão e conseguinte união, remetendo para uma incapacidade de manter estabilidade entre os sujeitos.

Apesar de Ana não possuir uma atitude tão “entusiasta”, não recorrendo ao anúncio excessivo da sua união, também é notório que apresenta dificuldades em manter estável a sua opinião, não apresentando capacidades para lidar com as partes negativas do seu parceiro, posto isto, recorre à sexualidade para alcançar algum bem-estar, por mais ilusório que seja, na relação. No entanto, demonstra-se agradada com o facto de diversas vezes Rui se sentir desconfortável

com alguma situação, em certas circunstâncias em que o sujeito apresenta uma maior fragilidade e impotência, isto é, em algumas situações sexuais desejadas por Ana, como a inclusão de outros elementos na sua vida sexual.

Tendo em conta o proferido pelos sujeitos, é possível admitir que ambos se movimentam em “caminhos” paralelos, encontrando uma “zona de encaixe”, uma união, quando sentem deter o poder/domínio na relação. Posto isto, dado que aparentemente os sujeitos “partilham” uma base identitária, protelando uma “união/mesmecidade”, os movimentos circulares dos sujeitos, aparentam ser utilizados como meio de procura de uma satisfação não retirada da sua relação, e ainda têm o intuito de “demarcar” a sua posição, o seu lugar, na relação. Posto isto, sendo que a “zona de encaixe” entre ambos se dá quando sentido um domínio sobre a relação, é necessário entender como se sucede. Segundo o que se pode retirar da narrativa, Ana sente-se possuidora deste domínio quando expõe um desejo/vontade sua, sendo que Rui pelo seu lado possui o domínio quando entra ao serviço da sua parceira, agindo de encontro ao que lhe é requerido, colocando ao dispor de Ana o que esta demonstrou desejar. Ao realizar este serviço, Rui ocupa um lugar de posse na medida que se não fosse o sujeito a disponibilizar o que Ana ambiciona, esta não o alcança sozinha, como se a parceira “dependesse” dele para poder satisfazer os seus desejos. Ao colocar na relação o que é pedido, Rui terá o seu lugar de poder na relação.

Posto isto ambos acabam por se sentir dominadores, sem terem noção do que é “sentido” pelo Outro, o que eles sabem é a realidade e torna-se suficiente. Acrescentado a esta “luta” pelo domínio, no qual o casal acaba por “se encaixar”, encontra-se então os movimentos de dispersão e união, como se ambos, a seu tempo, tencionassem dominar, porém, apenas quando um domina, o outro também domina, partilhando novamente um lugar, o de poder.

### **3) Representação do Masculino e Feminino**

É possível evidenciar a confusão, aparentemente ligada à patente confusão identitária, uma igual confusão ao nível da representação do Masculino e do Feminino, nos dois elementos do casal, tornando-se uma problemática a salientar.

Para os sujeitos, a representação do masculino e feminino encontra-se aparentemente mesclada, não ostentando capacidades para diferenciar as características associadas a cada um. Entende-se através da narrativa do presente casal que ambos se tentam apoderar-se de características masculinas e femininas, “*A Ana quando me penetra a mim, com os nossos objetos, as nossas brincadeiras, é muito melhor, é um espetáculo*” sendo que a Ana se encontra associado “algo” que é mais que feminino, “poderes” que outras mulheres não possuem. Esta confusão é sustentada por diversos comentários de Rui, no qual postula que Ana não é igual a

outras mulheres, nenhuma é igual a ela, numa tentativa de enaltecer, idealizar a sua parceira. No entanto, estas afirmações conferem a Ana um ataque à sua (já deficitária) identidade, e portanto uma dificuldade acrescida no seu posicionamento não só quanto à sua relação mas também a restantes situações do quotidiano e do seu meio social. Posto isto, Ana acaba por açambarcar não só características femininas e masculinas, concedendo-lhe um poder acrescido “*É. Sou tipo Obelix, cai num caldeirão de viagra quando nasci. Pronto!*”.

Não obstante, também Rui apresenta representações danificadas do masculino e feminino, dado que ele próprio se apropria de características femininas, enquanto minimiza o papel da mulher, também se minimiza a si, pois nas suas comparações, é tão submisso quanto as mulheres que descreve, demonstrando, em algumas circunstâncias, ora uma impotência ora uma potencia acrescida. Rui associa o feminino ora a algo fraco, que não tem o poder, ora ao que tem poder, encontrando-se a própria definição deveras conturbada.

Os sujeitos se apoderam de características de ambos os sexos, revendo-se também na sua bissexualidade. No entanto, as representações do feminino e do masculino não se encontram apenas “deficitárias” devido à sua sexualidade amalgama, mas também à sua confusão quanto às posições de cada um, encontram-se difusas num.

### 5.1.2. Análise da Narrativa Rorschach

Após o primeiro contacto com o casal, R e A, e de estes me colocarem a par da sua história de vida, da sua relação e de algumas das suas experiências, convido-os a responder-me, depois da instrução mais habitual de aplicação, à prova Rorschach.

Procede-se deste modo à apreensão dos movimentos dos sujeitos, revelando a dinâmica entre o casal, tendo em conta as suas respostas Rorschach.

Quanto à apresentação do **cartão I**, surge imediatamente o comentário “*Eish, para quem tem tatuagens isto é um bocado esquisito...*” por parte de Rui, que demonstra alguma surpresa e confusão, ligando imediatamente a mancha que percebe a algo que já lhe é bem conhecido, como se para o acalmar fosse e lhe facilitasse o entendimento da prancha. R exhibe-se aparentemente confuso com a mancha, talvez por ser a primeira a ser-lhe apresentada, recorrendo rapidamente a Ana para que o ajude a descodificar o estímulo. A fornece de modo imediato, sobrepondo a sua resposta ao comentário do marido, uma resposta onde apreende a totalidade da mancha associada a um determinante formal de boa qualidade “*Dois anjos*”. Esta resposta não só se apresenta adequada a nível da forma mas também apropriada tendo em conta para o que remete o cartão, sendo que percebe a existência de duas figuras o que pode

implicar uma interação entre estas, ou seja, identifica as duas identidades presentes no cartão, o que remete para uma boa capacidade de diferenciação entre o sujeito e o outro.

R, seguindo a resposta anteriormente dada por A acaba por identificar corretamente as duas figuras “Isto é um anjo, isto é outro. São dois anjos...” como também perceber, através da simetria presente, que se encontravam posicionados frente a frente, como que em espelho “de frente um para o outro”. Apesar da resposta se encontrar adaptada ao estímulo, foi necessário que R tivesse a resposta de A para formular a sua, sendo que logo em seguida a “destrói” voltando à temática das tatuagens, já sua conhecida, fornecendo uma resposta de cariz mais pesado e abstrato “*como pode ser uma daquelas mascaras, nas tatuagens (...) aquelas esquisitas, não é?*”. O facto de R terminar a sua resposta com uma questão “*(...) não é?*” demonstra uma procura de apoio, de A ou do clínico.

R, tal como anteriormente já fez durante a situação de Entrevista Narrativa em Livre Associação, suga a resposta de A, tomando-a como sua, *enfatizando* “*de frente um para o outro*” e “*Frente a frente*”, onde A se encaixa, seguindo-o também, complementa a sua resposta anterior “... dois anjos virados um pó outro. Pronto! Face com face.”

Apesar de a sua resposta inicial ter por base a temática das tatuagens, R afirma “Mas o que me veio logo à cabeça foram os anjinhos” o que se demonstra um pouco contraditório, sendo que foi A que identificou logo de imediato as duas figuras referidas.

Aparentemente, ainda não satisfeito com a sua resposta, R continua a explorar a mancha, virando o cartão, surgindo de ambos os sujeitos respostas de carácter anatómico, sendo que A diz “*assim parece quase um pulmão*” rindo-se, como se não lhe fizesse qualquer sentido, não atribuindo grande significado, enquanto I diz “*aqui em baixo parece a entrada de um ser humano*”. Sendo que o presente cartão remete para a relação e interação, refletindo um sentimento de identidade (quando a linha média não é vivida como eixo do corpo mas como linha de separação entre duas entidades, dá conta de dificuldades de diferenciação entre o sujeito e o outro) é possível afirmar que as respostas fornecidas por A se encontram mais adaptadas, demonstrando uma boa perceção da simetria presente, identificando duas figuras próximas de figuras humanas, supondo uma interação entre estas, dado que se encontram face com face. Por outro lado, R teve mais dificuldades em refletir uma identidade segura e bem constituída, sendo que apresentou um movimento entre uma resposta adaptada (os anjos) e uma resposta mais abstrata de cariz pesado, o que remete para uma certa confusão e intriga quanto ao presente cartão. As suas respostas demonstraram um movimento de complementude das fornecidas por A, mas sempre como uma posição de encontrar algo mais, de tentativa de se

encontrar sozinho, fora da relação, não tendo capacidade, volta ao seu ponto fixo, ou seja, a sua parceira.

R comenta ainda que a mancha estímulo se assemelha ao mundo “*Curioso, isto não será como o mundo?*” tornando as suas respostas mais difusas e pouco certas. No entanto, A garante a sua resposta, fechando a possibilidade a R pra encontrar outra qualquer, repetindo novamente “Sim, sem dúvida, são anjos”, como se colocasse fim a este movimento de procura, dispersão e conseqüente união efetuado por R.

No cartão II, que pela configuração bilateral e introdução do vermelho põe à prova a capacidade de relação, e a capacidade para pensar a emoção que lhe está inerente, A mantém a postura já dada no cartão anterior de alguma incontinência, respondendo prontamente ao olhar para a mancha, “*Ai, aqui parece gnomos (...)*”. Apesar da espontaneidade e rapidez de resposta, A acede à relação, identificando claramente duas figuras presentes na mancha, colocando-as ainda em interação “*(...) estão a cuscar um com o outro*”.

R continua numa posição defensiva, demonstrando-se mais cuidadoso com a sua análise e formação de respostas, questionando a natureza da presente prova, apesar de fornecer uma resposta que vai de encontro à fornecida por A, identificando igualmente duas figuras, neste caso elefantes. R afirma “porque aqui pode-me parecer dois elefantinhos aqui com a trombinha no outro”, o que apesar de aparentar encontrar-se, bem adaptado ao estímulo, R faz questão de utilizar os diminutivos de uma figura e animal imponente como o elefante, referindo-se ainda a “trombinha”, como se estivesse a retirar todo o poder ao referido animal. Tendo em conta a problemática da castração estar claramente visível, bem como a angústia que lhe está diretamente ligada e os processos defensivos que o sujeito utiliza face a essa angústia, pode classificar-se a escolha de diminutivos para se referir às figuras como a emergência de uma angústia, procurando a ajuda da parceira para se retirar “*Não achas, Ana?*”. Mais à frente R volta a comentar “*(...) a mim faz-me lembrar dois elefantezecos*” voltando a retirar o “peso” que a figura animal trás, diminuindo-a, reduzindo-o ao ridículo.

A não altera a sua resposta afirmando “*Pronto, são os dois elefantes. Para mim são os smurfs mesmo*”, faz com que as duas respostas, as duas realidades coexistam no mesmo estímulo, efetuando um desdobramento do estímulo, onde é percecionado e elefantes.

R volta à temática do corpo humano, já mencionada anteriormente, numa atitude justificativa para percecionar uma parte do corpo “*Não sei se concordas, mas estas duas ultimas, pelo menos, na minha opinião, o que isto será... isto pode parecer muita coisa que isto não está definido... mas parece ser partes do corpo humano. A bacia, parece-me pá*” sendo que A, apesar de R ter falado da bacia, entra também na temática do corpo humano, falando da

presença de um útero, acrescentando *“pode ser um útero, um bocado desgastado, coitadinha, com muito sangue”* e *“pronto, mas isso é uma imagem muito ensanguentada”*. Enquanto R fornece dentro da temática da anatomia humana, uma parte mais rígida, mais dura, como os ossos da bacia, A desfaz a resposta, indicando *“um útero, um bocado desgastado, coitadinha, com muito sangue”*. Esta resposta pode remeter para uma estrutura a desmoronar-se, que não se encontra bem constituída mas sim frágil.

No cartão III, que remete para a dimensão relacional face ao outro e para as questões da identidade e da identificação, A toma uma vez mais a iniciativa, e despeja novamente uma resposta com um certo choque *“Ai, aqui parecem aqueles pretos!”*. As respostas de A são normalmente espontâneas, como se não investisse muito, no entanto, resposta apresenta-se adequada ao estímulo, reconhecendo devidamente as figuras humanas representadas. O choque que demonstra, não parece ser perturbador ou negativo, pois A ri-se. R, por outro lado, associa o estímulo com o mesmo conteúdo que tem até então identificado nas anteriores manchas, revelando uma indiferenciação ao estímulo do cartão e uma (in)construção hemorrágica, que permitem pensar numa perturbação na simbolização e no pensamento, sem continente psíquico que permita conter e elaborar os afetos. Esta resposta liga-se à mesma temática, a do corpo humano, no entanto, em vez de identificar figuras humanas, indica que todo o cartão representa o corpo humano *“Isto em toda a parte é o ser humano, não falha”* generalizando por todos os cartões a mesma associação. R acaba por também concordar que *“isto são dois blacks”*, sendo que após esta resposta, A confirma a resposta do seu parceiro, alterando a sua linguagem, adotando a dele *“pareceu-me dois blacks”*.

No entanto, R não aparenta encontrar-se satisfeito com essa resposta, continuando à procura de algo no estímulo que possa associar ao corpo humano, sendo que logo em seguida destrói a resposta anteriormente fornecida *“Mas não é... isto é uma parte de um ser humano! Mas pronto, o que parece ser é isso...”*. Com a resposta *“Opá não sei, a mim parece-me a bacia, não parece?”*, R procura apoio da sua parceira, no entanto esta nega-lhe *“Ai outra vez?”*. A faz ainda um comentário à cor vermelha *“Estas coisas parecem-me um pouco fora do sítio”*, apesar de esta não evitar a cor não consegue associá-la a algo, demonstrando dificuldade em lidar com um estímulo mais agressivo. Quanto a R, o facto de evitar por completo essa parte do estímulo, remete também para uma dificuldade em lidar com pulsões agressivas. R insiste que todo o estímulo está associado à temática do ser humano, incluindo também a cor vermelha, sem explicar ao certo o porquê *“também faz parte do corpo humano. Podia estar errado, mas não estou... acho que não”*. O seu último comentário mostra um movimento de confusão, de destruição iminente, onde o sujeito recusa perceber o estímulo, encontrando-se fixo numa

temática, utilizando-a para realizar movimentos de fuga ao conflito provocado pelo presente estímulo.

É perceptível que alternadamente os sujeitos recorrem ao outro para que este ajude na realização de simbolização do estímulo, demonstrando uma incapacidade de simbolização e de alcançar as representações humanas, em movimentos de desorganização.

Tendo em conta que o presente cartão permite uma identificação (uma identidade sexual), devido à disposição de silhuetas que estão muito próximas da realidade, os indivíduos, aquando sujeitos ao estímulo, vão poder exprimir a necessidade de representação de si, de si face ao outro e ainda a descoberta desse outro e o tipo de relação que procura com o outro, é possível perceber que R apresentou nítidas dificuldades em aceder a este conteúdo do cartão, exercendo uma fuga ao estímulo, enquanto A apresentou uma melhor capacidade de representação de si e do outro, apesar de não colocar as figuras em relação.

No cartão IV, A começa por efetuar um comentário ao material *“Muito negro...”* acompanhado por uma expressão facial de desagrado, apresentando uma reação negativa ao estímulo, remetendo para uma posição que se submete ao que o estímulo lhe provoca, sendo que este se encontra ligado à força, ao poder, à autoridade.

Rapidamente R, acompanhado de um movimento brusco e com uma certa agressividade, bate com o presente cartão na mesa, como se o estímulo lhe tivesse provocado uma certa fúria, acaba por fornecer uma resposta igualmente agressiva *“(...) isto parece assim aquelas caveiras daqueles búfalos”* escolhendo um animal de força para descrever o estímulo, mais precisamente as caveiras do animal, novamente osso, algo duro e rígido, o sujeito dá forma ao que percebe, torna o estímulo mais concreto.

Sendo que foi seguido por uma resposta de A, que utilizando uma parte da resposta do parceiro, mas “coloca” algo diferente na descrição do estímulo *“parece qualquer coisa tribal, tipo não sei, uma máscara, uma coisa assim...”* não demonstrando ter uma resposta sua, bem formada e estruturada, ampara-se no que foi fornecido pelo companheiro, no entanto altera-a ligeiramente, tornando-a como sua.

O Cartão V não é um estímulo que levante grandes questões, pois está muito próximo da realidade objectiva, surgindo com frequência respostas banais de animais voadores. Posto isto, A automaticamente diz *“Ai, é um morcego”*, fornecendo uma resposta de apreensão global associada a um determinante de boa forma e também a uma banalidade, dando conta de um bom contacto com a realidade. Após ouvir A e examinar o presente estímulo, R identifica igualmente um morcego *“(...) nítido”*. Ambas as respostas remetem para que R e A apresentem um sentimento de integridade física e psicológica apropriado e correto.

O Cartão VI, do ponto de vista simbólico, é uma cartão muito saturada em fatores com implicações sexuais e/ou enérgicas-dinâmicas, sendo que reenvia o sujeito para a problemática sexual. A entrada no presente cartão foi demorada, sendo que os sujeitos, tendo em conta os tempos latentes de resposta nos restantes cartões, demoraram significativamente mais para fornecer alguma resposta. A inicia com a resposta *“parece só uma coisa derramada...”* demonstrando um evidente desagrado pelo estímulo apresentado, não aparentando ser capaz de conferir forma ao que percebe, sendo que R se prontifica logo para tentar esclarecer *“parece um animal, um bicho, por causa aqui das pontinhas... parece”*. É notório o desconforto de ambos perante o presente cartão, fazendo-se um silêncio equivalente a um choque. Acabam por não conseguir formar nenhuma resposta consistente, efetuando varias tentativas de fuga *“Olha, eu não sei... parece um abstrato, não parece nada”* e *“Pois, não é nada de concreto. Parece que foi uma coisa derramada ai, não sei”*. A reação emocional do casal é negativa, e tentam recusar ao cartão. Tendo em conta a forte tentativa de recusa por parte do casal, é possível afirmar que ambos se encontram incomodados com o estímulo a que foram sujeitos, o que pode remeter para um problema na sua sexualidade. No entanto, é notório que, apesar de R se encontrar confuso e numa tentativa ora de fuga ora de entender o estímulo, A não consegue conferir qualquer tipo de forma, estrutura, à mancha, referindo-se diversas vezes a algo, um liquido que fora derramado, o que remete para uma identidade de si muito deficitária, sem qualquer tipo de estrutura, que não foi devidamente constituída, sendo necessário o amparo no outro.

Quanto ao cartão VII, trata-se de um cartão feminino, materno, onde o sujeito é confrontado com a sua primeira relação. Ao observar o estímulo, A afirma *“ai opá, eu estou sempre a ir para os bonecos, não sei porquê, a sério”* de um modo aparentemente envergonhado, acaba por responder *“não sei, olhe, eu olho para isso, sei que não tem o nariz comprido, mas lembro-me do Pinoquio”* e *“Ou o Peter Pan. Por causa aqui do chapéu, faz me lembrar assim qualquer coisa desse tipo”*. Mais uma vez, A coloca a co-existir no mesmo estímulo duas respostas, sendo que a diferença entre elas é o nariz. Se colocar um nariz comprido é o Pinóquio, se não, é o peter pan, remetendo para um objeto fálico, que confere poder ao estímulo, que esta tem o poder de dar ou de retirar.

Por sua vez, R, tendo em conta a resposta de A, passa de um peter pan, para dois, tal como a relação deles, que varia entre a unidimensionalidade e a bidimensionalidade, como são apenas um, como são dois, como estão em união, como *“andam”* por caminhos paralelos.

No presente cartão, é usual encontrar-se respostas que remetem para sentimentos de vivência, de segurança, com cinestésias femininas, dado que o não aparecimento destas, podem

supor uma perturbação ao nível das relações mãe/filho, o que aparenta ser o facto, remetendo para a possibilidade de uma relação materna de ambos os sujeitos bastante frágil ou até inexistente. O cartão suscita a A uma certa estranheza, sendo que foge do estímulo, concentrando-se na simetria, questionando-a.

No Cartão VIII, a primeira reação veio de R, que observa a semelhança entre os cartões apresentados. É necessário ter em conta que esta observação foi efetuada na primeira mancha que apresenta uma panóplia de cores que remetem para uma expressão de afetos. No entanto, R evita completamente a presença de cores, alargando a sua temática do corpo humano também neste cartão. O sujeito não aceita o cartão, efetuando uma fuga aos afetos. Apesar de as cores presentes possam remeter para imagens do interior do corpo através de anatomias, o sujeito apenas fornece uma resposta anatómica devido à preservação que se mantém a efetuar desde o começo da prova. No entanto, automaticamente destrói a sua resposta, recorrendo à temática animal “*Mas parece um lagarto também...*” sendo que A, tal como R no cartão anterior, passa de *Um* para *Dois*, “*Parecem dois animais*” conferindo ao estímulo uma bidimensionalidade que não foi percecionada por R. Este movimento, semelhante ao de R, dá conta que ambos se movem em paralelo, trocando os seus lugares de modo alternado, sendo que nenhum tem um lugar fixo, movem-se em caminhos diferentes, complementando-se, unindo-se em alguns pontos, sendo que nunca ocupam a mesma posição em simultâneo.

Algum tempo depois, R volta rapidamente às suas repostas anatómicas “*o todo... é a bacia! Os pulmões, a bacia...*” sendo mais uma vez acompanhado por A “*aqui e a parte da bacia, ali é a parte dos pulmões e aqui a parte do pescoço, dos braços*”, que acede à sua resposta, dando-lhe a ele o lugar de poder sobre a simbolização do percecionado.

As observações de ambos dão conta de uma identificação anatómica no entanto um pouco danificadas, sendo que as partes identificadas não se encontram juntas, mas sim desmembradas de uma imagem corporal imaginária

A entrada no Cartão IX dá-se com uma crítica de R, não só ao objeto mas que também demonstra uma preocupação em não conseguir elaborar uma resposta ao presente estímulo e ao modo como o que diz vai ser analisado posteriormente pelo clínico. É perceptível, tendo em conta o tempo de latência do cartão comparativamente a outros anteriores, que os sujeitos demoram a conseguir interpretar o presente estímulo, sendo que a primeira resposta parte de A “*Isto parece quase um cálice de água, a mim, a meu ver, parece quase um cálice*”. Esta resposta recorre à inclusão dos espaços brancos presentes no cartão associado a um determinante de forma. A na sua resposta, identifica o elemento água, remetente ao materno, mas procura conter

esse elemento, utilizando um cálice, algo que o segure e ampare, talvez neste caso se encontre a recorrer ao parceiro.

Tendo em conta que o presente catão remete para uma regressão, sendo que nem todos os indivíduos se podem permitir tal coisa, tem um grande impacto emocional no sujeito. A solicitação para esta regressão traduz-se numa sequência de imagens de conteúdos naturais, frequentemente ligadas ao meio aquático, que tem a ver com a imagem materna, tal como se pode observar na resposta de A, que apreende adequadamente o conteúdo latente, demonstrando no entanto, necessidade de conter esse materno, o que pode indicar uma tendência para o proteger ou pelo contrario, evitar que este contamine os restantes elementos presentes. Também se pode ter em conta que A utiliza a palavra quase, como se o “cálice” não fosse muito concreto e, portanto, securizante. Esta resposta pode remeter para uma falta de amparo e segurança na sua relação continente-conteúdo.

R acaba por se apoiar na resposta de A concordando com ela “*E é. Parece mesmo*” acede à resposta dela, no entanto, com os movimentos que exerce no cartão, acaba por colocar em questão essa interpretação, como se não se sentisse satisfeito com essa análise, procurando no estímulo algo que sustente as suas respostas. Acaba por identificar animais marinhos “*Parecem uns lagostins? Uns camarões, parece*”. A presença de uma interrogação dá a entender que procura o apoio da sua parceira, no entanto, a sua resposta, apesar de se colocar no âmbito animal, permanece na temática marinha anteriormente referida por A, como se tivesse intenções de completar a resposta desta. Por sua vez, A refere “*Já agora o verde era a alface*” acendo à resposta de R, “acompanha-o” referindo “*Para os lagostins não irem sozinhos no prato*”. Esta resposta pode ser complementar à de R, sendo que a própria A refere que está “*a acompanhar os lagostins*” anteriormente referidos por R. Esta situação pode remeter para uma situação de simbiose entre o casal, onde as suas respostas procuram complementar-se para encontrar um sentido, uma logica, no presente estímulo.

Apesar de A ter realizado um movimento de ajuda ao parceiro na sua resposta, logo em seguida destrói esse “laço” criado, negando a sua anterior *observação* “*Não, isto pra mim é um cálice, pra mim... ai ao meio é um cálice.*”. O facto de A repetir que esta sua resposta depende somente da sua ótica e análise, parece criar uma tentativa de diferenciação do seu parceiro, como se quisesse que a sua resposta fosse apenas dela. Acrescenta-lhe ainda um novo elemento “*Com fogo ou luz à volta*”, o que vem impor a sua resposta, dando um valor superior ao cálice que observou anteriormente, tomando este um papel central no cartão e assim, de extrema importância.

Quanto a R é perceptível a sua dificuldade em interpretar o estímulo continuando a tentar identificar uma temática de comida, mais oral “*com alface, os lagostins...*” sendo em seguida como que ridicularizado pela parceira “*tou com fome*” rindo-se da sua analogia, R abandona a sua ideia original, admitindo a sua dificuldade “*parece-me ser. Mas é complicada uma definição certa*”, elaborando uma crítica subjetiva, abandona o seu investimento após a frustração de não conseguir fornecer uma resposta adequada e talvez por não ter sido prontamente apoiado pela sua parceira, acaba por responder “*Isto para mim é tudo mulheres*”. O facto de R não ter, como outrora, referido seres humanos mas sim “Mulheres” pode remeter para uma simbolização do sentimento que o presente cartão lhe confere, de algum desconforto, impotência e confusão.

Na entrada no Cartão X, ambos os sujeitos demonstram, através dos seus comentários, um certo choque pelo que percebem acompanhada de uma reação facial de surpresa e preocupação. Dadas as suas características de dispersão, o presente estímulo remete o sujeito para fantasmas de fragmentação. Solicita o indivíduo para essa angústia de fragmentação, testa os limites. R rapidamente, ao sentir-se inseguro de uma análise do estímulo, recorre à sua já habitual temática anatómica, deixando claro a sua fuga aos sentimentos que o presente cartão lhe fomentam, fornecendo primeiramente uma resposta já encontrada no cartão anterior “*Na, isso são seres humanos*” demonstrando uma completa negação de uma possível interpretação do estímulo, sentindo que é necessário justificar a sua resposta, acrescentando “*Faz-me lembrar a caixa torácica*”. O facto de A acompanhar o seu parceiro nesta resposta “*Esta talvez seja a mais evidente, não sei*” remete para que esta também se sinta desconfortável com o presente estímulo, preferindo ligar-se ao marido, não investindo numa resposta unicamente sua. A não aparenta encontrar-se disponível para, perante um estímulo desfragmentado, conseguir fornecer algum tipo de resposta bem estruturado, o que pode remeter para uma estrutura de si igualmente frágil e deficitária, podendo encontrar-se em perigo de igualmente se desfragmentar.

No entanto, demonstra uma tentativa de individuação da sua resposta “*Não, pra mim, pra mim é. Pra mim...*” como se apesar de saber que a resposta é de R, a quer tomar unicamente como sua, tornando-a independente da resposta do parceiro. Este movimento por parte de A é bem perceptível quando R entra em diálogo com esta, para justificar a análise, que para ele, é de ambos “*é as cores*” ao que A responde, num aparente movimento de fuga “*ou por serem as coisas mais distantes*”, seguido de uma justificação para a sua resposta “*tipo aqui o tronco*”, no entanto não aparenta encontrar-se muito certa da sua resposta.

R acaba por abandonar a sua parceira nesta resposta de temática humana, identificando, tendo em conta a forma e as cores presentes no cartão, “*aqui pode ser uma borboleta, tanta*

*cor, tanta junção” sendo que A continua a identificar partes do corpo “Não, cá está a tal parte aqui da bacia, parte do coração e dos pulmões, parte aqui do externo, talvez o externo, aqui esta parte aqui pra cima. Uma coisa assim, não sei...”, numa tentativa de se justificar, apesar de não muito segura, colocando constantemente em dúvida as suas respostas.*

Por fim, R acaba por assumir que o que observa consiste no corpo humano, como recusa a formar uma resposta adequada ao estímulo, sendo acompanhado por A neste movimento de recusa aos sentimentos de fragmentação que o presente estímulo tem tendência a trazer nos sujeitos.

## 6. DISCUSSÃO

O presente estudo foi desenvolvido à luz da temática da perversão com base num estudo de caso, onde se procurou analisar e compreender como se dá a dinâmica entre um casal com comportamentos sexuais desviantes, com o intuito de clarificar algumas questões que surgem na literatura sobre as perversões, e também, devido ao método utilizado para o desenvolvimento, e posterior recolha e análise de dados, identificar problemáticas patentes ao casal que serviu de base para o presente trabalho.

Posto isto, após a recolha da literatura remetente à temática base, foi procurado um casal pertencente a uma população não-clínica, tendo sido selecionados a partir de critérios comportamentais a nível sexual. Como já referido anteriormente neste trabalho, recorreu-se a uma abordagem metodológica qualitativa psicanalítica, mais precisamente à Narrativa em Livre Associação e à Narrativa Rorschach em aplicação conjunta, que procuram aceder ao modo de funcionamento psíquico dos sujeitos e também aos movimentos elaborados que remetem para a dinâmica relacional do casal.

Após efetuado o levantamento do conteúdo em análise, provenientes das narrativas, dos participantes, seguidamente procede-se a uma discussão destes conteúdos numa pronúncia coletiva dos métodos de investigação utilizados em articulação com as propostas teóricas existentes, conforme os objetivos propostos no presente estudo. É crucial salientar que, apesar de o tema base ser a perversão, o foco deste estudo tornou-se maioritariamente o casal, mostrando-se mais significativo algumas problemáticas que emergiram durante a análise do material recolhido.

Não obstante, foram identificadas temáticas fulcrais que remetem para uma problemática identitária de ambos os sujeitos, revelando uma dinâmica existente que pode ser considerada *suis generis*, em ambas as narrativas. Segundo o que é passível de ser analisado no material recolhido, é notória a existência de uma identidade alterada por parte de ambos os sujeitos, sendo que é através da sua interação que procuram definir-se, em busca de uma posição ao qual querem pertencer, neste caso, uma posição na relação. A identidade dos sujeitos aparenta estar suportada por uma ideia de união extrema entre o casal, um pensamento de predisposição, no qual consegue ser “inteiros”. Ao procurar compreender de que modo se encontra estruturada a identidade de cada um dos participantes, evidencia-se uma confusão entre o *ter* e o *ser*, sendo que para os sujeitos, o terem o outro se encontra mesclado com serem o outro, aparentemente não existe uma noção de onde termina e se inicia o outro. Ambos apresentam uma fragilidade, uma rutura ao nível do Eu como íntegro e seguro. Este Eu

encontra-se não só incapaz de elaborar uma significação de modo harmonioso e estável, como também se encontra tecido de uma forma confusa de modo intersubjetivo, juntamente com o Outro. Este aspeto remete não só para uma falta de distinção entre o sujeito e o objeto, como também uma dificuldade em inserir-se e adaptar a uma realidade objetal.

Alguns aspetos enunciados pelos participantes, dão conta de uma tentativa de criar uma unidade, uma mesmecidade de ambos, a presença da ideia de que os sujeitos são apenas um, anulando desejos e vontades individuais. É clara a ausência de individuação e diferenciação por parte do casal, o que evidencia uma inexistência de limites entre ambos. Portanto, sendo que as suas identidades se encontram aparentemente danificadas, é crucial que seja criada e mantida uma união, sendo que são evidentes, nas narrativas, os movimentos de procura, não só do parceiro como do lugar que ocupam. É notório que essa união não pode ser quebrada pois nos vários momentos em que pode ser evidente uma dispersão por parte de algum dos elementos do casal, essa “união” é rapidamente repostada, como se não fosse tolerada uma diferenciação e individuação, a “união” fica em perigo, tal como a identidade criada pelo casal. Nas narrativas, estas falhas de Rui e Ana encontram-se não só presentes um discurso desintegrado, incerto e notando-se uma narrativa confusa, desperta e flutuante, onde se insere uma contínua procura do Outro, busca de uma união, aparentemente frágil.

A permanência desta união, tão aclamada no discurso de Rui, é entendida como a base de “sobrevivência” de ambos, sendo que aparentemente os indivíduos não apresentam condições, estruturas, suficientemente boas para conseguirem lidar com determinadas circunstâncias. É perceptível a realização de uma constante “colagem” por parte de Rui à sua parceira, no momento em que toma os seus desejos como seus, de modo a não colocar em perigo a união, do qual aparentam depender, remetendo para a identidade que conheçam e parecem partilhar, negando constantemente a individuação e por fim, elaborando uma condensação de ambos. Posto isto, a representação de si e do Outro aparenta encontrar-se danificada, confusa, os limites são negados e impõe-se frequentemente uma indiferenciação necessária para a “sobrevivência” psíquica do casal.

Os comportamentos sexuais do casal, considerados desviantes, a presença de uma aparente hipersexualidade, surgem de modo a manter esta ligação que se impõe constantemente, numa incessável procura de satisfação, no qual a inclusão de outros participantes na sua vida sexual vem confirmar que a união desejada pelos sujeitos não é suficiente, podendo colidir numa possível quebra, caso não procurem soluções. Deste modo, é perceptível uma dificuldade no manuseamento da dependência e indiferenciação dos participantes entre si, assim como uma

dificuldade na delimitação entre estes, entre o eu e o outro, o interno e o externo, que por sua vez remetem para a problemática da indiferenciação, separação-individuação.

Na constante procura de satisfação, e também de uma identidade, Rui acaba por deixar emergir uma bissexualidade remetente a uma amalgama identitária, pois para evitar o perigo que transporta a inclusão de outros elementos nas praticas sexuais do casal, o sujeito necessita de elaborar uma solução, para que o edifício da sua frágil identidade, a suposta união, não seja desmantelada, por isso, elabora um desdobramento, como se os outros, os eventuais parceiros/as, se tratassem de um prolongamento de si, onde acaba também por se apropriar de aspetos que não tem/é e deseja ter/ser, através de uma posição homossexual, suga a masculinidade de outro. Esta confusão de identidade sexual surge com a procura incessante de conseguir o seu lugar/posição na relação, confunde-se com a sua parceira, com as suas vontades e desejos, ambos precisam de um instrumento psíquico para se sustentarem, utilizando a sexualidade como meio para uma mesmidade.

Apesar de Ana, ao longo de toda a narrativa em Associação Livre, adotar uma atitude menos expansiva, comparativamente a Rui, nas interações com o seu parceiro, deixa claro que necessita igualmente de uma espécie de partilha identitária, desta amálgama, sendo que, através da narrativa Rorschach, evidencia uma falha em dar uma forma concisa ao percecionado, indo em busca de Rui para que este a sustente, a contenha, evitando que esta se “desfaça”, se “fragmente”.

A esta participante são conferidos aspetos não-femininos, alguns masculinos, outros mais que isso, levando-a a colocar-se numa posição que não se encontra bem definida, vagueia, na procura do seu lugar, tal como Rui. Ambos aparentam seguir caminhos diferentes, mas em paralelo, encontrando uma zona de encaixe entre si, através da dita “união”. Para estes sujeitos, esta união baseia-se num encontrar da sua posição na relação, sendo evidente uma procura de domínio sobre o outro, apesar de enunciarem uma igualdade. De certa forma, essa mesmidade é encontrada, tendo em conta que a posição de domínio é alcançada por ambos na mesma circunstância, isto é, quando um sente que tem o poder na relação, o outro também o sente. Não através da união, mas sim através de movimentos circulares excessivos e extenuantes, que ambos elaboram. Aparentemente, a insatisfação que surge na relação entre ambos, leva à procura de algo que lha confira, posto isto, aquando Ana sugere a inclusão de outro elemento na vida sexual do casal, ocupa uma posição de poder, de domínio. Ela quer, ela precisa, e expõe, implícita ou explicitamente, a sua vontade. Rui, que pode percecionar este pedido da sua parceira como um ataque não só à sua virilidade e capacidades, mas também à “união” do qual necessita para se “manter”, prontifica-se a prestar serviços, a atuar, o que lhe confere igualmente

a ideia de domínio e poder, sendo que, para Rui, a ideia de domínio passa pela posição dependente que o Outro tem de si, posição em que coloca Ana, com a ideia de que ao agir, em prol da parceira, possuirá um certo controlo sobre esta.

Através da narrativa Rorschach, é evidente uma confusão, proveniente de ambos os sujeitos, quanto aos limites, sendo que os participantes realizam exaustivamente movimentos de procura do outro para conseguir simbolizar, o que vai de encontro ao que se encontra igualmente na narrativa em livre associação, sendo que os participantes, perante a angústia e frustração de não captar corretamente o estímulo, acabam por sugar a resposta do outro, dependendo dele para dar forma ao que está a ser percebido, remetendo para uma procura de apoio perante a fragmentação do cartão, presente num espaço de comunicação frágil entre o interno e externo.

Posto isto, esta dependência permite evidenciar a existência de uma incapacidade na distinção do eu-outro, interno-externo, recorrendo ao corpo como meio de comunicação e uma consequente problemática de indiferenciação. As lacunas que são apresentadas pelos sujeitos quanto à diferenciação de limites próprios (Chabert, 2003), de si e do outro, evidenciam-se em ambos.

Também na narrativa Rorschach, a articulação realizada com a temática de diferenciação precoce, narcisismo e uma procura de separação e reaproximação, assim como dificuldades na constância objetal de carácter inseguro, remete para uma dificuldade nos estágios iniciais do desenvolvimento e maturação do processo de separação-individuação (Diamond, Kaslow, Coonerty & Blatt, 1990). Por sua vez, a narrativa dos dois sujeitos, revela uma dificuldade no manuseamento desta dependência e na articulação do outro, adjacente à identidade do eu como objeto transitivo ao permitir um suporte nos processos de significação e simbolização e, ao mesmo tempo, um objeto anaclítico, ao exercer um suporte à estabilidade da representação de si e do outro, na relação. A própria comunicação entre os sujeitos remete para um apelo excessivo à certificação e permissão para criar, remetendo para uma incapacidade de criar sozinhos (Chabert, 2003; Linhares e Pinheiro, 2009).

Na relação do casal, o outro possui uma função semelhante à de uma segunda pele (Anzieu, 1989), permitindo a introjeção do objeto capaz de cumprir uma função construtora do Eu. Posto isto, é possível perceber as diversas manifestações de ambos os participantes, sendo que o seu discurso encontra-se marcado por um vaivém da relação de transformação e de elaboração conjunta de significações e simbolizações. A dificuldade em realizar uma diferenciação clara entre o eu e o outro, o mundo interno e externo, o pensamento e a Acção, a fantasia e a realidade, remete para a existência de uma falha no desenvolvimento de integração

da separação e individuação dos participantes (Anzieu, 1989; Colddini, 1987; McDougall, 1986). Deste modo, o outro é sentido como parte integrante do eu, possuindo uma função de (re)significação, onde possibilita a (re)unir, (re)organizar e (re)integrar partes de si mesmo, numa relação de ligação e de transformação (Cunha e Marques, 2009).

Outro das problemáticas, que se encontra também ligada à estruturação da identidade dos sujeitos, é a confusão e repressão do Masculino e do Feminino, sendo possível evidenciar que para os participantes, estas representações se encontram mescladas, apesar de algumas alusões elaboradas por ambos ao sexo oposto. No entanto, apresenta-se uma confusão ao nível das características patentes destas representações, sendo que ambos se apropriam destas. Aulagnier (2003) identifica mecanismos como a recusa e as posições de desafio e cumplicidade como identificatórias da estrutura perversa, sendo que o que o perverso recusa a diferença de sexos e por conseguinte que essa diferença seja a causa do desejo da mãe pelo pai, e que o sujeito seja fruto dessa diferença.

Rui, tendo em conta os seus momentos de maior impotência, aquando a sua parceira demonstra insatisfação, devido ao ataque que sofre da sua ideia de virilidade, refugia-se numa posição mais feminina, submissa. Não obstante, Ana assume características não-femininas, dado que lhe é conferida, pelo seu parceiro, a “mensagem” de que não é como as outras mulheres, adotando como seus poderes, características, que lhe conferem assim um domínio. Rui, ao idealizar a sua parceira, diminuindo outras, confere-lhe uma dificuldade acrescida no seu posicionamento não só na relação mas também quanto a circunstâncias do seu meio social. Esta confusão fornece a Ana um sentimento de confusão, pois não se encontra, não entende onde se encaixa, deixando apenas a possibilidade de se encaixar em Rui. Esta mescla encontra-se também ligada à confusão existente entre o *ter* e o *ser*, sendo que dado ao facto das identidades de ambos se encontrarem difusas, ou até partilhadas, permite a que ambos *tenham* e *sejam* o outro, apoderando-se assim do que é o outro.

Visto que o posicionamento de ambos se demonstra frágil e confuso, isto vem justificar os movimentos constantes com o intuito de ter um lugar. Tendo em conta que os participantes só alcançam o lugar que pretendem em relação com o outro, como já foi anteriormente referido, esta posição encontra-se partilhada, o que remete igualmente para a possibilidade de uma partilha de identidade. É notório que estes movimentos necessitam de uma comunicação com e do outro, sendo que se entende os diversos momentos em que Rui se dispersa, se diferencia de Ana, na procura de um lugar dele, apresentando fortes críticas à sua parceira, evidencia que possui a capacidade de identificar o negativo de Ana, porém ao meter em “perigo” a união idealizada, a mesmecidade, irá consequentemente colocar em perigo a sua identidade, que

existe na relação com Ana, sendo que volta rapidamente a unir-se a esta. Rui contrapõe a diminuição de Ana, contrastada com uma evidente idealização desta, remetendo para uma inconstância, entre o bom e o mau, o idealizo e o que não presta, e portanto, o que ama e o que odeia. O objeto apresenta partes boas e também partes más, suscitando uma revolta e desconforto, marcada por movimentos de saída e retorno a Ana, remetendo para uma incapacidade de estabilidade do sujeito.

Para além deste movimentos, já salientados, também é perceptível a elaboração de semelhantes movimentos no discurso de Rui, que apresenta uma forte confusão temporal, uma incoerência e ausência de uma linha de raciocínio, elaborando movimentos de repetições de histórias e vivências, como se de uma fuga se tratasse. O sujeito foca-se na expressão de situações sexuais, como se existisse algum tipo de desconforto em deixar este relato, que pode remeter para uma incapacidade para lidar com a realidade, com o negativo, evitando, criando uma ilusão de união e estabilidade, ao qual se “cola”.

Tendo em conta os comportamentos sexuais desviantes relatados pelo casal, estes podem apresentar um significado arcaico que combina muitos temas psicológicos e com um todo altamente condensado (McDougall, 1989). A autora Joyce McDougal (1989) clarifica que perversão sexual, não é nada mais que uma manifestação de um estado psíquico complexo, onde ansiedade, depressão, inibições e perturbações narcísicas têm um papel. Não é nenhum caminho alternativo simples na estrada para o prazer sexual, mas sim uma organização intrigante que deve preencher múltiplas necessidades, dando às neossexualidades a dimensão de compulsividade (McDougall, 1989). Esta autora afirma que parte dos aspetos genitais da cena primitiva e dos conflitos fálicos edipianos que provoca, esta cena pode igualmente ser imaginada em termos pré-genitais sobre a forma de fantasmas de devoração, de trocas eróticas anais, e sádico anais, de confusão bissexual, fantasmas arcaicos de vampirismo, de medo da perda do senso de identidade/representação dos seus limites corporais. Quando os tais fantasmas têm um papel predominante na realidade física do sujeito, as relações sexuais e amorosas têm um risco de se tornarem uma ameaça de castração de aniquilação e até de morte. Na tentativa de aprofundar o significado inconsciente dos fantasmas ligados à cena primitiva ou original, podem observar-se as suas influências dentro dos pais com um funcionamento borderline, e mais particularmente nos que somatizam de forma severa (McDougall, 1989).

Observando a dinâmica existente entre o casal, compreendendo o seu funcionamento, é perceptível o recorrer a novas versões da sexualidade com o intuito de preencher/cumprir as suas funções, devendo apenas lidar com as bem conhecidas ansiedades neuróticas, tentando manter longe temores e fantasias que poderiam ser vistas como psicóticas (McDougall, 1989) dado que

o casal recorre à corporalidade e à sexualidade, como meio de alcançar algo que ainda não possui, uma satisfação completa, uma estabilidade relacional e ainda, evitar uma possível fragmentação, devido à incapacidade que se lhes encontra inerente, se simbolizar e significar adequadamente o mundo real.

A angústia, na perversão sexual, aparece como resultante de um conflito entre o Id e o SuperEgo, no qual o Id excita o Ego através de uma fantasia estranha e/ou bizarra. Assim, o Id pressiona o Ego para que este se comprometa de forma total ou parcial pelas necessidades do Id. Sendo o Ego suportando pelo SuperEgo, cria-se então uma luta a fim de evitar o *acting out* desta fantasia, que por em risco a noção de *integridade*. A angústia vai aumentando e desencadeia a necessidade urgente de realizar uma acção. Por fim, perante esta pressão insuportável para o Ego, este acaba por ceder ao *acting out*. Esta acção está temporariamente em sintonia com o Ego, de modo a produzir a perversão sexual e a atingir o objetivo procurado, que é a libertação da angústia sexual hostil. Esta hostilidade está associada a um trauma precoce, resultante de uma humilhação ao género e/ou com um medo incomportável de não conseguir manter o controlo perante a perda imaginária do objeto primário ou da pessoa mais importante para o sujeito perverso. Posto isto, a sensação de bem-estar que o indivíduo obteve é efémero. Após o *acting out*, esta sensação agradável é substituída pelo sentimento de culpa, pela insatisfação contra o próprio sujeito, pela depressão e pela vergonha. Assim, o *acting out*, que anteriormente foi considerado como uma salvação para o Ego, é agora considerado distónico com o Ego, reiniciando o ciclo de novo (Weldon, 1988).

Segundo Stoller (1984) “*o ato perverso é uma cura momentânea*” para a angústia da castração, e o ato em si tem como função afastar o perigo do encontro com o outro, com o que é diferente. A fim de evitar um cenário em que o sujeito possa ser confrontado com tudo o que é diferente de si, que o mesmo sente como uma situação limite devido a remeter à castração, foi criado então este “faz de conta” perverso. Há a assimilar também o facto da organização perversa, assim como qualquer organização psíquica, tem como função essencial manter o sentimento de integridade (Ceccarelli, 2005). Posto isto, é visível o uso da perversão como se de uma trama se tratasse, uma teatralidade elaborada pelos participantes, com o intuito de evitar uma possível desorganização psíquica, e uma tentativa de manter o sentimento de integridade, mesmo que se trate de uma ilusão. O adotar de determinados comportamentos por parte do casal analisado, encontra-se vinculado a uma tentativa de manter a união e busca por uma satisfação que essa mesma dita união não consegue oferecer por si só, utilizando a sexualidade como fuga a estados psíquicos ou para preencher lacunas no sentimento de identidade para realização de desejos libidinais.

Conceptualiza-se assim a perversão como uma defesa contra a relação que aparenta ter intimidade (Khan, 1969). O perverso precisa de controlar a relação, tornando impossível a reciprocidade. Considerando-se a perversão como uma patologia da relação a mesma só poderá então ser verdadeiramente compreendida na relação com *O Outro* (Oliveira, 2008).

A propósito dos processos identificatórios nas perversões, as identificações nunca são totais, são parciais, servindo múltiplos e variados propósitos. Procuram a resolução de conflitos intrapsíquicos e refletem a formação do compromisso constituído pelo ego. Este desafio ao qual o sujeito se propõe, de destruir barreiras diferenciadoras, limitadoras da e na própria realidade, parece constituir-se igualmente como um elemento central, no gozo de transgredir uma eventual lei.

## 7. CONCLUSÃO

O presente estudo, inscrito na perspectiva psicodinâmica, teve como intuito analisar e compreender como se caracteriza a dinâmica entre um casal inserido em práticas sexuais desviantes, procurando clarificar algumas questões inerentes à temática da perversão. No entanto, apesar do estudo se inserir neste tema, o modo como foi desenvolvido, recorrendo a instrumentos qualitativos como a Narrativa em Associação Livre e a Narrativa Rorschach, em aplicação conjunta, concedeu uma abertura para que fosse possível identificar algumas das problemáticas patentes ao casal, focando uma maior atenção para a sua compreensão e tentando entender de que modo a perversão é “utilizada” por estes indivíduos.

Posto isto, foi possível identificar uma falha ao nível da identidade dos sujeitos, sendo que ambos apresentam uma confusão e amalgamento das suas identidades, não existindo um espaço, entre o casal, para que emergjam identidades individuais, a singularidade dos sujeitos encontra-se negada por estes como tentativa de não colocar em perigo uma “união” que enunciam nos seus discursos. Esta união tem por base movimentos constantes, um funcionamento circular, onde os sujeitos passam por uma dispersão, que consiste numa saída dessa união findada, para uma procura da sua identidade. No entanto, evidencia-se que os sujeitos não se encontram capacitados para manterem o distanciamento do outro, pois existe uma indiferenciação entre estes. A união que aclama frequentemente tem por base uma falha da representação do eu e do outro, na indiferenciação, numa mescla identitária, tornando-se evidente a dependência que os participantes possuem de se manterem na relação.

Através do material obtido, é notório que ambos procuram encontrar o lugar, a posição a que pertencem, sendo que se movem em linhas paralelas que por vezes se encontram, unem-se. É nessa união que se dá o entendimento dos papéis por parte do casal, sendo que ambos partilham uma posição, a de domínio, visto que para os participantes o ter poder sobre a relação pode se dar de diferentes maneiras. Aquele que impõe a sua vontade e desejo (Ana) e aquele que age com a ideia de que domina o outro pois sem ele o que deseja não aconteceria (Rui). Esta partilha confere aos sujeitos uma partilha de aspetos inerentes ao seu funcionamento e também quanto à sua identidade, pois o ter e o ser acabam por se confundir, tornando a indiferenciação entre ambos um perigo para as suas identidades deficitárias, mal estruturadas. Para que a “união” seja mantida, os sujeitos necessitam de seguir os movimentos circulares que elaboram, em constante procura de algo, da sua indiferenciação, do seu lugar, da sua singularidade, da sua identidade. Apesar desta procura através da dispersão, os sujeitos não conseguem ultrapassar a sua rutura ao nível do Eu como integro e seguro, sendo necessário

retornar “à origem”, ou seja, ao Outro. É possível evidenciar, através da clara falta de diferenciação e ausência de limites, uma tentativa de criar uma unidade, uma mesmidade, uma ruptura na representação de si e do outro, anulando as características, vontades e desejos particulares, deslocando-os para o casal, como se apenas um se tratasse.

O recorrer à perversão, por parte do presente casal, passa pela camuflagem dos seus movimentos “circulares” de procura por algo fora da relação, sendo que se torna uma via para alcançarem alguma satisfação, metendo, mesmo que deficitariamente, a união, e por conseguinte, uma identidade. Posto isto, pode-se considerar a perversão como uma trama, um teatro, onde as práticas sexuais desviantes servem de “distração” da identidade precária e dependência que ambos apresentam.

Quanto ao método, com a utilização da Entrevista Narrativa em Associação livre, foi possível aceder a informações expressas pelos sujeitos, de um modo aberto, sem qualquer restrição, sendo que se tornam os participantes à dirigir a entrevista, tornando-se num método mais justo neste tipo de situações, sendo que através da análise dos conteúdos do discurso dos sujeitos, tornou-se evidentes algumas problemáticas patentes fulcrais para análise, pois foi fornecido aos participantes um espaço para a sua organização e expressão, facilitando assim a captação do que acaba por ser fulcral na vida destes indivíduos. Através da aplicação conjunta da narrativa Rorschach, foi possível apoiar as temáticas que se tornaram salientes anteriormente, sustentando análise realizada. A utilização dos instrumentos deu-se num único momento e, na sua análise, após a definição do objetivo, o uso epistemológico da contratransferência e reflexão foi direcionado à deliberação da investigação. Esta análise caracteriza-se por uma fase *geral* onde foi possível evidenciar um objetivo e posterior uso *direcionado* na análise, mostrando-se adequada a uma investigação em conjunto.

Seria de interesse ser efetuada, à luz de uma perspectiva psicodinâmica, a elaboração de apreensão de semelhantes dinâmicas pertencentes outros casais que apresentem este tipo de comportamento sexual, com o intuito de entender como se encontra organizada a identidade dos sujeitos, procurando compreender a que nível comportamentos sexuais considerados desviantes requerem uma partilha de identidade. Caso não seja verificado, que outras problemáticas podem emergir, questionando também a origem dos comportamentos, recorrendo a um historial aprofundando do indivíduo.

De forma a compreender a razão que se encontra subjacente a estes comportamentos, sugere-se, também, uma procura compreensiva das práticas sexuais desviantes entre casais, numa inscrição cultural e antropológica mais aprofundada e combinada com as práticas da sociedade atual.

## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aulagnier-Spairani, P. (2003). A perversão como estrutura. *Revista Latinoamericana de Psicopatologia*, 43-69.
- Ceccarelli, P. R. (Set de 2005). Perversões e suas versões. *Reverso*, 27(52), pp. 43-50.
- Ceccarelli, P. R. (2005). Perversões e suas versões. *Reverso*, pp. 43-50.
- Chabert, C. (2000). *A psicopatologia à prova no Rorschach*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Chabert, C. (2003). *O Rorschach na clínica do adulto - Interpretação psicanalítica*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Chasseguet-Smirgel, J. (1985). *Creativity and Perversion*. London: Free Association Books.
- Freud, S. (1914). *Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade*. Lisboa: Edição Livros do Brasil.
- Gonzalez-Rey, F. (2002). *Pesquisa qualitativa em psicologia: Caminhos e desafios*. São Paulo: Thompson.
- Hollway, W. (2003). *Psychoanalytic Methods*. In A. E. Bryman, A. Bryman, & T. F. Liao, *The SAGE Encyclopedia of Social Science Research Methods*. London: Sage Publications.
- Hollway, W. (2004). An appropriate research paradigm for evaluating psychoanalytically-informed practices. *International Journal of Infant Observation and its Applications*, , 26-42.
- Hollway, W. (2007). Afterword. *Infant Observation*, 331-336.
- Hollway, W., & Jefferson, T. (2000). *Doing Qualitative Research Differently: Free Association, Narrative and the Interview Method*. London: Sage Publications.
- Hollway, W., & Jefferson, T. (2001). Narrative, discourse and the unconscious: a case study of Tommy. Em S. D. M. Andrews, *Lines of Narrative: Psychosocial Perspectives* (pp. pp. 136-149). London: Routledge.
- Hollway, W., & Jefferson, T. (2008). The free association narrative interview method. Em L. Given, *The SAGE Encyclopedia of Qualitative Research Methods* (pp. pp. 296-315). California: Sage Publications.
- Hollway, W., & Volmerg, B. (2010). Interpretation group method in the Dubrovnick tradition. *International Reasearch Group for Psycho-Societal Analysis*.
- Kernberg, O. (1995). *Love Relations. Normality and Pathology*. New Haven: Yale Univ. Press.

- Khan, M. (1969). Role of the "collated internal object" in perversion-formations. *Int. J. Psycho-Anal.*, 555-565.
- Kris, A. O. (1996). *Free Association: Methods and Process*. London: Routledge.
- Marques, M. E. (1999). *A Psicologia Clínica e o Rorschach: Modelos de observação e teorias das transformações em Psicologia Clínica*. Lisboa: Climepsi.
- Marques, M. E. (2001). *A Psicologia Clínica e o Rorschach* (2 ed.). Lisboa: Climepsi Editores.
- McDougall, J. (1986). *Theaters of the Mind: Illusion and Truth on the Psychoanalytic Stage*. New York: Basic Books.
- McDougall, J. (1989). *Theatres of the Body – A Psychoanalytic Approach to Psychosomatic Illness*. Norton, W. W. & Company, Inc.
- Oliveira, R. (2008). O funcionamento perverso da mente. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 42(2), pp. 154-161.
- Pedinielli, J., & Fernandez, L. (2008). *O estudo de caso e a observação clínica*. Lisboa: Climepsi.
- Reis Filho, J., Oliveira, L., Sanches, N., Ceccarelli, P., Ferreira, R., Abras, R., & Foscarini, S. (Ago de 2004). Trauma, Perversão e laço conjugal. *Reverso*, pp. 77-84.
- Tight, M. (. (2010). The curious case of case study: a viewpoint. *International Journal of Social Research Methodology*, 329-339.
- Weldon, E. V. (1988). *Mother, Madonna, Whore: the idealization and Denigration of Motherhood*. London: Other Press LLC.
- Welldon, E. (2008). O mito da Maternidade Glorificada. *Revista Brasileira de Psicanálise*, pp. 113-123.
- Willi, J. (1978). Passation en Commun du Rorschach un test d'interaction direct. *Bulletin De Psychologie*, 339, 279-282.

## **ANEXOS**

## ANEXO A – Entrevista Narrativa em Livre Associação, Rui e Ana, 40 anos.

Eu: Desde já agradeço se disponibilizarem para cooperar comigo no meu trabalho. Começo por vos perguntar, como é a vossa relação?

Rui: Desde os 13 anos que estamos juntos, alias, nós já namoriscamos desde que tínhamos 4 anos. Fomos inteirinhos um para o outro

Ana: Sim, Só não crescemos mesmo juntos ao lado um do outro, porque não calhou, mas conhecíamos nos.

Rui: É que ai ainda é pior, é diferente. Repare, é uma mulher que nunca foi tocada, nem teve namorado, fui sempre eu, e vice-versa

Ana: É bonito´

Rui: isso é bonito, mas nós estragamos isso. Repara, há muitos parênteses na sexualidade mas a verdade é uma, nós estragamos isso. Era sagrado, ela era virgem, eu era virgem... não é o normal porque isso já não existe. Ela foi ao ginecologista, a primeira vez, fomos os dois, sempre os dois, tudo os dois. Compreende-se que de repente eu vejo outra, outra, outro ser humano, uma mulher, ou um homem, ou um casal a tocar nela, não é fácil.

Eu: Conviveram desde muito cedo...

Ana: Não

Rui: Não. Encontrávamos nos, o meu pai dizia “está aqui a tua namorada, vai casar com ela” e eu dizia “ai não. É feia, sai daqui”. A minha sogra para ela, também dizia de mim “Olha que vais casar com ele que ele é muito giro, muito trabalhador, é bom rapazinho”. E o que é certo... é que bateu certo! Fomos sempre muito ativos os dois, uns malucos, o que possa imaginar que há ou possa haver, nem é com ninguém, é os dois, nós já fizemos, experimentamos e fizemos tudo os dois, eu nunca lhe disse um não.

Eu: Mas essas experiências, a ideia partiu dos dois...

Ana: Nós sempre gostamos de experimentar tudo...

Rui: É assim, não começamos a fazer determinada coisa porque estava na moda ou por alguma razão especial. Aconteceu! Como sempre gostamos de experimentar, viemos parar ao mundo do sadomasoquismo. Mas não só! Não nos consideramos exclusivamente sadomasoquistas,

consideramo-nos pessoas com muita vontade, muito sexuais, ativas, que adoram tudo o que nos traga prazer.

Ana: Mas por volta dos 10 anos de casados começamos a investir um pouco mais...

Rui: Sim, já tínhamos algumas praticas, mas por essa altura começamos a subir o nosso jogo, a experimentar coisas mais pesadas, mais hardcore, correntes, humilhação, o dominar e ser dominado sem haver sexo, o por o outro louco, mas não lhe tocar, uso de cordas, de cera, objetos em brasa... mas lá está, tudo isto já entrava nos nossos preliminares e brincadeiras antes, mas sim, talvez a partir dos 10 anos de casados tenhamos investido ainda mais

Ana: Sim, começou a ser mais frequente, começamos a perceber que obtínhamos prazer com mais dor... mas sempre os dois.

Rui: Pois, podíamos ser uns malucos, mas continuávamos a manter isto entre os dois, e encarávamos isto como normal, sem problemas a Ana, quando chegávamos a casa, vinha até mim a andar como uma cadela e com o chicote na boca, ou eu ela estar na cozinha de botas alta pretas, e eu lambia lhe os pés, as botas. E ela pisava-me. Já era normal! Não é algo que vejamos como diferente, do tipo “hoje vamos experimentar X” não, apenas fazíamos.

Eu: Como se organizam...

Ana: Não está definido! Depende do que nos apetece naquele dia...

Rui: Exato, é assim, a Ana adora ser dominada!

Ana: pois é (ri-se)

Rui: E eu sei disso, e sei quando ela o quer! Acho que é normal, devido à cumplicidade que temos... e dado que passamos 24 horas, sinto que ela naquele dia quer, digamos deitar-se para eu lhe passar por cima. Se eu não perceber, ela diz-me, não temos problemas quanto a isso... muito simples! Nesse dia, mal chegamos a casa mando, por exemplo algo para o chão e digo “apanha com a boca e dá!” e ela assim faz. E por ai começa uma longa noite, de horas e horas a Ana a acatar as minhas ordens, mas dá-lhe prazer, eu sei disso, sente-se. Até ao momento em que acabamos por ter relações sexuais espetaculares! Toda aquela tensão, aquela dor, humilhação, provocam em nós algo explosivo! Estava tudo ótimo.

Eu: Sempre os dois...

Ana: Não, mais recentemente deixamos de ser só os dois.

Rui: pois! Eu vou explicar, quando fizemos 20 anos de casados, ela diz me assim “oh amor e tal....” Depois entretanto nestes anos, eu sou homem, não é que tenha mais razão, que eu não sou machista, até acho que somos o sexo fraco. Mas fiz muita asneira... com as amigas, com as namoradas mas nunca escondi nada, e nem sem mentir, é impossível eu ter um segredo com a Ana.

Rui: Mas ela sabia de tudo, ficava a saber de tudo

Ana: Sabia, e como deve calcular não é fácil

Rui: Ela dizia “foste fazer isso? Então o quê que falta em mim?” e eu dizia “Filha, não te falta nada, que tu até tens mais que as outras

Ana: Porque eu nunca lhe bloqueei nada, não havia tabus. Nem a nível de fala nem a nível de Ação entre os dois, nunca lhe disse, não faças isto, não faças aquilo. Era tudo permitido entre os dois. Dai que quando fui confrontada com isto, eu punha me a pensar “onde é que eu falhei? O quê que a outra mulher pode ter a mais que eu não tenha”. Se não há tabus, há abertura entre nós, porquê?

Rui: Acho que é a idade, os amigos, as companhias. Olhe, muito francamente, aprendi muita coisa mas não era um erro que voltava a repetir. Atualmente não tenho essa necessidade, aliás, neste momento para mim é impensável. E quando fizemos 20 anos de casados, nós falamos de tudo e ela diz me “oh amor, fazemos anos de casados, fazemos uma festa” e eu “o que tu quiseres, vamos para um hotel, como tu quiseres” e ela diz me “ah, mas eu queria uma mulher...”. E eu, mas estás a brincar comigo? Mas eu tenho uma coisa, boa ou má, ela fala, ela pede, ela quer, eu posso estar a morrer, não tem problema nenhum. Como as vezes eu costumo dizer “meto o dedo mas vou-me aguentar”. Porque para mim, ela acima de tudo, mas de tudo mesmo, e para mim ela é clara como água.

E com a idade, eu já corri o mundo, já vivi muito, e vamos percebendo o quanto as pessoas são corretas, sinceras, ou não. E uma pessoa que vive comigo desde os quatro anos, é muito simples saber o quê que ela está a pensar, e vice-versa. E eu deitar-me a pensar que ela quer, não dá, tanto quanto a sexo como quanto a alguma conversa, resolve-se logo, sinceridade acima de tudo. E acho que o nosso relacionamento nesse sentido, ao contrário do geral, somos os mais honestos e mais sinceros, corretos.

Rui: imagine, eu vejo uma gaja e digo assim, atenção, digo gaja, uma mulher, uma moça, uma senhora e digo “oh amor já viste”... como pode ser um gajo, nestes entretantos “epá olha lá, é

um jeitoso, gostas dele?” e vice-versa! Isso é uma grande união. Agora, aconteceu, fizemos 20 anos de casados, e eu ia morrendo quando vi a gaja, a tocar-lhe. Não tem a ver com ciúmes, quer dizer, acho que quem ama sente, e eu posso dizer que sou felizado por ter esse sentimento, por amar mesmo, porque eu amo a Ana mesmo de verdade. Eu não gosto da Ana, eu amo-a, eu fui contemplado. Porque nem todo o ser humano tem isso, as pessoas gostam e acomodam-se, mas amar não. Se amo mais, se amo menos, não sei explicar, houve muita coisa que se passou, as coisas não me são indiferentes, estamos aqui, continuamos, claro que a amo, se não, não estaríamos juntos. Se é indiferente, não é. Quando começamos a praticar, o que antes fazíamos só a dois, com outras pessoas, neste caso uma mulher, foi muito mau para mim.

Rui: era uma desconhecida, num bar normal, a Ana achou-lhe piada, disse me logo “oh amor, olha ali aquela mulher, é bonita” foi a Ana que falou com ela, explicou-lhe, mas a outra mulher só veio com a condição de que os atos sadomasoquistas seriam apenas usados como preliminares, porque o que queria era mesmo fazer sexo com a Ana. Nós aceitamos, o sadomasoquismo para nós é uma prática que gostamos, mas não tem de ser sempre, somos flexíveis, dependendo da nossa vontade e das pessoas com quem estamos. Mas acho que se fosse alguém conhecido, e que soubesse algo sobre nós iria respeitar, saberia sempre que eu era marido dela, sabem qual é o seu lugar e para o que ali estão. Porque há muitos monstros... mas temos um apaixonado, um gajo que é certo, o que é curioso, porque a cabeça consegue assimilar e mastigar isto tudo, porque há sentimentos, e quando há alguém que entra nas nossas práticas, têm de respeitar que existe ali um casal.

Rui: Sim, há respeito, mas naquela primeira vez foi mais complicado. Mas eu não dei parte fraca, e meti na cabeça. Porque a cabeça do homem não é igual à da mulher, não é quando a gente quer, e quando a gente lhe apetece, uma coisa que aprendi aos 33 anos, não é quando queremos, é quando apetece. Porque o homem é diferente! Nós não conseguimos mentir, e alias, e impossível eu mentir à Ana. E o calibre dela é diferente de qualquer mulher que eu já vi até hoje à face da terra

Ana: opa (esconde a cara entre as mãos). Pronto, é bom ouvir né?

Rui: A cabeça está tão limpa... no sentido do sexo é. Se calhar porque ela sabe que, sozinhos ou acompanhados, seja sexo mais ou menos hardcore, ela sabe que é para aquilo, e está ali a usufruir. Não está a pensar noutras coisas, está focado naquilo, toda ela. Ao contrário de outras pessoas que não têm química, nós temos!

Eu: ... pronto, e a outros níveis...

Rui: sim! Nós estamos 24 horas juntos, nos vamos almoçar, nos vamos jantar nós conversamos...

Ana: nós passamos mesmo 24 horas juntos!

Rui: Sem complicações. Complicado? Nem eu era capaz de não estar ao pé dela, já estou habituado, tinha de a largar. Quem não consegue, não é amor, há sempre coisas para contar, coisas para falar. Há uma vida, há os filhos, há tudo

Ana: Repare numa coisa, nós crescemos assim, as pessoas quando casam mais tarde, já vêm cheias de vícios que adquirem até lá, têm uma vida própria, têm vontade própria, têm coisas diferentes...

Rui: apesar de que as pessoas estão sempre em mutação...

Ana: ... nós não, nós crescemos juntos, casamos novos, com 16 anos, tudo na nossa vida foi sempre juntos, quando vamos para um sítio qualquer em que um de nós não vai, isso sim é estranho, percebe? Nós temos a vida em comum em tudo

Rui: bom, mas para terminar o que estava contar, quando essa mulher se juntou a nós, eu pensei, não, isto é um filme, foi ela que te pediu, senti raiva, remorso, não sei explicar. Tenho uma tatuagem que é uma máscara a chorar lágrimas de sangue e em latim a dizer magoa, porque há magoa! Eu fico assim porque, se a minha mulher já tivesse tido, antes de mim outros homens, já tivesse sido casada, mas não. Quem lhe tocou, foi o parteiro, ponto. A ginecologista é mulher, ponto. Não vestes minissaia, ponto. É que era assim...

Ana: era muito assim. Não vestes minissaia, não vestes roupas apertadas, não usas decotes

Rui: Então olhe, qual é o homem que namora com uma rapariga, e está até aos 13 anos para ter relações sexuais? Eu respeitava-a. Repare, nos brincávamos, fazíamos anal, fazíamos tudo o resto. Mas havia ali uma coisa que era sagrada. Se ela não deitasse sangue, eu podia não ficar com ela, era para outro. Eu dizia-lhe “tu és virgem? Vê lá se és, olha se não deitar sangue eu não fico contigo” Era isto assim. De repente, ao fim de 20 e tal anos pediu a moça, nos fomos, eu pus na cabeça “isto é um filme que tem de dar” e deu! Aquilo para mim foi zero, muito sinceramente. Também farto de ter gajas já estava eu. E francamente até à data de hoje, nunca houve uma mulher, não é por a Ana estar aqui, que tivesse ao nível dela, nenhuma! Ela é uma mulher que tem muitos orgasmos, ela é sexual, epá nunca vi, a gente toca e está feito. E depois claro que qualquer pessoa gosta de estar com ela!

Ana: Aí! (ri-se e abana a cabeça)

Rui: porque as mulheres demoram muito, e é só uma vez no máximo duas. Lembro-me de estar com outras mulheres, e eu até sei que sou bom no que faço, e elas nunca mais se despachavam! E mesmo no aspeto, no corpo... e há pessoas que eu gosto com quem já tivemos, muito boas, muito bons, mas nada como ela. Em nenhum aspeto! Quando está numa posição submissa, entrega-se completamente ao momento, cumpre tudo, mas vê-se que é por gosto, que gosta de estar assim. Quando domina, é melhor que um homem! É firme, rígida, não brinca em serviço, dá-me uma excitação enorme. A única diferença aqui, é que muitos sadomasoquistas usam as praticas mas sem coito... nos normalmente, quer dizer, há uma vez ou outra que não, mas normalmente acaba sempre por haver relação sexual. Os papéis mantêm-se, mas há. Pronto, algumas vezes chegamos a casa e ela para mim com aquela cara, e eu já sei, sou o escravo dela, ela é que manda! E dá-me um prazer enorme só aquilo, vê-la no poder, a sentir-se bem, e mesmo sem orgasmo, tenho prazer, entende? Pode parecer estranho... é assim, há vezes em que gosto, e verdade, quando tivemos com uma rapariga, estivemos naquilo 12 horas, ela como submissa e nós os dois a dominar, as vezes ela estava apenas acorrentada, e eu mandava a Ana lambe-lhe o corpo, ou deitar lhe cera, ou dar lhe pequenas chicotadas pelo corpo, enquanto eu só via. A rapariga, só assim, cada vez a Ana lhe tocava, ficava maluca. Depois de horas e horas, acabei por fazer sexo com ela, tinha imensos orgasmos, também era muito sensível, além do que o corpo dela tinha estado imensas horas sobre uma enorme tensão, entre o prazer a dor. Sim, foi muito bom, ia matando a rapariga, tinha 25 anos?

Ana: Sim

Rui: uma miúda. Mas eu não me considero velho, eu não tenho um calo, eu meto verniz nas unhas, não tenho um pelo, ela é igual, nos tomamos banho juntos, isto é todos os dias com betadine vermelho, aquele das cirurgias, tudo limpinho, e tomo 3 vezes por dia banho. Não tenho um cheiro! O que não há, pelo que vemos.

Ana: Mesmo antes disto tudo, sempre foi assim

Rui: Mas não é por isso que somos melhores, não é por isso que é bom. Alias, o gajo com quem a Ana mais gosta de fazer sexo e de o trazer para a nossas praticas, até é gordo, o que lhe dá mais pica, e é gordo, porque há química, e ele alinha nas nossas cenas, e é doido pela Ana, e ela diz deita e ele deita, ela diz come-me e ele come, está ao nosso nível.

Ana: nós desde que casamos, alias, até antes, questionávamos nos como é que seria, falávamos muito nisso, de um dia saber, de experimentar. Mas não passava daquele fetiche. Apesar das nossas práticas menos “normais”, não havia um terceiro elemento connosco, eramos só os dois.

Rui: sim, sempre usamos, os brinquedos, os vibradores, chicotes, algemas, latex, cordas, mordanças, correntes, infligir dor, a cera, o quente, o gelo, há tanta coisa... nos experimentamos os dois juntos! Mas entretanto, nós temos um casal... somos amigos há vinte anos, os miúdos têm 17 ou 18, contamos-lhes e a gaja do casal, muita espertalhona, começou “ai porquê uma gaja, que horror” e eu disse lhe “foi o que ela quis, e eu dei-lhe”. Bom, uma noite fomos jantar ao sushi, bebemos uns copos e quando saímos de lá eu disse assim para o marido dela “vão vocês à frente que eu e a Ana vamos atrás”, fomos, de repente meto-me todo nu, meto-a toda nua, eles a guiar e foi a viagem toda, e eles a desviarem o retrovisor para não verem. Mas a moça desse casal, sempre a chateei, somos amigos de casa, de fim-de-semana, todos os dias, todos a jantar, em família, lidam connosco desde sempre, vamos onde, vamos todos, agora já não... eramos como um casal a 4. Bom, naquela altura, fomos beber um copo, fomos para o Passerelle, e a outra sempre “deus me livre, com uma mulher não” e eu só para a chatear, nos temos cá uma química, sempre quis estar com ela! Mas ela nunca deixou, e ela diz q eu sou o homem da vida dela, atenção. Bom, chegamos lá à passerelle, meti uma brasileira a beijar e a lamber as duas, olha, se não gostou? Gostou e muito! Ficou maluca. No início ela tava meio envergonhada, porque é assim gordinha, mas olha, eu odeio mulheres magras! Gosto mesmo de ter algo para agarrar, adoro a celulite, magrinhas é para esquecer, uma mulher a serio tem curvas, tem celulite, estrias! Uma loucura. Quando saímos de lá, a moça disse logo que agora queria ir para a parte de trás com o marido.

Ana: E nós à frente... mas não desviamos o retrovisor (ri-se)

Rui: Mas aquilo tava complicado, ela tirou-lhe as calças, mas o homem não lhe acontecia nada, dizia que estava com vergonha, eu virei-me para trás e disse lhe “toma lá a pastilha” e ele “epá não quero pastilha” e eu “epá ó tu tomas a pastilha ou eu mato-te” porque eu estava mortinho para a ‘comer’, ele tomou logo duas! E digo lhes eu “são 4h da manhã, vamos para o delírios”, tudo calado, e eu disse, quem cala consente, fomos! Chegamos lá, a senhora viu dois casais perguntou se eram dois quartos, a moça do outro casal disse logo, não não, é só um!

Ana: Ela disse logo “é só um!”

Rui: esta começou logo a ficar nervosa, e eu disse lhe “não quiseste uma gaja, agora é um casal, o choque já foi”. Olhe, lá fomos, andamos naquilo uma dúzia de vezes, eles começaram a ter

stressés entre eles, entre nos não, mas compreendo, uma mulher que está ali oprimida, diz que eu sou o homem da vida dela, o marido a ouvir isto, fica mal. Eu também gostava dela, gostava mas não era pelo corpo, era mania. E sempre fomos amigos de casa, todos vestidos, todos nus, tomávamos banho todos juntos, nunca nos tocamos, mas sempre houve muitas confianças, víamos filmes pornográficos juntos, mas nunca passou disso, quando eu a apanho... bom, aquela noite, até foi muita gira! Porque apesar de sermos 4, todos tivemos uns com os outros, beijávamos nos todos na boca, ele e eu e tudo, só que o gajo quando me vê em cima da mulher dela e ela a ter prazer, passou-se, queria-se matar...

Ana: mas estava comigo... mas quando reparou!

Rui: pronto, mas sem ser essa parte, até foi quente e foi muito giro! E foi pena eles stressarem, porque primeiro diziam sempre não, mas acabavam por vir sempre. Até que um dia esta me diz “nós temos de acabar com isto, isto não nos pertence.

Ana: aquilo já não era casamento, nós os dois, aquilo era um casamento quase a quatro, percebe? Se um ia a uma consulta nós tínhamos de ir todos, se um ia buscar o menino, íamos todos atrás, já era um casamento a quatro e não a dois, comecei-me a sentir sufocada

Rui: e com razão. E a Ana diz assim “Nós temos de fugir daqui, temos de estar com outras pessoas” e eu perguntei “então arranjam os outros?” e ela disse logo “não, não, eu quero um gajo! Eu quero e mereço. Ele nunca foi homem para mim, nunca me fez nada

Ana: Ele nem deu para começar, nada, nunca me encheu as medidas

Rui: É preciso ter muito andamento para a bicha. Pronto, então imagine eu a pensar, queres um gajo? Mas epá, eu no meio disto tudo, nunca pedi nada, no meio daquilo tudo fui apanhado. E digo lhe “se queres vais ter, por mim é tudo igual, escolhe lá”. E eu vi que lá onde trabalho, costumava ir um amigo meu, deve conhecer, é parecido comigo, também está todo tatuado, mas rapa o cabelo todo. E eu via que era a ele que ela queria, e passavam os dias e ela nada, e eu já estava em brasa, para mim é para ser a verdade, não há amanhã, é na hora. Pode doer me muito saber, mas é a verdade, prefiro. Não há cinismo não há falsidade. Bom, um dia vínhamos da praia, e ela começou com rodeios “sabes quem podia ser...” e eu “vá, quero ouvir” e ela “para ser, era o teu amigo”. E eu pensei, tu não vales nada! Tu babas-te toda!

Ana: epá... (ri-se)

Rui: Agora imagine, é uma gaja que está comigo desde os 4 anos, é que não é o querer ‘pinar’, é sentir, ter sentimento por outro gajo. “É ele que queres comer? É ele que vais comer. Só se

ele for paneleiro e como-o eu” porque entretanto aquilo é uma mistura com raiva, porque eu nunca tinha tocado em gajo nenhum... bom, ela ia-lhe dar uma injeção e eu no caminho para lá, EU é que lhe ensino como é que ela o ‘papa’. Disse-lhe “tiras o bikini, vais só com o vestido, sentas-te na coxa dele, e não há gajo nenhum que te sinta por baixo que resista, isso é impossível. E assim foi

Ana: a reação foi péssima! (esconde a cara entre as mãos)

Rui: o gajo assustou-se! Eu disse-lhe “epá ela quer, tens de fazer e não há problema nenhum” e ele “epá não, oh Rui, eu sou teu amigo, isto é impossível”. Olhe, tirei-lhe o resto da roupa, rasguei tudo, ficou toda nua, ele quando viu faz assim (abre a boca, ar de espanto e choque). Olhe, fugiu casa fora e foi-se embora

Ana: foi horrível, assustámo-lo. E eu tipo, aiii desculpa? Fiquei tão chateada

Rui: A Ana ficou com uma raiva, zangada e chateada, até comigo, que ainda nos chateamos à séria nessa noite, porque eu já não estava a entender, mas tu queres ‘pinar’ ou queres namorar? É que se queres namoro tens de te ir embora daqui para fora, se queres ‘pinar’ a gente vai. E ela sempre “ah mas não é isso.” Mas eu via que era! Porque eu dizia-lhe, há muito gajo, não há só aquele, e ela “ah, mas...” e bem dito bem feito, naquela noite arranjei logo um gajo, um puto de 24 anos, brasileiro, coisa mais linda do mundo, a pele dele era veludo, era igual, seda pura.

Ana: Mesmo made in Brasil.

Rui: pronto, eu la falei para o rapaz, fomos lá ter 1h da manhã, eu muito nervoso mesmo, já tinha falado com o rapaz, expliquei-lhe tudo, do que queríamos fazer, ele aceitou ser submisso da Ana, enquanto eu só via, mas combinamos que caso ela quisesse, queria fazer sexo com ele. Ele pôs nos à vontade, lá acordamos os limites, ele disse que eu podia envolver-me também, eu fiquei pé atrás, estava muito nervoso. E disse-lhe, epá eu vou com ela, mas se não me sentir bem venho-me embora, que não te pareça mal, ele pôs-me à vontade, que era tranquilo e que estava à vontade. Eu tremia por todo o lado, estava lá e pensei, vou-me embora, não sou capaz, estava a ver aquilo, sim era excitante, mas só pensava no que vinha depois, e ficava a suar em bica. Sabe o quê que a menina me diz? “Mas tu ainda estás vestido?”

Ana: Pois foi... (Gargalhada longa)

Rui: ainda não tinha acabado de falar, eu já estava nu! Disse logo ao rapaz, não tenhas problemas nenhuns, por mim está tudo bem, o que é para ser, é para ser! Não há stress. Quando ela o manda ‘comê-la’ assim e assado, algemado, de joelhos a lambê-la, com ela em pé, eu

juntei-me a eles e tal, beijinhos nela, tudo tranquilo, mas quando ela se vira e o manda mesmo ir para cima dela e ele vai mesmo à grande, caiu-me tudo! E ela cega, porque ela está ali e esquece tudo o resto, que eu estou ali, nada!

Ana: nada!

Rui: Foram milésimos de segundos, eu pensei “ou mato-os e ela já não vai comigo...” olhe, comecei a comer o gajo! E ela olha para mim, meia espantada... mas o pior foi quando ele disse, agora e a minha vez!

Ana: (Ri-se)

Rui: Logo para mim, e eu disse “então é a tua vez sim senhora, estava a ver que nunca falavas!”. E o curioso, não é aquilo que eu senti, quem disser que é mau é mentiroso, porque é bom, é tudo bom, não tem mal nenhum! Gostei, é tão bom como a mulher, igual, é carne, sim, pode ser diferente do que se está habituado, mas é bom. Se é errado, deixa ser errado, que se calhar é isso que dá pica! Escute, e estivemos ali 4h30, eu fico um lobo, fico um leão, não sei de onde vem tanta força, como é que aguento tanto, ficaram assim os dois de bafo de fora. E o que foi curioso, foi a excitação de ela me ver a mim com outro homem, ela estava a sentir mais que eu e é a mim que ela me está a tocar. Eu também me dá mais pica de a ver com um homem. Há pessoas que pensam, duas mulheres juntas, que espetáculo. Isso é da boca, é giro, está tudo bem, mas um homem não da conta de uma, então de duas... mas vê-la comigo e com outro homem, e vê-la maluca

Ana: sou a privilegiada

Rui: quando são duas mulheres, tem de se dividir o mal pelas aldeias, mas também faz parte. Mas o que me dá mais pica, somos nós e outro homem, não com outra mulher.

Ana: sem dúvida!

Rui: sim, é uma loucura. Se calhar e por duas mulheres ser mais banal que não me dá aquela pica... mas depois há muita coisa no meio disso!

Ana: Agora é assim, e eu acho que ele é da mesma opinião que eu, para as coisas funcionarem, neste meio, em que inserimos outras pessoas nas nossas práticas, eu e ele nunca podemos perder a nossa conexão um com o outro. Nem ele pode estar com uma pessoa, ou duas, sozinho e eu à parte, nem eu na mesma situação e ele à parte. Temos de estar sempre juntos

Rui: Já estivemos com um homem, atenção, não é uma prioridade, não faço questão, para a cabeça é melhor, mas não tenho uma verdadeira necessidade de estar com o homem. Se estiver, estou. Mas imagine, eu e ele estamos só para ela, ela domina completamente, sendo eu também submisso ou apenas a observar até a uma certa altura, depende. Mas nós procuramos que as pessoas sejam bissexuais também, para estarmos todos com todos, comemos tudo do mesmo.

Eu: Sim...

Rui: mas o que lhe queria dizer, e isto é muito importante, há o sadomasoquismo puro e duro, tal como há o swing hardcore, o bacanal, o chegar ali à sexta-feira e está marcado aquilo. Nós já fomos, tanto a um sítio como o outro, mas ver, fomos apenas ver, e para mim foi muito estranho, nem me senti minimamente excitado.

Ana: o ambiente é engraçado, porque se sente que há ali algo subjacente, as pessoas olham-te de um modo mais quente, uma curiosidade diferente, vês ali coisas que não vês em bares normais, olhares, certo? Mas daí a conseguires por te ali à vontade num sitio comum a outros... é tudo ao molho e fé em deus.

Rui: ninguém falta ao respeito... agora, há casais que chega à sexta-feira, sábado e domingo, siga para o bacanal, 2 casais, 3 casais, é casas de BDSM com 3 e 4 submissas, ou serem dominados por alguém que não conhecem, e elas querem 5 gajos, isso acaba mal, porque nós os homens somos muito mais fracos que as mulheres, e deixamos sempre mais a desejar e sempre aquém que a mulher, é normal, para a mulher é fácil para o homem não, a mulher tem vários orgasmos, o homem por norma tem um, depende da pessoa e do estado de espírito, nem sou a melhor pessoa para falar nisso, porque felizmente a cabeça é do caraças, e é o que for. Mas, numa casa destas, aquilo é tudo tão ao molho, que não se consegue estar a par da tua mulher, não consegues e acho que isso acaba numa badalhoquice, já diferente, é um mundo hardcore que a meu ver... não há amor. Na minha opinião, numa situação dessas, não há. Há o viver juntos. Porque não pode haver amor... o BDSM e/ou no Swing puro e duro, o casal as vezes nem se toca, nem se vê, não estão a fazer aquilo juntos.

Ana: sim, há aqueles que chegam lá, a mulher vai para um lado e ele vai para o outro.

Rui: exato, há muitos casais, chegam ali, pronto, é como se tivessem ido sozinhos para aquilo. O tocarem-se é só em casa, mal e porcamente. Perdem a conexão... porque a vida não são só rosas, há maus momentos, depois vêm as memórias.

Eu: Como é que normalmente abordam os problemas que podem surgir para vocês, devido a estas práticas?

Ana: já chegamos a discutir

Rui: já tivemos discussões por causa disto!

Ana: já, porque há certas coisas que às vezes se vê, que nos caem menos bem, e que uma pessoa é apanhada de surpresa, que pode perturbar.

Rui: a cabeça tem de saber gerir

Ana: e para que as coisas corram sempre bem, as coisas têm de ser faladas na hora, não se vai remoendo as coisas...

Rui: mas há pessoas, não é o nosso caso, discutem por causa do cão, por exemplo, e aquilo vem logo à baila...

Eu: mas vocês falam...

Ana: logo!

Rui: mas é assim, para nós não é regra, não está marcado, é quando nos apetece, é quando calha

Ana: é quando dá.

Rui: ah, e depois deixou de haver procura da nossa parte, e começamos a ser abordados, porque eu sou muito transparente, e as pessoas sabem o que sou, ela não tanto. Mas eu não falto ao respeito a ninguém, todos sabem que somos bissexuais, que somos sadomasoquistas, que gostamos de fazer sexo com outras pessoas, que incluímos pessoas nas nossas práticas... mas havia aquela altura em que nos é que tínhamos de procurar, na internet, em sites pornográficos, agora temos de rejeitar que a oferta é muita!

Ana: porque é tudo muito santo, mas toda a gente anda atrás

Rui: mas digo-lhe uma coisa, as mulheres são piores! Os homens dizem-me “epá vocês são uns malucos e tal, a tua mulher está gira e jeitosa” e eu digo “então vai lá”. Uiii, começam logo a rabiar, ficam logo intimidados, dizem que sim, mas nunca aparecem. A Ana diz logo, bora lá! Eles assustam-se. Agora elas, chegam ao pé e dizem, “olha, eu gosto!” e se dizemos que não, ficam zangadas! Eles comentam, mas elas, atacam-se. Mas continuo a dizer, eu nunca vi uma mulher como a Ana, e se eu já estive com mulheres... tenho sorte, e ela também tem sorte de ser assim, ela é muito sensível, muito sexual... eles assustam-se

Ana: opá a serio! (ri-se). Eu não sou um bicho... mas vou-lhe dizer, há muitas mulheres, a maior parte, gostam muito de andar a mandar bitaites, e a dar show mas na hora H, ardeu a tenda!

Rui: são umas frustradas!

Ana: Agora é assim, eu não sou de andar a fazer show off, nem a atirar-me a ninguém, mas quando é para ser, soltas a chiba e acabou! E ponto final!

Rui: E depois, não estamos com qualquer pessoa! Porque, veja, estamos com outras pessoas, temos de usar preservativo, já não é igual, não se sente. Agora, eu faço análises de 3 em 3 meses, chego lá e digo, acabei de fazer, estão aqui. E é logo diferente, sentes a pessoa, já tivemos essa experiencia, é diferente, há ali sentimento também.

Ana: Não é só sexo.

Rui: Sim, isso seria o swing ou o bar de BDSM às sextas, religiosamente. Imagine, é a mesma coisa que haver um teatro, agora do La Féria, e nós vamos usufruir daquele teatro. E é a mesma coisa quando estamos com outra pessoa, vamos usufruir mas com respeito, apesar das práticas que utilizamos, com o fim de os três ou quatro, consigamos usufruir e ter prazer daquilo. Apesar de usarmos, usufruirmos de outra pessoa, que pode adotar a posição de submissa, essa pessoa está lá porque quer, porque retira prazer, porque quer. Tal como essa pessoa, vai usufruir de nós! Estamos ao mesmo nível, apesar dos papéis que possamos ter na altura, por vezes até variam. Não quer dizer que não sejamos malucos, e que lá no meio não meta a coca, álcool, mete tudo e cega tudo e não há mais ninguém, vira a cambalhota, vira o que for preciso, mas... há ali um casal. Quanto ao sadomasoquismo, essa parte para nós já tão natural, não é isso que nos causa desconfortos, por isso é que estamos a falar mais de... o facto de nos envolvermos com outras pessoas. O sadomasoquismo para nós é simples.

Ana: passa pela sexualidade de qualquer casal, mais hardcore ou mais soft.

Rui: Agora, é normal que a mulher, por norma, goste de ser submissa, dominada... porque gosta da força, do poder que um homem põe sobre ela. Quanto mais dominador um homem, se calhar, mais malucas ficam, mais entusiasmadas. Mas a Ana não serve de exemplo, porque a Ana é mesmo, mesmo diferente de tudo o que vi até hoje.

Ana: É. Sou tipo Obelix, cai num caldeirão de viagra quando nasci. Pronto! Opa... (ri-se)

Rui: Mas é bom, com ela tudo é bom! Porque como gosto de dominar, como gosto de ser dominado, e aí não há quem me domine melhor que a Ana. Tal como ela! Não temos os papéis completamente definidos, não somos rígidos, depende tudo da nossa vontade, da nossa libido. Ela domina!

Ana: Sim

Eu: Numa posição de dominadora mesmo?

Rui: Sim, totalmente. Tanto quanto a jogos, é muito boa a impor poder, muito rígida... e até quando é para 'comer'. E ela 'come'.

Ana: mas tem de haver cumplicidade, tem de haver conexão, respeito... tem de haver amor, tudo.

Rui: nunca nos podemos é magoar, porque nada é indiferente. Porque a Ana não é aquela menina que estava numa redoma de vidro fechada, já não é, o sentimento não digo que seja menos, mas já não é igual, muda... é diferente. Se calhar há coisas mais complicadas de se ultrapassar como casal, discussões, porque determinadas coisas aconteceram, porque ela já não é aquela menina que era. Mas há respeito, portanto vamos usufruindo. Mas as pessoas que fazem desta vida regra, isso não há amor, porque é algo pesado, não é fácil quando amamos desta maneira, ultrapassar que a pessoa já não é a mesma com quem iniciamos uma relação tão íntima quanto a nossa. Há pessoas que têm aquilo para não se separarem...

Ana: Porque a conexão pode perder-se

Rui: se não tivermos cuidado, sim, sem dúvida. Mas, repare, as pessoas mudam tanto, o que eu sou agora, o que a Ana é agora, é uma mutação completa do que eramos aos 20! Muita coisa mudou. Nessa idade era impensável eu tocar noutro homem, pior ainda, alguém tocar nela! Alguém tocar nela! Dizer que é indiferente, não... e há a maturidade. Porque desde sempre, desde o dia em que casamos, diz a moça assim "ela é um pouco mais velha, mas ele está preparado e ela não. Ela é miúda e ele é um homem." E sempre assim foi! E a Ana é uma joia de mulher, é um bom ser humano, é uma boa mulher, tem defeitos e virtudes como qualquer ser humano, mas tem bom íntimo. Mas eu vejo que aquele confiar cegamente, isso acabou. Ela podia dizer "isto é amarelo" e eu nem olhava para ver se era amarelo claro ou escuro. E ela agora pode dizer assim "é amarelo." Apesar de eu nunca a ter apanhado a mentir, porque foi sempre honesta comigo, correta... mas eu "está bem, deixa ver...". E a Ana quanto a maturidade, não a tem totalmente. Porque, imagine que estamos ali com outro homem ou

mulher, e está com ela, e ela cega, deixa-se ir, claro que eu ao ver aquilo, preciso de um pouco de apoio, nem que seja ela a chamar-me, lembrar-se que estou ali também, mas ela não deu esse apoio, não foi capaz, não soube dar. E na primeira vez ela olhou para mim com aquele ar “pronto, agora já não volto contigo” mas eu engoli em seco, engoli o meu orgulho e disse-lhe “anda cá, vamos para casa, que eu amo-te” e ela chorou ali, e eu disse-lhe “se acertamos, acertamos, se erramos, erramos os dois...” e ela entrou em pânico “já viste o quê que fiz, sou uma puta” e eu para apaziguar as coisas comecei “epá deixa-te disso, foi muita bom, devias ter tido esta ideia há mais tempo, que isto de levar no cu é muito bom, e gostei de estar ali a chupar o gajo, aquilo é muito bom, devias ter me dado isto há mais tempo” mas ao mesmo tempo a morrer por dentro. Foi muito complicado, e é, e ela ainda hoje ainda não se apercebeu. Não por maldade, mas pela maturidade que a Ana não tem, porque a Ana nunca trabalhou a serio, ela tem empregada todos os dias, tem uma vida facilitada, e não tem perspicácia para ver que aquela ou aquela é maldoso, já vai tendo um pouco mais.

Ana: Porque não me fiz mulher sozinha.

Rui: Teve-me sempre a mim que lhe fiz tudo, protegi de tudo e escondi de tudo o que o mundo tinha de mal. E a Ana não se consegue desenrascar nem apanhar certas coisas. Quer dizer, as vezes já diz “aquele chegou-se ao pé de mim com maldade...”. Pronto, já é um avanço! Mas se lhe faltarem ao respeito, ela mete logo na linha. Abordam-nos se calhar porque eu sou muito comunicativo, não sou melhor que ninguém, não sou nada, mas as mulheres deliram quando as ouvem. Elas com a minha maneira maluca e quente de as chamar para ao pé de mim, meter conversa, fazer elogios, ficam malucas... pedem-me logo o número!

Ana: É... (cruza os braços)

Rui: mas querem me só a mim... ou só a ela! Mas não, sempre juntos. Onde um vai o outro também. Somos os mais malucos do mundo, mas sempre juntos! O bitoque é para os dois. Nos vamos à ‘festa’ só um é que vê o palhaço, não... e comemos e usufruímos os dois, de igual modo! Houve uma situação em que tivemos 12 horas com outro casal, mais de 6 sem nos tocarmos, só em jogos BDSM, e admito que me posso ter esquecido um pouco da Ana, comecei a focar-me demasiado na mulher, quer dizer, tentava junta-las, mas domina-la estava a requerer tanta atenção, talvez ela se tenha sentido um pouco de parte, a miúda desmaiou 3 vezes e tudo, e a Ana ficou ali um pouco magoada, “ah, esqueceste-te de mim” e se calhar com razão, falamos logo disso, resolvemos juntos.

Eu: e o sentimento...

Rui: sim, é o mesmo, porque houve respeito, falamos logo do assunto, com calma. Temos de saber não magoar o sentimento entre nós. Partilhamos tudo, tanto a nível sexual como quanto a comunicação. E eu sei que ela gosta assim (agarra-a pelo braço e puxa-a com força)

Ana: (ri-se)

Rui: oh, mas isto não é nada, isto são carinhos. Mas ela... ela descontrola-se, ela sai do normal quando estamos com outras pessoas, é mais forte eu ver, do que ela vê. Portanto, a mim custa-me mais! Mentalmente... por isso é q prefiro estar com um homem também, porque quando chega a hora H, eu também tenho prazer, porque ser penetrado por um homem, é uma coisa brutal. Então estar a fazer sexo com a minha mulher, e ser penetrado ao mesmo tempo, é um colosso! Lubrificas e escorre como água. Ainda por cima se tiveres 3 ou 4 horas a ser submisso, com uma vontade imensa, uma excitação fora do normal, aquele momento é explosivo. É brutal demais.

Ana: só falam do ponto G das mulheres, mas eles são mais sensíveis no ponto deles.

Rui: A Ana quando me penetra a mim, com os nossos objetos, as nossas brincadeiras, é muito melhor, é um espetáculo.

Eu: entre os dois...

Ana: sempre tivemos, por isso é que falar em sadomasoquismo e em sexo baunilha, para nós é igual. Às vezes também fazemos sexo baunilha, achamos nós, não sei se o dos outros casais é igual, mas comparando ao que normalmente fazemos, para nos é baunilha. Mas sempre fomos assim, a experimentar tudo!

Rui: exato! Por isso é que acho que a situação da mulher, é que me causou maior choque. Eu sei que o teu tema é o sadomasoquismo, mas também é sobre a nossa relação certo? E acho que a entrada de outras pessoas perturbou mais a nossa relação, do que qualquer pratica BDSM que tenhamos tido antes. Pronto, há alturas em que estamos mais em baixo, e a nossa prática sexual diminui, ou porque temos stresses com o trabalho ou com o filho

Eu: e mesmo aí, a vossa conexão...

Ana: claramente está lá. Não precisamos obrigatoriamente de sexo, de BDSM, de swing ou de menáges para estarmos bem como casal. Não.

Rui: Não. Nós já temos uma grande ligação, para lá de sexo. Quer dizer, não dá muito jeito passar muito tempo... ressentimos nos, mas é assim, vou ser franco, se agora já não houver mais nada, muito bem, para mim está tudo bem na mesma

Ana: e para mim também.

Rui: se eu nunca mais tocar num gajo, se nunca mais tivermos práticas sadomasoquistas com outras pessoas, se formos só os dois, tudo bem na mesma.

Ana: porque nós sabemos o que fazer entre os dois... mas digo-lhe já uma coisa que eu nunca pensei, eu tinha uma ideia muito errada, antes disto tudo, eu pensava que os homens eram tido uns bichos, porque eles falam que aquilo era uma coisa, que chegavam ali e arrebatavam tudo. Quais quê? São, são mixurucas mesmo, mixurucas. Falam, falam, uma pessoa faz tipo BUUH! E eles assustam-se logo. Eles falam, falam, falam, mas não fazem nada. Pronto, basicamente é isto!

Rui: É assim, na minha opinião, desde que o casal entre si seja honesto, seja correto um com o outro, se nem para a parte dele nem para a parte dela for uma necessidade que anule o gostarem de estar juntos, eu acho isto saudável, pode ser saudável. Por exemplo, ela dizer-me “hoje está-me a apetecer... estar mos com mais um gajo” e eu respondo lhe “não filha, para ti hoje tinham de ser 5” epá mas é normal, o falarmos sobre isso, o apetecer. Mas agora quando há aqueles histerismos, tudo o que é em exagero... não é nada. Se o casal não está bem entre ele, se não está resolvido entre ele, ter estas experiencias, tanto sadomasoquistas como swing, não vai melhorar em nada. Ou então aqueles que não se separam por causa dos filhos, é a mesma coisa. Ah, aliás, inclusive os miúdos sabem!

Eu: têm filhos?

Ana: temos um filho mas criamos um sobrinho também.

Rui: A gente tem dois, parimos um mas temos dois, que é igual. Eles sabem!

Ana: Um 18 e outro 17.

Rui: O nosso filho uma vez perguntou à mãe “oh mãe, mas o pai bate-te? Ou tu bates no pai? Isso é violência doméstica.”

Ana: tive de lhe explicar que não poderia ser considerada violência doméstica, porque era algo que fazíamos porque queríamos, por vontade própria, e que fazia parte da nossa vida sexual e que mais tarde ia entender. Era novinho ainda, tinha os seus 12 ou 13 anos.

Rui: Sim, outra vez perguntou lhe também “mas ó mãe explica-me lá, mas agora o pai é paneleiro?”, alias, não “mas tu és fufa?”. Não nãaa... não, eu gosto também e ele “ah eu gosto só das gajas”. Pronto, está bem, quero é que sejas feliz.

Eu: faziam perguntas...

Ana: muitas! O meu filho sempre, sempre me questionou de tudo desde pequeno. O meu filho chegou aquela fase de descoberta do menino e da menina, em que a maior parte dos pais se escondem ou escondem. Eu nunca omiti nada ao meu filho, sempre lhe expliquei tudo com uma linguagem adequada à idade dele. E quando passou aquela fase, que sempre tomou banho comigo e com o pai a mesma coisa, e chegou aquela fase em que via, muitas vezes metia-se debaixo das minhas pernas para ver o que era aquilo. Tanto é que nós quando ele era pequenino dizia “ó mãe hoje vou dormir convosco” e o pai dizia-lhe assim “olha, agora vais para o teu quarto, estás um bocadinho a ver televisão, que a mãe vai estar um bocadinho com o pai, vamos brincar um bocadinho. Quando podermos, vamos lá chamar-te” e ele já sabia, ele ia para o quarto dele, punha a televisão mais alta e às vezes que demorávamos mais um bocadinho, gritava lá do quarto “já posso ir?”

Rui: mas às vezes entrava! Uma vez entra, fica a olhar e diz assim “agora é a minha vez!”. Nãooooo, é só para o pai, para ti é só assim beijinhos na cara, tu e a mãe é assim, anda cá, só beijinhos na cara.

Ana: Sempre foi assim. A educação que nós demos ao nosso filho, sempre foi assim. E pronto, o nosso sobrinho já está connosco há dois anos, e vem de uma educação totalmente contraria. E habituar-se ao que está ali, foi um bocado complicado. O meu filho tem 17 anos, leva para lá a namorada que já lá passou um mês, a dormir juntos. Quais são os pais que deixam a namorada ir lá para casa, e estar lá à vontade.

Rui: “ó pai posso cá trazer uma amiga do facebook?”, “Epá, podes!”. E estamos todos a almoçar e ele diz “vocês hoje à tarde têm de sair mesmo... até às 20h!” e eu digo, não há problema nenhum, já sabes se quiseres preservativos estão na minha mesa-de-cabeceira, assim e assim e ele “não há problema, já fui buscar e já tenho aqui”. Até o meu sobrinho já pediu a casa “epá vocês hoje não venham que temos um almoço romântico”. “Está bem, a gente vai pra fora, não há problema...”. Epá, e acho que somos excelentes pais, não sou melhor que ninguém, tenho os meus defeitos. Tenho consciência que sou capaz de matar, pela minha família.

Ana: é de tal forma, que eu vejo que não há ali algum problema de se dirigirem a nós com o quer que seja, uma coisa que não existe entre muitos pais e filhos. Eles têm toda a liberdade, porque eles não são burros. Se não aprenderem connosco, aprendem por ai! Vão aprender na mesma, quer queiramos quer não.

Rui: e repare, o sexo é na cabeça, como tudo na vida. Não é porque uma mulher gosta de mulheres que tem de ser macho, e não é por um homem gostar de homens, que têm de ser “aiiiii” (gesticula). Isso não é ser homossexual, isso são aberrações que não sabem aquilo que são. Eu gosto muito de mulheres, mas figo já, também gosto dos homens, é igual! Tenho aqui uma tatuagem, este diamante roxo, quer dizer bissexualidade! É a este ponto. Agora, eu sou homem. Os melhores guerreiros, que conquistaram a europa toda, que eu até já soube o nome daquela tribo, no tempo dos romanos! Eles eram incentivados a terem relações sexuais entre eles. O quê que acontece, ganha-se um elo, ganham carinho, ganham afeto, tu és meigo, dás-me amor, dás me carinho, dás-me sexo e amor! O calor, o quente, é uma vez, é duas, é três “eu vou-te proteger na batalha”. Foram os melhores guerreiros, sabia?

Ana: defendiam-se uns aos outros com unhas e dentes. Porque ganhavam elos muito fortes

Rui: sabe o que acho? Acho que duas mulheres nunca ficam satisfeitas, uma com a outra! Porque falta ali algo, elas têm de recorrer a dedos, a vibradores, a brincadeiras, para se satisfazerem, substituir o homem de algum modo. Enquanto dois homens, se satisfazem totalmente, só os dois. E digo-lhe, com a idade que eu tenho neste momento, se houvesse um divorcio, e pensar, vou me casar ou juntar, dificilmente isso aconteceria. Porque eu sou muito perfeccionista, eu gosto tudo no meu sitio e quanto a isso, sempre vivi contrariado. Mas está tudo bem! Ela esta feliz, eu estou feliz, estamos felizes, há coisas que compensam, mas sou muito “isto não é para estar aqui, é para estar assim” (exemplifica com chaves do carro). Chego lá e se vir aqui, meto logo assim. Não sou doente! Mas eu é que trabalhei, foi com o meu dinheiro, são as minhas coisas é como eu quero. Já dou uma margem de erro, daqui para aqui. Porque ela também tem os sentimentos e vontades dela, mas não é ali! E é esta a nossa maior guerra. Porque ela quer o cão e eu odeio, mas está tudo bem.

Ana: sim!

Rui: Por isso mesmo, na eventualidade de haver um divorcio, eu teria a minha casa, com as minhas coisas, organizadas da minha maneira, recebia pessoas, gajas e gajos, as namoradas e os namorados, o mais curioso é isso. Porque no inicio eu pensava, é só com a Ana, não há problema. Nem por isso, é mentira! Eu gosto mesmo de estar com homens, hoje é uma gaja

amanha é um gajo, ou um casal! Uma maluqueira seria. Disso eu não abduco. Mas o nosso sentimento é forte, tenho uma mulher espetacular, é verdade que o sentimento tem se alterado, ela para mim foi sempre o “ai Jesus”. Meu e de toda a gente! Imagine, agora já não é, já não está naquele pedestal em que a coloquei. Por muito que me custe, já não é. Eu carregava-lhe a mala do ginásio, agora digo-lhe “carrega-a tu!”. Coisas aparentemente insignificantes... porque ela nunca carregou a mala do ginásio, começou a carregar! Foi inconsciente, porque nem me dei conta. Do tipo, és mulher para umas coisas, és mulher para muitas mais! Mas eu sou uma pessoa que fala logo, não guarda, resolvo logo o assunto... às vezes digo-lhe “estás me a faltar com afecto, com amor” e ela diz “mas eu amo-te”. E eu sei, mas eu preciso de sentir, porque a cabeça não para e tem de se falar. Porque imagine o quão complicado é, ver a minha mulher, que eu amo, ali a ‘mamar’ na boca de outro gajo cheia de vontade, e eles não estão a ‘pinar’, ela está mesmo apaixonada. Isto mexe com um gajo!

Ana: oh...(cruza os braços)

Rui: ela diz que não, deixa-a falar, ela não é mentirosa mas está-se a enganar a ela própria, olhe para ela, toda corada, porque o corpo trai a gente e eu sou muito estúpido. E aquele gajo nela é o viagra

Ana: ah, viagra é! (ri-se)

Rui: mas não é só pelo sexo, a paixão, aquele calor... ele é muito meigo. Com ele não foi sexo, foi amor. O que eu sinto por esse rapaz também, porque eu já lhe toquei, também já estivemos juntos, é diferente de tudo. E ele sente igual. Ele sente por ti, por mim

Ana: então pronto...

Rui: às vezes tenho de me agarrar, para não me atirar para cima dele

Ana: é ele que consegue despertar isso

Rui: nos os três temos essa química, e ele é um ganda maluco, alinha nas nossas coisas mais estranhas, mais hardcore, adora! Fica louco! Mas é nesta dinâmica, os três. No meio disto tudo, o que eu acho que é mau são os sentimentos. Mas quando respeitamos isso, tudo corre bem.

Eu: as vossas praticas e a vossa vida amorosa?

Ana: Separamos muito bem as coisas, alias, se calhar é por isso que não discutimos muito, às vezes quando estamos mais stressados por alguma situação, com mais raiva, liberta-nos muito

Rui: sim. Mas quanto a isso, como pode ser algo soft... umas velas, gelo... como podemos adoptar praticas mais serias, acorrentar-nos durante horas, amordaçar, pisar, temos palmatorias de vários géneros... agora, conhecemos nos muito bem, sabemos bem os limites um do outro, sabemos o quê que o outro adora, o que o outro naquele dia precisa, e tentamos dar isso! E é fantástico. É muito bom! Já fizemos tudo o que possas imaginar. Mas acho que o sadomasoquismo pode passar pela sexualidade de toda a gente, de um modo ou de outro, curiosidade, experiencias, propostas em que se alinha numa de experimentar... mas depois vais subindo a parada, e experimentas isto e mais aquilo, até que já não é o suficiente, e vamos experimentar mais. Apesar de já termos feito trinta por uma linha, tenho a certeza que ainda temos muito para experimentar, e tencionamos fazê-lo, manter-nos activos. Não só porque sim, mas porque gostamos!

Ana: (ri-se)

Rui: a diferença aqui, é que vemos muitas pessoas, com estas praticas, que nem sequer chegam a ter um orgasmo... é valido! O prazer que a tortura e a dor lhes trás já é suficiente. Entendo! Também tenho esse prazer... mas a Ana é minha mulher... alias! Nem eu nem ela abdicamos de, depois de tudo aquilo que fazemos, ter sexo puro e duro! Agora, a Ana costuma ter orgasmos como submissa...

Ana: sim, é verdade... porque fico muito sensível. É assim, ele bate-me em determinadas zonas, com a palmatoria ou com o chicote, seja o que for... e eu fico com a pele, o corpo todo, muito sensível. Até que há uma altura que me toca... no sitio certo (ri-se) e pronto, não aguento!

Rui: tem orgasmos longuíssimos, como se fossem orgasmos em plenos acto sexual dito "normal". Com uma simples batida, na altura certa, no sitio certo. Um gajo sabe, um gajo já conhece bem, o que tem de fazer... nos temos muita química! Dizer-lhe que não? Nunca! Eu faço de tudo por esta mulher. Experimentar, sim! Se não tivesse gostado, não voltava a repetir, pronto. Mas eu gostei! Não sei se é por ser proibido. E o que me deixa louco, é fazer sexo oral a um homem, é extraordinário

Ana: mas isso és tu que és muito oral! (ri-se) em todas as circunstâncias, vais logo de boca, metes-te logo de joelhos, rezas logo. És muito religioso!

Rui: opá, ó filha, gosto!!

Ana: e depois elas sabem, e vêm atrás!

Rui: epá, pois vêm, tenho este ar de rude, mas sou muito honesto, respeito, sou brincalhão por natureza, sem segundas intenções, sou meigo... mas às vezes andam ali a chatear, e quando não concordam que seja com os dois, para mim está fora de questão! E chateiam-se a serio, zangam-se... mas eu tento respeitar a pessoa ao máximo!

Ana: primeiro afastavam-se... todos uns falsos! Agora correm atrás.

Rui: há os gajos que vêm ali andar a volta dela e tal...

Ana: sim, mas normalmente quando eu falo para eles... desaparecem, metem o rabo entre as pernas. Sou muito directa! Digo logo, queres, eu também quero, vamos? Desde que haja acordo entre os 3!

Rui: sim, andam la muitos, com muita conversa, quando dizemos “bora lá” engasgam-se todos, fogem, ficam meses sem aparecer! E são eles que nos abordam. Então?

Ana: (ri-se)

Rui: nos chegamos a ter uma relação mesmo a três, ele vivia lá em casa e tudo, toda a gente sabia. A Ana dizia “vou para casa ter com os meus 2 namorados”. Era mesmo assim! Um espetáculo. E estávamos optimos, falavamos, tudo. Depois lá acabou, mas porque as vidas tiveram caminhos diferentes. Mas na boa, correu tudo bem, tranquilos, nunca perdemos o nosso interesse um pelo outro, sempre nos amamos muito, tivemos sempre tesão, desejo entre nós, carinho, muito meigos um com o outro. Muuuuuito brutos quando é necessário, mas sempre nos fomos entendendo, encaixando, graças a Deus. E quanto à entrada de terceiros nas nossas relações, gajos ou gajas, as vezes não é necessário, porque não há ninguém que me coma por trás melhor que a Ana. Porque aguenta né? Um homem quando se vem para, ela é um espetáculo, faz aquilo como deve ser! Há essa necessidade... e é muito bom! Somos felizes.

Ana: e as nossas discussões, ao contrario do que se possa pensar são por exemplo, porque sou desarrumada, ou porque o cão está sempre a entrar e a sair e a patinhar a casa toda, basicamente é isto, são as discussões do costume.

Rui: sim, digo-lhe logo que é uma badalhoca! E é assim, as vezes sou bruto, posso-lhe chamar puta, e ela diz “estas me a chamar isto porque isto e aquilo” não! Que eu já chamava antes disso, é porque isto está tudo desarrumado! Não é o sexo que trás problemas, é o antes e o depois. Eu tive uma vez uma discussão com a Ana, porque ela agiu que nem uma criança. Havia uma mulher, uma amiga nossa, loucura de mulher, quente, tesuda... um espetáculo! E eu estava sozinho com ela e outro casal amigo, a Ana vinha ter connosco mais tarde, íamos todos sair, o

marido dela estava fora. E ela passa-se mete-se toda nua ao meu colo a dizer que sabia que a minha mulher não se importava porque fazíamos sexo com outras pessoas. E eu louco para a comer. O quê que eu fiz? Peguei no telemóvel, liguei para a Ana e perguntei, como é que fazemos, vens cá ter, marco para outro dia? E ela responde-me do modo mais estúpido, mais criança, falta de maturidade “faz tu! Tas aí faz tu”. E eu tipo, o que? Então tu fazias o mesmo! Não era isso que eu queria ouvir, era se te ia buscar, se íamos aí ter! olhe, digo-lhe, vamos estar sossegados, encontramos nos os três, só os três, ninguém precisa de saber, porque aquele casal ia dar com a boca no trombone. Decidi que era melhor fazer aquilo como deve ser! E foi muita giro, eu mal a vejo finalmente ali, e posso usufruir dela, 12 horas, fizemos tudo! Entrou nos nossos jogos sadomasoquistas, nunca tinha experimentado, adorou! Atenção, foi ela que PEDIU para experimentar, porque não pressionamos ninguém, estão todos à vontade.

Eu: com todas as experiências que já tiveram, com tudo o que já se passou nestes largos anos de casados, como se encontra a vossa relação?

Ana: estável, é como o Rui diz, podemos ter tido alguns choques, tanto eu como ele. Mas sim!

Rui: estável, feliz, satisfeito, esta mulher dá-me tudo o que posso querer, e eu dou-lhe tudo o que posso dar, tudo! Não há nada que eu lhe diga não, nada! Garanto, eu amo-a, ela ama-me, somos felizes, e as praticas BDSM ou o swing, foi apenas um acrescento à nossa vida, por opção, porque aconteceu, porque nos apeteceu. Não por uma obrigação, portanto acho que assim as coisas correm bem! O respeito é a base de todo um relacionamento saudável. O resto é conversa.

## ANEXO B - Protocolo Rorschach Conjunto, Rui e Ana, 40 anos

T.T. 16.20'

	R: Rui	A: Ana
<hr/> <b>I</b> <hr/>		
2''		
R: Eish, para quem tem tatuagens isto é um bocado esquisito... (ri-se) O quê que vemos aqui?	Eq. choque	
A: 1) Dois anjos.		G F+ (H)
R: 2) Isto é um anjo, isto é outro. São dois anjos, de frente um para o outro.	G K (H)	
R: 3) Pá, como pode ser uma daquelas mascararas, nas tatuagens há muito isso, aquelas esquisitas, não é?	Gbl F± Obj	
A: Para mim, a primeira impressão, foram dois anjos virados um pó outro. Pronto! Face com face		
R: está a ver aqui a divisória? Estão os anjos virados frente a frente. Foi logo o que eu me apercebi.	Obs. Simetria	
< V		
A: (Ri-se)		
R: Pá, isto cada imagem pode dar muita coisa		
A: (Ri-se) É melhor ver só de uma maneira se não ficamos confusos (Ri-se)		
R: Mas o que me veio logo à cabeça foram os anjinhos		
A: A mim foi		

---

R: mas assim já não

A: 4) assim parece quase um pulmão  
(ri-se)

G F- Anat

R: 5) Aqui em baixo parece a entrada  
de um ser humano

D F- Sx

A: Sim.

R: 6) curioso. Isto não será como o  
mundo? Bom, mas a primeira coisa,  
pela maneira como a prancha estava,  
são anjos.

G F- Geo

A: Sim, sem duvida, são anjos.

1.34'

---

## II

---

2''

A: 7) Ai, aqui parecem gnomos (ri-se)  
que estão a cuscar um com o outro

G K (H)

R: É curioso, porque isto há de ser  
tudo...

A: menos o que a gente pensa!

R: 8) Quem fez isto sabe o que é isto.  
Porque aqui pode-me parecer dois  
elefantezinhos aqui com a trombinha  
no outro, não achas Ana?

G Kan A

A: Sim, mas ai o vermelho de cima  
deixaria de ter grande logica.

R: Sim, mas isso é outra coisa. Opá,  
pode ser tanta coisa...

A: Faz me lembrar logo os gnomos  
smurfs, mal olhei para ali (ri-se)

---

R: (pega no cartão, vira-o varias vezes) É curioso, a mim faz me lembrar dois elefantezecos

A: Pronto, são os dois elefantes. para mim são os smurfs mesmo (ri-se)

R: 9) Mas isto parece-me muita coisa do ser humano, partes. A bacia, temos aqui uma bacia...

G F- Anat

R: Não sei se concordas, mas estas duas ultimas, pelo menos, na minha opinião, o que isto será... isto pode parecer muita coisa que isto não está definido... mas parece ser partes do corpo humano. A bacia, parece-me pá.

R: 10) Ou ver o mapa mundo em plano

G F± Géó

A: Eu para mim fico-me pelos smurfzinhos, tá ótimo. Se tu queres ir prai, para a parte do útero, tudo bem

Crítica

A: 11) Pode ser um útero um bocado desgastado, coitadinha, com muito sangue.

D F- Anat/Sang

R: Mas isto que aqui está é do corpo humano.

A: Pronto, mas isso é uma imagem muito ensanguentada.

Obs. Cor

R: Sim, mas a ideia vem dai, ponto! Não tenhas duvidas nenhuma, e acerto o Euromilhões.

A: Ah, mas não estou a tentar acertar em nada, só me perguntam o quê que eu vejo e eu... é isso!

4.06''

---

---

---

### III

---

1''

A: 12) Ai, aqui parecem aqueles pretos!

G K H

R: ya... mas lá está o curioso, isto vai dar tudo ao mesmo sitio! Ponto! Isto em toda a parte é o ser humano, não falha!

R: 13) mas sim, isto são dois 'blacks'

G F+ H

A: É, a mim pareceu-me dois blacks

R: Mas não é... isto é uma parte de um ser humano! Mas pronto, o que parece ser é isso...

R: 14) Opá não sei, a mim parece-me a bacia, não parece?

G F- Anat.

A: Ai outra vez?

Critica

A: estas coisas parecem-me um pouco fora do sitio! (Dvermelho)

Obs. cor

R: também faz parte do corpo humano. Podia estar errado, mas não estou... acho que não.

1.40''

---

---

### IV

---

1'

A: Muito negro...

Eq. Choque (Negro)

V

R: 15) Isto é curioso... (bate com a prancha na mesa) isto parece assim aquelas caveiras daqueles búfalos.

G F+ Ad/Anat

R: Isto é qualquer coisa tribal

---

R: que às vezes vemos nos filmes,  
aquelas caveiras dos búfalos, é a  
primeira coisa que me dá.

R: 16) Ou então uma pele estendida no  
chão, de um animal. G EF Ad

R: 17) Uma coisa ou outra. Mas  
continua a parecer uma parte do corpo  
humano. G F± Anat

A: não, esta não

R: para mim, não falha.

A: deve estar aí escondido.

R: Sim, mas eu esto a ver num todo.  
Se estivesse a ver os pormenores,  
estávamos aqui 2 semanas.

A: não, isso parece qualquer coisa  
tribal, tipo não sei, uma mascara, uma  
coisa assim...

1.25'

---

## V

---

1''

A: 18) Ai, é um morcego (ri-se) G F+ A Ban

R: o que dá logo é um morcego

A: um 'batemeuma' (ri-se)

R: opá tu... não é normal.

A: ai, ai... mas é um morcego

R: 19) é um morcego, nítido. G F+ A Ban

30''

---

## VI

---

A: Bem, que coisa tão esquisita... Choque

---

---

20''

A: 20) Parece só uma coisa  
derramada...

G kob Elem.

R: 21) Parece um animal, um bicho,  
por causa aqui das pontinhas... parece

Dd/G F- A

(silêncio)

Eq. Choque

A: A mim parece-me que foi qualquer  
coisa que foi ai derramada, um liquido  
que foi ai derramado

R: olha, eu não sei... parece um  
abstrato, não parece nada.

A: pois, não é nada de concreto.  
Parece que foi uma coisa derramada  
ai, não sei.

R: nada... (devolve o cartão)

Recusa

1.10'

---

## VII

---

5''

A: 22) Ai opá, eu estou sempre a ir  
para os bonecos, não sei porquê (ri-se)  
a sério!

G F± (H)

R: 23) Se não fosse isto aqui ao meio,  
pareciam nuvens.

D EF Nat.

A: 24) Não sei, olhe, eu olho para isso,  
sei que não tem o nariz comprido, mas  
lembro-me do Pinóquio (ri-se)

D F± (H)

A: Ou o Peter Pan. Por causa aqui do  
chapeu, faz me mesmo lembrar assim  
qualquer coisa desse tipo.

R: 25) Então são dois peter pans.

D F+ (H)

---

---

A: 26) Estão a olhar um para o outro,  
estão a voar, por cima das nuvens.

D K H

R: mas isso é nítido.

VΛ

A: não... é o peter pan, pronto.

R: É.

A: porquê que isso é assim tipo  
espelho? Estranho...

Obs. Simetria

1.20''

---

### VIII

---

2''

R: 27) Eu acho que elas são todas  
parecidas... Muito idênticas aos  
quadris, aqui, à bacia. Visto de  
ângulos diferentes...

G F± Hd Anat

R: 28) Mas parece um lagarto  
também...

D F+ A

A: 29) É, parecem dois animais

D F+ A Ban

R: 30) Dois camaleões.

D F+ A

A: Tipo isso... isso faz lembrar dois  
bichinhos...

R: 31) (aponta para o todo) o todo... é  
a bacia! Os pulmões, a bacia.

D/G F ± Hd Anat.

A: 32) Aqui é a parte da bacia, ali é a  
parte dos pulmões, e aqui a parte do  
pescoço, dos braços...

G F± Anat

R: talvez seja

A: está bem... também pode ser.

---

## IX

12''

R: Porra, que coisa esquisita... porque é assim, as respostas vão ser analisadas... Critica Objecto

A: 33) Isto parece quase um calice de água, a mim, a meu ver parece quase um calice. Dbl CF Obj./Élem.

R: e é. Parece mesmo.  
V>Λ<Λ

R: olha... esta está a fintar a gente. Tentativa Recusa  
(silêncio)

R: 34) Parecem uns lagostins? Uns camarões, parece. D FC A

A: 35) (Ri-se) ai opá. Já agora o verde era a alface. Para os lagostins não irem sozinhos no prato. D CF Divers

A: não, isto pra mim é um calice, pra mim... ai ao meio é um calice.

A: 36) Com fogo, ou luz à volta. D kob Elem.

R: com a alface, os lagostins

A: 'tou com fome (ri-se)

R: parece-me ser. Mas é complicada uma definição certa. Critica Subjectiva

R: 37) isto pra mim é tudo mulheres D/G F- A  
1.52'

## X

1''

R: Pois lá está... Eq. Choque

---

A: Ai, opá!		Eq. Choque
R: 38) Na, isso são seres humanos.	G F± H	
R: 39) Faz-me lembrar a caixa torácica. Faz me lembrar logo, não sei porquê...	G F- Hd Anat	
A: esta talvez seja a mais evidente, não sei.		
R: Esta é mais evidente porquê? Por ter cores?		
A: não, não sei...		
R: são quase todas iguais!	Critica Objecto	
A: não. Pra mim, pra mim é. Pra mim...		
A: não sei, porque as outras, a primeira impressão que tive, associei a uma imagem completamente diferente do que associo esta...		
R: É as cores.	Obs. Cor	
A: ou por estarem as coisas mais distantes...		Critica Objecto
R: acho que sim.		
A: 40) Tipo aqui o tronco		D F+ Hd Anat.
R: posso estar enganado... V	Critica Subjectiva	
R: 41) aqui pode ser uma borboleta, tanta cor, tanta junção	G CF A	
A: 42) Não, cá está a tal parte aqui da bacia, parte do coração e dos pulmões,		D/G F- Hd Anat.

---

---

parte aqui do externo, talvez o externo,  
aqui esta parte aqui pra cima. Uma  
coisa assim, não sei...

R: o azul... está pa enganar!

Obs. Cor

A: sim, é só pra enganar (ri-se)

R: 43) Pra mim é... corpo humano

G F- A

A: Sim, essa talvez sim, seja isso, não  
consigo ver ai mais nada.

2'

---

### ANEXO C – Psicograma Rorschach Conjunto Rui e Ana, 40 anos

R	43	G	26	60,5%	∑F	30	H	4	F%	69,8%
Rec.	0	Gbl	1		[+	10]	Hd	5	F+%	48,3%
					[-	11]	(H)	6		
T.T.	16,20''	D	13	30%	[±	9]				
T/R	23''	[Dbl	1]	2%			A	10	Fa%	
T/Lm	10,6''				CF	3	Ad	4	F+a%	
					FC	1				
							Anat.	12	A%	32,5%
					EF	4	Sang.	1	H%	21%
							Geo.	2		
					K	4	Obj.	2	Ban	3
					kan	1	Elem.	3		
					Kob	2	Diver.	1		
							Sx.	1		
							Nat.	1		

**Tipo de Sucessão:** Incoerente == =

**Tipo de Apreensão:** G D Dd Dbl

**T.R.I.:** 4 K / 3,5 ∑C

Tipo Extroversivo Misto

**F.C.:** 3 k / 4 ∑E

Tipo Introversivo Misto

**RC%:** 39,5%

**IA%:** 44,2%

#### Elementos Qualitativos

- Equivalente de Choque (5)
- Critica Subjectiva (2)
- Critica Objectiva (6)
- Obs. Cor (3)
- Obs. Simetria (1)
- Critica (2)
- Tentativa de Recusa (1)

**ANEXO D – Psicograma Rorschach Rui, 40 anos**

R	26	G	19	73%	∑F	20	H	2	F%	76,9%
Rec.	0	[Gbl	1]		[+	6]	Hd	3	F+%	45%
					[-	8]	(H)	2		
T.T.	16,20''	D	6	23%	[±	6]	A	8		
T/Lm	10,6''						Ad	2	Fa%	
					CF	1			F+a%	
					FC	1	Anat.	7		
							Geo.	2	A%	38,5%
					EF	4	Obj.	1	H%	19,2%
							Nat.	1		
					K	1	Sx.	1	Ban	1
					Kan	1				

**Tipo de Sucessão:**

**Tipo de Apreensão:**

**T.R.I.:** 1 K / 1,5 ∑ C

Tipo Quartativo

**F.C.:** 1k / 4 ∑ E

Tipo Extroversivo Misto

**RC%:** 38,5%

**IA%:** 42,3 %

**Elementos Qualitativos**

- Tentativa de Recusa (1)
- Equivalente de Choque (3)
- Critica Subjectiva (2)
- Critica Objectiva (5)
- Obs. Cor (1)

**ANEXO E – Psicograma Rorschach Ana, 40 anos.**

R	17	G	9	53%	∑F	10	H	2	F%	58,8%
Rec.	0				[+]	4]	Hd	2	F+%	55
		D	7	41%	[-	3]	(H)	4		
T.T.	16,20''	[Dbl	1]	6%	[±	3]	A	2		
T/Lm	10,6''								Fa%	
					CF	2	Anat.	5	F+a%	
							Sang.	1		
					K	3	Obj.	1	A%	35,3%
					kob	2	Elem.	3	H%	23,5%
							Diver.	1		
									Ban	2

**Tipo de Sucessão:**

**Tipo de Aprecensão:**

**T.R.I.:** 3 K / 2 ∑ C

**F.C.:** 2 k / 0 ∑ E

**RC%:** 41,2%

**IA%:** 47%

Tipo Introversivo Misto

Tipo Introversivo

**Elementos Qualitativos**

- Equivalente de Choque (2)
- Critica Objectiva (1)
- Obs. Cor (2)
- Obs. Simetria (1)
- Critica (2)

## ANEXO F – Valores normativos na prova Rorschach

### VALORES NORMATIVOS NA PROVA RORSHACH

<b>Escola Francesa</b>	
Total de respostas	20-30
Tempo total	20'-30'
Tempo por resposta	45''-60''
G	20%-30%
D	60%-68%
Dd	6%-10%
Dbl	4%-6%
F%	50%-70%
F+%	70%-95%
F-%	<30%
A%	53%-50%
H%	12%-18%
Banalidades	5-7
Índice de Angústia	12%-15%
Índice Reacção à Cor	30%-40%

(Chabert, 2003; Traunbenberg, 1970)